AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

VIAGEM À COMARCA DE CURITIBA

(1820)

BRASILIANA

VOLUME 315

Nenhum viajante estrangeiro goza entre
ıós do merecido prestígio de Auguste de
Saint-Hilaire, cujo nome completo era
Augustin François César Prouvençal de
Saint-Hilaire. Nenhum como êle obser-
rou com mais amor a terra que percorreu,
eunindo à agudeza e vivacidade do gênio
atino a precisão e minúcia do espírito cien-
ífico de que se orgulham os sábios ger-
nânicos. A todos os viajantes estrangeiros
le ultrapassou "não só pela extensão das
iagens, mas principalmente pela vastidão
la obra dela resultante, a certos respeitos
or nenhum atingida." São palavras de
Tobias Monteiro proferidas no Museu Na-
ional em 6 de outubro de 1928. "Falta uma
dição nacional de todo êsse monumento",
eclama o insigne historiador ao encerrar
eu discurso, que bem poderia servir de
órtico a uma edição digna de tão grande
utor.

Orgulha-se esta coleção *Brasiliana* de ter
ontribuído, mais que qualquer outra, para
divulgação da obra do grande sábio.
)rdenou Saint-Hilaire a narrativa de suas
iagens em quatro partes:

I — A 1.ª parte compreende a *Viagem
elas províncias do Rio de Janeiro e Minas
Gerais* (Paris, 1830). Traduzida por Clado
ibeiro de Lessa, está publicada nesta cole-
io (n.º 126, 1938).

II — A 2.ª parte é a *Viagem pelo distrito
os diamantes e litoral do Brasil* (Paris,
883). Compreende o vol. 210 desta coleção,
aduzido por Leonam de Azeredo Pena
1941), completado pelo vol. 72 (*2.ª viagem
interior do Brasil: Espírito Santo*), ver-
do por Carlos Madeira (1936).

III — Compreende a 3.ª parte a *Viagem
nascentes do Rio S. Francisco e pela
rovíncia de Goiás* (Paris, 1847-48). Igual-
ente em tradução de Clado Ribeiro de
essa acha-se nesta coleção sob os n.ºs 68
78 (1937).

(continua na outra dobra)

VIAGEM À COMARCA DE CURITIBA

(1820)

BRASILIANA

Volume 315

Direção:
Américo Jacobina Lacombe

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

VIAGEM À COMARCA DE CURITIBA

(1820)

tradução de

CARLOS DA COSTA PEREIRA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Do original francês

Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine

TOME SECOND

(Capítulos XIV a XXII)

Publicado por

Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur
Paris, 1851

*

Esta tradução é relativa à obra de Saint-Hilaire sôbre a antiga Comarca de Curitiba, atual Estado do Paraná.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639 – São Paulo 2, SP

1964

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

Descrição dos Campos Gerais[1]

A Araucaria Brasiliensis. — Rios e ribeiros; caldeirões. — Existência de diamantes em vários rios e suas margens. — Salubridade. — Quase todos os habitantes dos Campos Gerais são brancos; seus característicos e os de suas mulheres; seus costumes; suas boas qualidades; sua ignorância. — O comércio de animais. — Todos os proprietários vivem em suas fazendas. — Casas; mobiliário. — Reduzido número de escravos. — Preguiça. — A vida dos homens pobres. — Enorme quantidade de gado; seu preço; leite, manteiga e queijo; o sal na criação do gado e como o distribuem; bezerros; o rodeio; castração. — Criação de cavalos; a maneira de domá-los. — Carneiros; como são tratados. — Pastagens, macegas, verdes; queimadas. — A agricultura, a fecundidade do solo; o uso do arado; o milho; o algodão; o feijão; o trigo; o arroz; o linho; o fumo. — As árvores frutíferas: figueiras, vinhas, pessegueiros, cerejeiras, ameixeiras, macieiras e marmeleiros, pereiras, bananeiras. — São os Campos Gerais a melhor região do Brasil para o estabelecimento de colonos europeus.

Os *Campos Gerais*, assim denominados graças à sua enorme extensão, não constituem uma comarca nem tampouco um distrito. São êles como essas regiões que em todos os países, independentemente de divisões políticas,

(1) Será ocioso dizer que não se devem confundir os Campos Gerais do sul da Província de São Paulo com os extensos campos do mesmo nome tão bem descritos pelo príncipe de Neuwied (*Reise*, II, 179), e que, começando no limite da região das florestas na Província da Bahia, vão unir-se aos sertões de Minas, Pernambuco, Goiás, etc. — (S.-H.). — Da obra do príncipe de NEUWIED, veja-se a trad. de Edgar Süssekind de Mendonça e Flávio Pope de Figueiredo, refundida e anotada pelo Dr. Oliveira Pinto — *Viagem pelo Brasil*, 388 — publicada pela Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1940. — (N. do T.)

se distinguem pelo aspecto, natureza do solo e sua produção, e cujos limites vão até onde desaparecem as características que sugeriram a imposição de nomes particulares e daí por diante deixam de ter aplicação. Começam os Campos Gerais à margem esquerda do Itararé. A região é muito diferente da que a precede, a nordeste, e termina a pouca distância do Registro de Curitiba[2], onde o solo começa a diferençar-se e, às aprazíveis paisagens, sucedem-se sombrias e majestosas florestas.

Inegàvelmente, são êsses campos uma das mais belas regiões por mim percorridas desde que chegara à América. Não têm êles a planura monótona dos campos de Beauce; nem por isso, entretanto, são as ondulações do terreno tão acentuadas que não permitam divisar-se enormes extensões de pastagens até onde a vista possa alcançar. Nas depressões do terreno surgem, esparsas, manchas florestais em que predomina a útil e majestosa araucária, cuja côr escura contrasta com o verde suave da relva. De quando em quando, deparam-se-nos, nas encostas das colinas, rochas à flor da terra, de onde cascatas se precipitam nos vales. Inúmeros muares e bovinos pascem no campo, dando vida à paisagem. As raras habitações são bem conservadas e circundadas de modestos pomares de macieiras e pessegueiros[3]. O céu não é tão deslumbrante como nos trópicos, o que talvez seja mais conveniente à fraqueza da nossa vista.

Referi-me alhures[4] aos limites da região em que se encontra a *Araucaria Brasiliensis;* disse que essa árvore

---

(2) V. um dos capítulos seguintes.

(3) V. o meu *Aperçu d'un voyage au Brésil,* 42, ou as *Mémoires du Muséum d'Histoire des plantes les plus remarquables,* XXXIX. — (S.-H.). — Do *Aperçu d'un voyage, etc.,* veja-se a trad. de Rubens Borba de Morais, anexa à *Viagem à Província de São Paulo,* Livraria Martins, S. Paulo. — (N. do T.)

(4) *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco, etc.,* I, 84 (S.-H.), ou a trad. de Clado Ribeiro de Lessa, *Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiás,* Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936, I, 85/86. — (N. do T.)

muda de porte em suas diferentes fases de crescimento, a saber: quando nova, os ramos, parecendo quebrados, dão-lhe esquisito aspecto; mais tarde, arredonda-se como as nossas macieiras; adulta, lança-se, erecta, a grande altura, ostentando na extremidade superior um corimbo de ramos com feitio de prato, imenso e perfeitamente simétrico, de côr verde-escura; e, finalmente, acrescentei que as sementes, aliás comestíveis, e as escamas que formam cones enormes, quando atingem a maturidade, separam-se e espalham-se pelo solo. É a *Araucaria Brasiliensis*, alta, imóvel, elegante e majestosa, que mais contribui para dar aos Campos Gerais uma feição característica. Às vêzes, essas árvores pitorescas elevam-se solitárias em meio dos campos, pompeando tôda a beleza de seu porte e fazendo ressaltar, com a sua côr escura, o verde tenro da relva que se estende como um tapête sob as suas copadas. Em alguns lugares, encontram-se pequenas matas espêssas constituídas exclusivamente de araucárias, e, enquanto à sombra dos nossos pinheiros crescem apenas algumas plantas raquíticas, em meio das Coníferas brasileiras, e, em contraposição à rigidez de suas formas, vicejam inúmeras espécies de ervas e subarbustos de folhagem variegada e ramos delicados. As árvores que crescem ao lado das araucárias são geralmente de fôlhas tão escuras como as destas. Entretanto, em meio de matas limpas e procuradas pelo gado, encontra-se freqüentemente uma árvore alta que não só pelo porte, como ainda pelo aspecto, sobressai à Conífera brasileira; ao revés do pinheiro, que tem apenas alguns ramos espessos verticilados e recurvos como candelabros, ostenta a outra prodigiosa quantidade de galhos. As fôlhas das araucárias são verde-escuras, ao passo que as dessa árvore são brancas na parte inferior, assemelhando-se, vistas de longe, às do nosso salgueiro. É ela a *vassoura-de-casca preta*, assim chamada porque, a despeito do seu cerne branco, tem a casca tão preta como o ébano. Nas margens do Tibagi, já não é essa a árvore que con-

trasta com a *Araucaria Brasiliensis*, mas o salgueiro legítimo, de fôlhas estreitas, alongadas e esbranquiçadas, de ramos inclinados para o solo.

A araucária não só ornamenta os Campos Gerais, como ainda é uma árvore muito útil aos habitantes da região. A sua madeira, de raros veios côr de vinho, pode ser empregada na carpintaria e na marcenaria, e, conquanto mais dura, mais compacta e mais pesada que o pinho da Rússia ou da Noruega, certo será eficientemente aproveitada na mastreação de navios desde que se estabeleçam fáceis meios de comunicação entre os Campos Gerais e o litoral. As suas sementes, mais ou menos de meio dedo de tamanho, apesar de não serem esfarelentas como a castanha, têm o sabor que lembra o desta e são até mais deliciosas. Em épocas imemoriais, contribuíram elas para a subsistência dos índios, que as denominavam *ibá*, a fruta, ou a fruta por excelência(5). Logo que os europeus desembarcaram na costa do Brasil, procuraram conhecer a árvore que as produzia e foi com essas sementes que, em grande parte, se alimentaram os antigos paulistas nas bárbaras expedições contra o Paraguai(6). Ainda hoje, os habitantes dos Campos Gerais comem pinhões e empregam-nos na engorda de porcos. Reconhecendo a grande utilidade dessa árvore, êles respeitam-na e não a derrubam sem necessidade, caso único no Brasil, e que assinalo com muito prazer. Aliás, devo declarar que mais meritório do que não destruir a *Araucaria Brasiliensis*, seria conservar tantas outras espécies preciosas que, diàriamente, são derrubadas pelo machado do colono imprevidente.

A *Araucaria Brasiliensis*, como os nossos pinheiros e abetos, dá, de preferência, em solo arenoso, e, para os

---

(5) José de ANCHIETA, *Epist.* in *Not. ultramar.*, I, n. 111, 160.

(6) SOUTHEY, *Hist. Braz.*, II, 306 (S.-H.), — ou III, 418, da tradução de Oliveira e Castro, Garnier, Rio, 1862. — (N. do T.).

habitantes dos Campos Gerais, a existência abundante dessas árvores é indício da impropriedade do terreno para a lavoura.

Além das florestas de araucárias, rios e numerosos riachos contribuem para o embelezamento e fertilidade da região. Não deslizam êles em álveo lodoso e a maior parte, o que é digno de registro, deriva, límpida e rápida, por cima de pedras chatas, e quando a água, como acontece com freqüência, se precipita de um plano superior sôbre o que fica abaixo, produz na pedra concavidades arredondadas a que dão o nome de *caldeirões*. Em alguns dêsses rios, principalmente no Tibaji e no Caxambu, existem diamantes que as águas depositam nos caldeirões, aonde os contrabandistas vão apanhá-los. Encontra-se também essa pedra preciosa, uma das riquezas da região, nas vizinhanças dos rios e dos arroios.

Um fato muito interessante demonstra como o clima dos Campos Gerais é diferente do clima do norte do Brasil. Em 1819, houve ali tão grande escassez de víveres como em Minas, Rio de Janeiro e Goiás, todavia por causa diametralmente oposta. Foi a falta de água que nas citadas Províncias prejudicou as plantações, ao passo que naquela região a carestia se originou das chuvas torrenciais que não permitiram se queimassem as derrubadas.

De qualquer modo, não incorrerá em êrro quem, de acôrdo com o que tenho escrito, supuser que os Campos Gerais sejam uma zona saudável. Conquanto geie no inverno, pode-se dizer que o clima é temperado. Os ventos são freqüentes; o ar circula livremente por tôda parte; as águas, apesar de inferiores às da parte oriental de Minas Gerais, entretanto são boas; não existem charcos em quase nenhum lugar, e os rios, como vimos, correm em leitos pedregosos. De 26 de janeiro a 4 de março de 1820, talvez não houvessem passado dois dias seguidos sem chuva, sendo aliás, por essa época do ano que ela cai com maior intensidade. Não ocorrem aqui as prolongadas

sêcas de seis meses que em Minas e Goiás tão penosamente influem no sistema nervoso, e desconhecem-se as sezões ou febres intermitentes, tão comuns nas margens do Rio Doce e do São Francisco. Constantemente montados a cavalo, arremessando o laço ou reunindo o gado, galopando pelos campos e respirando ar puro, os habitantes dos Campos Gerais são sadios e robustos(7). É avultado o número de pessoas idosas; mas sabemos de sobejo que até nos países mais favorecidos pela Providência, as doenças jamais abdicam dos tristes direitos que têm sôbre a nossa natureza. São o defluxo, a asma e as hemorróidas as enfermidades predominantes nos Campos Gerais, cumprindo-nos dizer, todavia, que infelizmente as doenças venéreas são aqui tão comuns como em outras regiões do Império do Brasil.

Seria êrro pensar-se que a maior parte dos habitantes dos Campos Gerais se compõe de mestiços. Encontram-se ali muito mais homens realmente brancos que nos distritos de Itapeva e Itapetininga, tendo eu verificado que quase todos os operários da vila de Castro pertenciam à nossa raça. Assim, não é de admirar que, a despeito de sua profunda ignorância, os habitantes dos Campos Gerais tenham melhor pronúncia e falem mais corretamente o português que os das vizinhanças da cidade de São Paulo, e não dêem ao *ch* o som de *ts* e ao *g* o de *dz*, alterações introduzidas na língua portuguêsa pelos índios, com os quais os colonos dos distritos de Castro e Curitiba pouco se misturaram.

Muito diferentes dos pobres mestiços que povoam os campos das circunvizinhanças de Itapeva, os habitantes dos Campos Gerais são geralmente de alta estatura e boa compleição, corados e de cabelos castanhos, revelando a sua fisionomia bondade e inteligência.

---

(7) V. a minha *Introduction à l'Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*, XXXIX.

As mulheres são geralmente muito bonitas, de tez rosada e traços delicados, característicos que ainda não havia observado em nenhuma brasileira. É verdade que não são dotadas dessa vivacidade que distinguem as francesas; caminham com lentidão e fazem poucos movimentos. Assim mesmo, porém, não se mostram acanhadas como as mulheres de Minas quando, por acaso, se encontram com pessoas estranhas (1816/22). Nos Campos Gerais, elas raramente se escondem à aproximação dos homens, acolhem os hóspedes com urbanidade simples e graciosa, são amáveis e, conquanto não sejam dotadas da mais rudimentar instrução, conversam encantadoramente.

Ao entrar nos Campos Gerais, não só me surpreendi com o aspecto da região, para mim inteiramente nôvo, como fiquei, de algum modo, desorientado com os hábitos dos colonos, completamente diferentes dos que observara entre os mineiros e até entre os habitantes do norte da Província de São Paulo. Os homens andam sempre a cavalo, e a galope, e usam um laço de couro atado à sela de feitio particular, denominada *lombinho*. As crianças, até as de mais tenra idade, aprendem a atirar o laço, a fazer o rodeio e a perseguir os cavalos e os bovinos. Vi uma delas, de três a quatro anos de idade, que já sabia manejar o laço em tôrno da cabeça e a atirá-lo destramente. Quase não possuem outras idéias além das que se relacionam com a criação do gado. A ignorância é extrema; quem sabe ler e escrever é tido na conta de homem instruído e entre os mais importantes proprietários existem muitos que não possuem êsses conhecimentos (1820), como, por exemplo, um coronel da milícia que gozava de justa reputação pela sua liberalidade e pela sua riqueza. Por tôda parte encontrei pessoas hospitaleiras, boníssimas, que não eram destituídas de inteligência, e, no entanto, de idéias tão pouco desenvolvidas que eu não podia com elas manter conversação por mais de um quarto de hora.

Seria de esperar que o clima temperado dos Campos Gerais incitasse o homem ao trabalho; mas a espécie de ocupação que a própria natureza, por assim dizer, o obrigou a adotar, tornou-o preguiçoso. A criação do gado requer pouco cuidado; os que a ela se dedicam, trabalham intermitentemente, sendo essa ocupação mais um divertimento que outra coisa. Galopar nos campos imensos, arremessar o laço, dar batidas para conduzir o gado a lugar conveniente, isto é, *fazer o rodeio*, são para gente môça exercícios que lhe torna odioso o trabalho sedentário. E, desde que não montem a cavalo, não tanjam vacas e touros, entregam-se ordinàriamente ao repouso.

Não se pense, porém, que os habitantes dos Campos Gerais nunca se afastam da terra. Homens de tôdas as condições sociais, operários e lavradores, uma vez adquirido algum dinheiro, vão ao Sul comprar muares chucros para revendê-los em sua própria região ou levá-los a Sorocaba.

Os proprietários abastados dos Campos Gerais não fazem como os dos têrmos de Itapeva e Itapetininga. Êstes auferem as rendas longe de suas propriedades; os outros têm o bom senso de residir em suas terras. As casas, apesar de não terem a magnificência que se observa nas fazendas dos antigos mineiros, são limpas e, como já declarei, muito bem conservadas. O mobiliário é extremamente simples, consistindo o da sala de visitas em uma mesa e bancos de pau. Da mesma forma que em Minas, é na guarnição das camas que ostentam maior luxo; não usam cortinados, mas os lençóis são de fazenda finíssima e bordados em volta. O travesseiro é metido num saco de musselina que se abotoa por um dos lados, e sôbre êste colocam outro travesseiro menor, todo bordado. Nas residências dos proprietários ricos, servem chá com queijo, biscoitos e doces, em lindas bandejas envernizadas, luxo êsse em contraste com a singular penúria da casa.

Desfrutam os Campos Gerais de vantagem que devo ressaltar. A criação do gado, a que todos geralmente se dedicam, requer poucos escravos, ao contrário do que acontece com o fabrico do açúcar e a mineração. O abastado coronel Luciano Carneiro, de quem falarei mais adiante, possuía apenas trinta, e em todo o têrmo da vila de Castro, no ano de 1820, existiam quinhentos, pertencentes a reduzido número de pessoas. Os lavradores pobres não os possuem, pois êles próprios fazem suas plantações, visto que o trabalho não é considerado uma ignomínia, como em muitos lugares da Província de Minas, à época de minha viagem.

Conquanto ninguém tenha vergonha de trabalhar, a verdade é que ali, como em qualquer outra parte do Brasil, se trabalha o menos possível. A vida dos que quase nada têm de seu, muito pouco difere da que levam os índios não domesticados. Plantam o estritamente necessário para a subsistência da família e passam meses inteiros no mato, entregues à caça de animais selvagens; aí constroem barracas e alimentam-se do que podem apanhar (1820).

Possuem os proprietários mais abastados enorme quantidade de bovinos. Só na fazenda de Jaguariaíba o coronel Luciano Carneiro tinha cêrca de duas mil vacas, sem contar os touros e novilhos.

Não obstante ser de boa raça, o gado é inferior ao da comarca de São João del-Rei, na Província de Minas. Pude compará-los na fazenda de um proprietário que fizera vir alguns touros daquela comarca.

Negociantes compram os novilhos nas fazendas e vendem-nos quase todos no Rio de Janeiro. Alguns anos antes de minha viagem, quando ainda enviavam tropas do Rio Grande do Sul para a capital, vendiam-se os bois, nos Campos Gerais, a quatro patacas ou 1$280 (8 fr.); ao tempo em que ali estive, o preço em vigor era de

5$000 (31 fr. 26 c.) (8), custando 6$000 (37 fr. 50 c.) uma vaca de ótima qualidade. As dessa espécie dão quatro garrafas de leite por dia, além do que se nutrem os bezerros.

Os laticínios são muito bons e constituem o principal alimento dos pobres e dos escravos. Foi-me servida excelente manteiga em casa do sargento-mor da vila de Castro; mas difìcilmente a encontraríamos em qualquer outra parte. Se os habitantes dos Campos Gerais quisessem dar-se ao trabalho de fabricá-la, aufeririam grandes lucros, enviando-a, via Paranaguá, para o Rio de Janeiro, onde êsse produto é importado da Europa e vendido, geralmente, por preço elevadíssimo (1820). Os queijos dos Campos Gerais não são inferiores aos de Minas, mas fabricam-se também em pequena quantidade. Ocupação sedentária, a indústria de laticínios não seduz a homens afeiçoados aos violentos exercícios de equitação ou ao mais absoluto repouso.

Como nas demais regiões do Brasil, o gado vive à sôlta nos campos(9); entretanto, é êle, talvez, menos selvagem que o da Europa, onde se cria em estábulos. Deve-se atribuir a sua domesticidade ao hábito de lhe darem sal. Achava-me na fazenda de um abastado proprietário no momento em que os vaqueiros tangiam vacas e bezerros para o curral; pusera-se o meu hospedeiro a chamar os animais pronunciando as palavras *toma*, *toma*, como

---

(8) Em 1839, vendia-se um boi, na mesma região, mais ou menos por 10$000 (MÜLLER, *Ensaio*, tab.), o que, ao câmbio de 350 (Say, *Hist. des relations*, tab. synopt.), importava em 28 fr. 50 c.; assim, não obstante a guerra civil do Rio Grande, que impedia importar-se dessa Província, o preço do gado, nos Campos Gerais, baixara em vez de subir, concluindo-se daí que a produção teria aumentado sensìvelmente.

(9) Um dos nossos navegantes enganou-se redondamente ao dizer que "os sul-americanos só se ocupam em guardar rebanhos (*Voyage de la Favorite*, IV, 131)". Em nenhuma parte do Brasil guardam-se rebanhos. Rugendas não é mais exato em tudo o que diz com relação ao gado; mas, em obras do gênero da sua, procuram-se, de preferência, os desenhos, e os de Rugendas são encantadores.

o fazem quando procedem à distribuição do sal, e, instantâneamente, êles aproximaram-se e rodearam-nos.

Aqui, como nas zonas de Minas Gerais e Goiás, onde não existem terras salitrosas, são os criadores obrigados a dar sal aos bovinos, desde que queiram conservá-los gordos; mas a distribuição é menos freqüente que em certas regiões da Província de Minas, talvez porque o capim dos Campos Gerais é mais nutritivo que o capim-gordura([10]). Alguns criadores fazem a distribuição de dois em dois meses; outros, apenas quatro vêzes por ano. O proprietário da fazenda de Fortaleza mandava dar, de cada vez, um alqueire (40 litros) de sal para cem animais, e é possível que todos adotem a mesma proporção. Para chamar o gado à distribuição, os vaqueiros, galopando pelo campo, gritam, como acabei de dizer — *toma, toma;* vacas e touros soltam mugidos e acorrem de todos os lados. O sal é derramado no solo, em montículos, escolhendo-se para a distribuição lugares situados nas proximidades de algum ribeiro. O gado, após ter comido o sal, vai dessedentar-se, volta, come o que restara, lambe a terra e só abandona o local depois de consumido o último grão do manjar predileto.

Pode-se calcular, anualmente, nessa região, a quantidade de novilhos em um quarto do número de vacas existentes. Na realidade, nascem mais bezerros do que se poderia supor, ao verificar-se a reduzida quantidade de novilhos; uns, porém, são vitimados pelas doenças e outros são roubados ou devorados pelos animais ferozes.

Logo que as vacas dão cria, deve-se cuidar principalmente dos bezerros, a fim de extirpar-se os vermes que lhes aparecem na cicatriz umbilical. Os vaqueiros, a cavalo, dispersam-se pelo campo, cercam determinado

---

(10) O capim-gordura (*Melinis minutiflora*) é uma gramínea que em Minas Gerais nasce exclusivamente em terrenos que já foram aproveitados por algum tempo.

espaço do terreno, fazem uma batida, procurando os bezerros nos lugares afastados e ocultos onde as vacas costumam parir, aproximam-se pouco a pouco, tornando o cêrco cada vez mais apertado, e conduzem o gado para local prèviamente escolhido. Aí, procedem ao exame e levam para a fazenda os bezerros que precisam ser submetidos a tratamento, sendo as mães conduzidas juntamente com êles. São essas as únicas vacas das quais se aproveita o leite, perdendo-se o das que continuam sôltas. Nas fazendas de grande extensão precisam-se de muitos dias para percorrê-las inteiramente. Em Paranapitanga, por exemplo, fazia-se um rodeio por dia, voltando-se ao primeiro, depois de percorrida tôda a fazenda, só no fim de uma semana(11).

Marcam o gado aos dois anos e castram os touros aos quatro; deixam êstes a engordar durante um ano e vendem-nos em seguida(12).

Alguns criadores, ao castrarem os touros, arrancam-lhes os testículos inteiramente; outros, chegam ao mesmo resultado pondo em prática diferente operação. Vou descrevê-la tal como a vi fazerem na fazenda de Morungava, a que me referirei mais adiante. São os touros presos no curral, que, segundo já disse alhures, é uma cêrca geralmente quadrada construída de estacas compridas e grossas. Um vaqueiro laça o touro pelos chifres e outro por uma

---

(11) Em certas regiões de Minas existe o costume de reunir o gado em épocas fixas e em determinado lugar (*Voyage aux sources du Rio de S. Francisco, etc.*, I, 249 (S.-H.), ou I, 228, da cit. trad. (N. do T.); mas creio que sòmente no sul da Província de São Paulo se começava a usar a expressão *fazer o rodeio,* sendo ela geralmente empregada na Província do Rio Grande do Sul e, segundo Azara, no Paraguai.

(12) Spix e Martius, que não foram além de Sorocaba, dizem numa passagem muito resumida, mas bem feita, sôbre os rebanhos da Província de São Paulo, que marcam o gado com um ano, castram os touros aos dois e matam os bois aos quatro anos ou mais (*Reise,* I, 273 — (S.-H.) —, ou a trad. de D. Lúcia Furquin Lahmeyer — *Viagem pelo Brasil,* Im. Nac., Rio de Janeiro, 1938, I, 254 — (N. do T.). É bem possível que numa Província tão grande como a de São Paulo, haja a êsse respeito notáveis diferenças.

das pernas traseiras; e, enquanto ambos puxam os laços em sentido contrário, um terceiro vaqueiro tomba o animal, puxando-lhe a cauda para baixo. Deitado o touro de flanco, ligam-lhe as pernas traseiras, colocam-lhe a cauda debaixo das coxas, passam em tôrno dos chifres o laço que lhe prende as pernas, aproximam estas da cabeça, de modo que os testículos fiquem por fora das coxas; finalmente, por cima delas prendem os escrotos a um pedaço de madeira de cêrca de quatro pés de comprimento, apoiado ao solo. Terminados êsses preparativos, um vaqueiro desfere fortes pauladas sôbre a parte dos escrotos prêsa ao pedaço de madeira. Por êsse meio, destroem os vasos espermáticos e, finda a operação, desamarram o boi que se vai juntar aos outros. Dizem os criadores que preferem êsse método porque a ablação freqüentemente ocasiona feridas e bicheiras difíceis de curar. Durante a castração, alguns touros soltam mugidos horrendos; a maior parte, porém, suporta a dolorosa operação com maravilhosa serenidade. Asseguraram-me que, com êsse método, vão os testículos diminuindo de volume, pouco a pouco, e acabam por desaparecer quase completamente(13).

Também criam cavalos nos Campos Gerais. O meu excelente hospedeiro de Jaguariaíba, coronel Luciano Carneiro, além de bovinos, possuía oitocentas mulas e comprava no Sul cavalos chucros, que revendia com lucro, depois de domá-los. Tive oportunidade de ver porém em prática o meio adotado para conseguirem êsse fim, e vou descrevê-lo. Logo que o *negro domador* montara um dos cavalos chucros, passaram os outros animais de um

---

(13) Em minhas precedentes *relações* narrei minuciosamente como criam o gado em diversas regiões do Brasil. Por ali se poderá ver que, se em nenhuma parte existem estábulos e em muitos lugares são obrigados a distribuir sal aos rebanhos, os cuidados que dispensam a êstes variam segundo a natureza da região, os hábitos dos criadores e seu grau de civilização, e, por conseguinte, em Minas, em Goiás e nos arredores dos Campos dos Goitacás não criam os bovinos exatamente como nos Campos Gerais, nem os produtos do rebanho nesses lugares são os mesmos.

curral de pequenas dimensões, onde êles se achavam, a bem dizer, amontoados, para outro maior, separado do primeiro por uma barreira. Laçaram pelo pescoço um dos cavalos, que estacara imediatamente, e fizeram retornar os outros ao curral menor. Pôsto o freio no cavalo que fôra laçado, amarraram-no a um moirão, atiraram-lhe ao lombo uma sela pequena chamada *lombilho*, e o *negro domador* montou-o. Não deixei de admirar o sangue frio e a absoluta tranqüilidade dêsse homem. Por mais fogoso que fôsse o cavalo, quanto mais saltos êste desse, quanto mais movimentos êle fizesse, não notei na fisionomia do *negro domador* a mínima alteração. Se o animal caía por terra, o domador saltava destramente e tornava a montar, sem proferir palavra. Dentro de alguns instantes, o domador conduziu o cavalo chucro para fora do curral e o ajudante, montado num cavalo domado a que denominam *madrinha*, passou a galopar à frente ou ao lado daquele e, cêrca de dez minutos depois, ambos os cavaleiros voltaram ao curral; o cavalo chucro parecia mais manso e deixaram-no escapar-se para o campo. Segundo me afirmaram, bastam dois ou três meses de exercícios como êsse para domar-se o mais fogoso cavalo.

A raça eqüina dessa região é miúda e não se me afigurou de boa estampa.

Todos os proprietários de fazendas possuem rebanhos de carneiros. Êles, porém, não vendem êsses animais e poucas pessoas comem sua carne (1820); criam-nos ùnicamente para aproveitar a lã, de que fazem cobertas e outros tecidos grosseiros(14). Em geral, deixam os cordeiros e as ovelhas pastar livremente, e, apesar de os animais viverem nas proximidades das habitações, alguns criadores

---

(14) Em documento publicado no *Anuário do Brasil*, 1847, pág. 526, diz o curitibano Francisco de Paula e Silva que, com a lã dos numerosos rebanhos de carneiros criados nos Campos Gerais, fazem ali grande quantidade de xergas e coxonilhos que se exportam para o mercado de Sorocaba.

recolhem-nos à tarde ao curral, onde ficam resguardados dos ataques dos animais carnívoros. Quando as ovelhas dão cria, têm alguns fazendeiros o cuidado de recolher os cordeiros ao estábulo, subtraindo-os, destarte, à voracidade dos caracarás(15), que, segundo dizem, lhes comem a língua. Costumam tosquiar os carneiros em fins de agôsto, antes do verão. Têm êles maior avidez pelo sal que os bovinos, e os criadores mais desvelados administram-lhes êsse alimento de quinze em quinze dias(16).

Ao que até aqui escrevi com referência aos Campos Gerais, preciso acrescentar que são as enormes pastagens a sua principal fonte de riqueza. Elas são excelentes e oferecem ao gado a mais nutritiva alimentação; exceto nos meses de geadas, conservam-se tão verdes como as nossas pradarias na primavera, sem que, entretanto, se esmaltem de tão grande variedade de flôres. A relva que as constituem, quando nova, é extremamente fina e tem a denominação de *capim-mimoso*.

Como em Minas e Goiás, queimam-se os pastos a fim de que o gado encontre, na erva tenra que nasce depois do incêndio, nutrição agradável e substanciosa. Da mesma forma que os criadores do distrito do Rio Grande, perto de São João del-Rei(17), os dos Campos Gerais dividem o pasto em várias porções a que ateiam fogo sucessivamente, de modo que os animais tenham sempre erva nova. Conforme a extensão das fazendas, queimam-se no correr do ano duas ou três porções de campo, a primeira em agôsto, a segunda em outubro e a terceira em fevereiro. Só incendeiam os pastos que tenham, pelo menos, um ano, havendo-se observado que, quanto mais antiga é a relva, com maior vigor ela nasce.

---

(15) Os caracarás a que me refiro aqui, parece terem relação com o *Falco brasiliensis*, L. — Max Neuwied, *Beitraege*, III, 190.

(16) Nas minhas precedentes *relações* encontram-se outras minúcias acêrca da criação dos lanígeros em diferentes regiões do Brasil.

(17) *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco*, etc., I, 69 (S.-H.), ou I, 71, da cit. trad. (N. do T.).

Ao capim nôvo, chamam verde; ao antigo, *macega*. O primeiro apresenta-se quase rente ao solo, ao passo que o segundo atinge mais ou menos a altura do que reveste os nossos prados. Vi, a 13 de fevereiro, queimarem um campo. O fogo consumira as hastes e as fôlhas sêcas e apenas chamuscara as que ainda estavam verdes; estas remanesceram, formando manchas no solo, e o campo, após a queimada, assemelhava-se aos nossos prados quando ceifam o feno e, ao fazerem as medas, o ancinho deixa de apanhar as hastes que escaparam aos segadores. Três dias após, o campo começa a reverdecer e ao cabo de uma semana o gado já pode encontrar ali com que se alimentar. Os campos freqüentemente queimados e os incessantemente trilhados pelos animais, ficam enfraquecidos: rareiam as Gramíneas, e vegetais, em geral subarbustos, pertencentes a outras famílias, tomam o seu lugar. Nunca se encontram, por exemplo, pastos bons em tôrno das moradias; mas pode restituir-se a primitiva fertilidade aos que a perderam, deixando por algum tempo de atear-se-lhes fogo. Em fevereiro, quando ali estive, nenhuma flor encontrei nas macegas; entretanto, havia uma infinidade delas nos trechos de campo que fazia muito tempo não tinham sido queimados.

Nos excelentes pastos dos Campos Gerais invernam as numerosas tropas de muares que vêm do Rio Grande do Sul divididas em pontas de quinhentas a seiscentas mulas. Essas tropas chegam em fevereiro, após atravessarem, entre Lapa e Lajes, os sertões de Viamão, onde emagrecem extraordinàriamente; muitas vêzes, não continuam, de imediato, a viagem, a fim de que os animais repousem até o mês de outubro e só então prosseguem a jornada para Sorocaba. No comêço da invernada, fazem regressar, a exceção de dois ou três, os camaradas que auxiliaram a conduzir as tropas até ali e tomam outros quando reencetam a viagem.

Todos os proprietários de fazendas nos Campos Gerais são criadores; cultivam a terra ùnicamente para atender às próprias necessidades e não exportam nenhum produto (1820), a despeito de a região ser favorável a todos os gêneros de cultura adequados ao clima. São suas principais produções o milho, o trigo, o arroz, o feijão, o fumo e o algodão[18].

O sistema agrícola geralmente seguido pelos habitantes da região é o de todo o país; como em Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Goiás, derrubam a mata, queimam-na e semeiam nas cinzas. Observa-se, porém, que, na cultura do trigo, empregam a charrua e sabem preparar a terra convenientemente. Êsse desvio de uma prática fundamentalmente destrutiva, é feliz augúrio para a agricultura brasileira e esperamos que os habitantes dos Campos Gerais não restrinjam à cultura do trigo o uso da charrua e que o exemplo que venham a ter a glória de dar, seja imitado nas Províncias mais setentrionais do Império do Brasil.

Mas se deve dizer que existem poucos lugares em que o método deficientíssimo adotado pelos lavradores brasileiros possa ser aplicado sem inconvenientes, como acontece nos Campos Gerais. Favorecida em tantos sentidos pela natureza, goza essa região de enorme vantagem: as terras não se exaurem em poucos anos, como na Província de Minas, e se tal ocorre, é fácil torná-las novamente fecundas, deixando-as repousar por algum tempo.

É também em solo devastado pelo fogo que plantam o milho. Semeiam-no uma só vez nos terrenos em que a mata nunca fôra derrubada; após a colheita, deixam a terra repousar durante quatro anos. Decorrido êsse tempo, roçam e queimam as capoeiras que substituíram

---

(18) Diz Pedro Müller (1838) que os Campos Gerais se acham em pleno florescimento; é, porém, fora de dúvida, a criação do gado que constitui a riqueza dos proprietários dessa região, uma vez que, segundo o mesmo estatístico, êstes não são grandes agricultores.

a mata virgem, e, de quatro em quatro anos, poderão semear no mesmo terreno, desde que tenham o cuidado de afastar dali o gado. Há lugares em que as capoeiras se tornam densas e poderão ser derrubadas ao cabo de dois anos, e as de dezoito anos têm o mesmo vigor das próprias matas virgens. Plantam o milho em novembro, mais ou menos antes das grandes chuvas, e colhem-no em junho. Na verdade, acha-se maduro desde abril e maio; mas tem-se observado que essa Gramínea apodrece quando procedem à colheita antes que a geada a tenha acabado de secar, e, por essa razão, esperam o mês de junho para apanhar as suas espigas. O milho, que, em outras regiões do Brasil, chega a dar até 400 por 1, não produz ali mais de 100 a 150.

O limite do cultivo da cana-de-açúcar e dos cafeeiros no planalto de São Paulo, fica aquém dos Campos Gerais(19); o do algodoeiro, porém, planta mais resistente ao frio, vai, nesta região, até cêrca de 20 léguas antes de Curitiba. Além do lugar denominado Serra das Furnas, os capulhos do algodoeiro ainda não estão maduros quando sobrevêm as geadas, e, portanto, será inútil cultivá-lo nessas paragens; mais ao norte, pelo contrário, só começa a gear depois da colheita, e, terminada esta, tem-se o cuidado de cortar as hastes do algodoeiro que poderia perecer com o frio(20). Seria ocioso dizer que o

(19) Veremos no capítulo seguinte que o proprietário da fazenda de Caxambu, despendendo algum esfôrço, conseguira ter uma pequena roça de cana-de-açúcar. Provàvelmente, foi também graças a cuidados particulares que, em 1838, alguns lavradores do distrito de Castro conseguiram colhêr cana em quantidade suficiente para fabricar 50 canadas (209 litros) de aguardente (V. o *Ensaio estatístico* de P. MÜLLER, tab. 3).

(20) Em Minas Novas, região excessivamente quente e que produz grande quantidade de algodão, também quebram a extremidade da haste principal do algodoeiro, mas a fim de que o tronco tenha menor número de ramos a alimentar e a pouca altura do arbusto facilite a colheita dos capulhos (V. meu *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*, II, 108 — (S.-H.) —, ou a trad. de Clado Ribeiro de Lessa — *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1938, II, 97, — N. do T.).

algodão colhido numa região cuja temperatura é tão diferente da que melhor convém a êsse produto, é de inferior qualidade.

O feijão é plantado em outubro e colhido em janeiro, dando cêrca de 150 por 1. Quando o semeiam juntamente com o milho, nada produz.

Cultivam o trigo nos campos e em terrenos que antes haviam sido de mata virgem. Não o plantam, semeiam-no. E a produção será mínima se o semeiam imediatamente depois do desmatamento do local; por isso, tem-se o cuidado de cultivá-lo nas capoeiras e nos campos. Quando querem cultivar uma parte do campo, começam por soltar ali o gado, e depois lavram a terra, semeiam à mão e cobrem as sementes fazendo passar por cima, à maneira de grade, um ramo de árvore puxado por bois. Semeiam o trigo candial dois ou três anos consecutivos no mesmo terreno, sem que, durante êsse tempo, os animais ali entrem. Decorridos dois ou três anos, tornam a soltar o gado no terreno, desde dezembro, época da colheita, até o tempo da semeadura, que se faz em junho; o campo conserva-se adubado pelo período de dois ou três anos, e, dêsse modo, podem os lavradores semear permanentemente no mesmo local. Na extremidade meridional dos Campos Gerais semeiam em junho e segam em dezembro; no lado oposto, procedem à semeadura em março e à colheita em setembro ou outubro. Segundo observaram os agricultores, parece que quanto mais intensa é a geada, tanto maior é a colheita. O trigo cultivado nessa região é barbudo e produz grãos muito pequenos; não me recordo, aliás, de que até então houvesse visto outra espécie de trigo nas diversas partes do Brasil por mim percorridas. Quer nos campos, quer nos terrenos que antes haviam sido cobertos pela mata virgem, êsse trigo dá

cêrca de 16 por 1(21); mas, como sucede em Minas, os lavradores queixam-se muito dos danos causados pela ferrugem. O pão que fazem nos Campos Gerais é muito alvo e saborosíssimo. No que respeita ao que acabei de dizer acêrca da pequenez dos grãos do trigo cultivado no Brasil, parece-me evidente que êsse cereal diminuiu de tamanho neste país, como já havia acontecido no Paraguai, conforme nos diz Azara(22). Assim, pois, será de grande necessidade importem da Europa novas sementes, e, se não tomarem essa medida, a degenerescência continuará a progredir, uma vez não ser provável estacione no ponto em que hoje se encontra(23).

Cultivam o arroz nas margens dos rios, principalmente nas do Assungui(24), que, segundo já disse, é o começo da Ribeira de Iguape. Plantam-no em setembro, lançando-o em pequenas porções nos buracos abertos com a enxada, a um palmo (22 cents.) de distância uns dos outros. Os arrozais são mondados uma vez, não havendo, entretanto, tal cuidado com as plantações de milho, nem com as de feijão ou de trigo.

O fumo é também plantado nos pastos e nas capoeiras, após serem derrubadas e queimadas. Quando preferem

---

(21) Pela minuciosa referência que fiz acêrca da maneira de cultivar o trigo em Minas, ver-se-á que ali plantam o grão em vez de semeá-lo como nos Campos Gerais; que, além disso, a semeadura e a colheita se efetuam mais ou menos nas mesmas épocas em ambas as regiões; e que a semente tem o mesmo rendimento tanto num como noutro lugar (V. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 390 — (S.-H.) —, ou a cit. trad., I, 328/329. — N. do T.).

(22) *Voyage dans l'Amérique méridionale*, I, 139.

(23) Faz alguns anos, o Dr. Neves de Andrade levara da França para o Rio Grande do Sul sementes de trigo candial de Beauce e trigo mourisco de Sologne. Fui eu quem conseguiu para êle essas sementes; ignoro, porém, qual o resultado obtido.

(24) Encontra-se grafado *Açongui* nas *Memórias da capitania de S. Vicente*, de Gaspar da Madre de Deus; *Assoungui* no *Diário da Viagem*, etc., de Martim Ribeiro de Andrada (*Revista trim.*, II, 2.ª série); finalmente, *Arassungui* na utilíssima carta da Província de São Paulo publicada no Rio de Janeiro em 1847. Casal, sempre tão exato, escreve, como eu, *Assunguy* (Assungui), sendo, certamente, desta maneira que se pronuncia na região.

estas, adubam a terra e revolvem-na com a enxada; se escolhem os pastos, apenas lavram-nos com a charrua. Semeiam o fumo em canteiros, de S. João a meados de agôsto, e, antes da época da transplantação, deixam menos densos os canteiros, arrancando-se vários pés, de modo que fique o espaço de um palmo (22 cents.) entre os restantes. Em outubro, transplantam as mudas, dispondo-as em quincunce, a quatro palmos (88 cents.) de distância umas das outras. Conservam a terra sempre limpa, amontoam-na em tôrno das plantas e cortam as fôlhas inferiores. Em janeiro, quando os botões começam a aparecer, podam o cimo de cada pé e, daí por diante até fevereiro, época da colheita, eliminam, de oito em oito dias, os brotos que se formam na base do caule e na axila das fôlhas. Reconhece-se que a planta atingiu a sua maturidade, quando, dobrando-se-lhes as fôlhas, estas se quebram. Experimentam-se as do alto, e uma vez que estejam em condições de ser colhidas, as de baixo também certamente o estarão. Apanhadas as fôlhas, suspendem-nas no secador, a duas e duas, uma sôbre a outra. O secador consiste em duas varas compridas cravadas no solo e nas quais se pregam, intervaladamente, aos pares, varetas transversais, uma de um lado da vara e a outra do lado oposto, de modo que fique entre ambas o espaço correspondente à espessura da vara e pelo qual, para pendurá-las, se passam as fôlhas. Deixam-nas algum tempo no secador, armado sob um telheiro, ao abrigo do tempo. Extraída a sua nervura média, fiam-nas em um cilindro ao qual é prêso um torniquete. Fiada certa quantidade de corda de fôlhas de fumo, estendem-na sôbre bastões; duas vêzes ao dia, torcem no cilindro essas cordas e estendem-nas novamente, repetindo a operação até que o produto adquira os requisitos exigidos pelos consumidores[25].

---

(25) A prática empregada na cultura do fumo em Minas assemelha-se aos processos seguidos nos Campos Gerais, havendo alguma diferença proveniente, como é natural, do clima das duas regiões (V.

Algumas pessoas têm semeado linho nos Campos Gerais com ótimo resultado, sendo-me assegurado que se podem fazer três colheitas por ano. Havia nas vizinhanças da fazenda de Jaguariaíba um homem da comarca de São João del-Rei que plantava linho e dêle fazia tecidos com os quais vestia tôda a sua gente. Teria sido fácil aos lavradores das cercanias saberem qual o processo por êle utilizado, mas ninguém quis dar-se ao trabalho de pedir-lhe informações. A cultura do linho poderia, entretanto, ser de grande utilidade aos habitantes dos Campos Gerais. Ninguém ignora quanto os nossos tecidos de linho, tão frescos e tão agradáveis de usar, eram procurados nas zonas tropicais da América, antes de as nossas guerras com a Inglaterra terem obrigado os colonos a contentar-se com os tecidos de algodão. Se êles tornassem a encontrar, procedentes de seu país, os de cânhamo ou de linho (*bretanha da França*), cuja falta, na minha presença, lamentavam com amargura, certo não hesitariam em voltar a usá-los.

Nessa bela região não cultivam sòmente o nosso linho e os nossos cereais; plantam também, com bons resultados, quase tôdas as nossas árvores frutíferas. Infelizmente, como já tive ensejo de dizer(26), a época das grandes chuvas coincide com a em que as frutas começam a amadurecer e, por isso, elas nunca ou quase nunca chegam a sazonar inteiramente. Devemos, entretanto, excetuar os figos, que, como os de Minas, são excelentes. Saboreei também em fevereiro ótimas uvas brancas; mas, em geral,

---

Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes, I, 418 — (S.-H.) —, ou a cit. trad., I, 374/375. — N. do T.). — Diz o Ministro do Império em seu relatório de 1847 à Assembléia Legislativa Geral, que enviara para São Paulo sementes de fumo de Havana e Maryland, com instruções sôbre a maneira de cultivar essas variedades (*Anuário* do ano de 1847, 25). Oxalá tenham tido essas sementes melhor sorte que as que enviei para Paris, quando me achava no Brasil.

(26) V. o primeiro capítulo desta obra — (S.-H.) —, ou a trad. de Rubens Borba de Morais — *Viagem à Província de São Paulo*, pág. 83.

essas frutas, como as outras, não amadurecem completamente. O calor intenso não prejudica a vinha, mas é necessário que à temperatura sensìvelmente elevada não se alie excessiva umidade: as uvas que amadurecem em Goiás, à época da sêca, apenas refrescadas pelo orvalho, são deliciosas; as dos Campos Gerais são medíocres. O pessegueiro já se acha aclimatado nessa região(27) e chegam a utilizá-lo na feitura de cêrcas vivas. Como em São Paulo(28), dentre as árvores frutíferas, é a primeira que floresce; anualmente, no mês de agôsto, caem-lhe as fôlhas, imediatamente depois cobre-se de flôres e produz enorme quantidade de frutos que começam a ser apanhados em fevereiro. As cerejeiras e ameixeiras frutificam desde janeiro, e nos primeiros dias de fevereiro ainda comi ameixas que achei ótimas, a despeito da espécie a que pertenciam. Inicia-se a colheita das maçãs e dos marmelos em fevereiro e continua-se a apanhá-los até abril. Disseram-me que as pereiras dão bons frutos. Quanto às bananeiras, muito embora se possa considerar a vila de Itapeva o ponto extremo em que no planalto de São Paulo se cultiva essa Musácea, conseguem-se ainda ótimas bananas nos Campos Gerais, desde que se escolham sítios favoráveis e se dispensem à planta cuidados especiais.

Do que acabo de dizer, pode-se concluir que não exagero em dar aos Campos Gerais a denominação de *Paraíso terrestre do Brasil.* Dentre as regiões do Império até então por mim percorridas, não existe outra em que se poderia estabelecer com melhor resultado uma colônia de agricultores europeus; ali, êles encontrariam clima temperado, ar puro, frutas de seu país e terras em que poderiam entregar-se, sem grandes esforços, a todos os

---

(27) Veremos em outro lugar que acontece o mesmo na Província das Missões, mais ao sul.

(28) V. o capítulo *La ville de S.-Paul,* do primeiro volume — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo,* pág. 76 — (N. do T.).

gêneros de cultura a que estão acostumados. Como os habitantes da região, criariam gado, aproveitando o estêrco na fertilização das terras, e com o leite, tão gordo como o das zonas montanhosas da França, fabricariam manteiga e queijo que encontrariam mercados consumidores nas Províncias do norte do Brasil. Assim, por exemplo, quanta vantagem não teria advindo para essa região se, ao invés de localizarem a colônia suíça em Cantagalo(29), houvessem-na estabelecido na zona dos Campos Gerais, vizinha das terras habitadas por índios não domesticados. Pelo número, teriam os colonos intimidado êsses bárbaros e pôsto a região ao abrigo de suas incursões depredatórias

---

(29) Colonos suíços, vindos para o Brasil por conta do govêrno del-rei João VI, estabeleceram-se, em 1820, nas proximidades de Cantagalo, lugar situado mais ou menos a 32 léguas do Rio de Janeiro. Não era gente selecionada e a maior parte desertou; a colônia, porém, foi mais tarde reorganizada e parece que se acha atualmente em próspera situação. — Encontram-se maiores informações acêrca de Nova Friburgo no *Dicionário* de MILLIET e Lopes de MOURA, e nas obras de GARDNER e Ida PFEIFFER (*Travels*, 515; — *Frauenfahrt*, I, 84). — Achava-me no Rio de Janeiro quando se tratou da colonização de N. F. O meu amigo, Sr. Maller, encarregado dos negócios da França, escrevera ao ministro em Paris, o seguinte: "Encontra-se aqui um aventureiro que está negociando com o govêrno português o estabelecimento de uma colônia suíça no Brasil; êle enganará o govêrno e êste o enganará por seu turno." Na realidade, assim não aconteceu, pois D. João VI fôra enganado por tôda a gente. Tinha êle à sua disposição grande extensão de terras e, entretanto, os que o cercavam fizeram-no comprar uma fazenda cujo solo pouco fértil quase nada produzia. Por outro lado, o aventureiro Gachet obrigara-se a trazer agricultores para o Rio de Janeiro e entre os recém-chegados havia muitos que talvez nunca tivessem visto arar a terra ou semear. Êsse Gachet fôra visitar-me; era um tipo atarracado e disforme, de cêrca de quarenta e cinco anos, cabeça enorme e comprida, aspecto vulgar, linguagem incorretíssima, mas cuja fisionomia revelava muita inteligência e vivacidade. Julguei-me no dever de fazer-lhe algumas ponderações: Meu caro — disse-lhe — estou seguro de que em pouco tempo eu poderia reunir e trazê-los para o Brasil tantos europeus quantos quisesse; mas seriam aventureiros, homens sem constância e que fàcilmente poderiam ser induzidos a emigrar. Não é isto que esperam do Sr.; o govêrno dêste País tem-lhe testemunhado a sua boa vontade, devendo o Sr. corresponder rigorosamente às suas intenções e trazer para aqui sòmente lavradores honestos. Gachet prometeu-me não proceder de outra forma; sabe-se de que maneira êle manteve a sua palavra. — (S.-H.). — Das obras acima citadas, a de GARDNER (George) acha-se traduzida por Orígines Lessa e incluída na *Brasiliana* da Comp. Editora Nacional, S. Paulo, sob o título — *Viagens no Interior do Brasil* (1836-1841). — (N. do T.).

e teriam ainda ensinado aos antigos moradores os métodos agrícolas europeus que certamente, poderão ser aplicados nessa região e, segundo tôda a verossimilhança, difìcilmente se-lo-ão nas terras situadas nas proximidades do Rio de Janeiro. Felizes em sua nova pátria, cujo aspecto em certas paragens lhes evocaria os lugares em que nasceram, êles descreveriam o Brasil aos seus compatriotas com as mais belas côres e esta parte do Império adquiriria uma população ativa e vigorosa.

CAPÍTULO II

Início da viagem através dos Campos Gerais. — A fazenda de Jaguariaíba. — Os índios Coroados. — A fazenda de Caxambu.

Ainda o Itararé e suas singularidades. — O rio do Funil; a gruta em que êle se precipita. — Um rochedo coroado de Bromeliáceas. — Aspecto da região à entrada dos Campos Gerais. — A fazenda de Morangava; chuvas torrenciais; contrariedades. — O rio Jaguaricatu. — Um caminho horrível. — Fazenda de Boa Vista; uma cruz. — O rio Jaguariaíba; uma paisagem. — O autor afasta-se da estrada para aproximar-se das terras ocupadas pelos índios. — Rápido esbôço de sua viagem entre o Jaguariaíba e a vila de Castro. — Descrição da fazenda de Jaguariaíba; perfil do proprietário, coronel Luciano Carneiro; o vaqueiro e os bezerros entram no curral. — Os Coroados de Jaguariaíba; maneira de repeli-los. — Como se expede a correspondência. — Generosidade do coronel Luciano Carneiro. — Um campo em que se encontram árvores enfezadas. — Descrição da fazenda de Caxambu; seus jardins; época em que amadurecem as frutas. — O Sr. Xavier da Silva, proprietário de Caxambu; diferença existente entre êle e seus vizinhos.

O dia seguinte ao em que passei pelo povoado de Itararé, amanhecera encoberto, prenunciando chuva. O cabo-de-esquadra, a quem eu havia sido recomendado, afirmara-me com insistência que não choveria. Não lhe dei crédito; mas como percebi que o seu maior desejo era chegar sem tardança à fazenda de Morangava — a

parada mais próxima — resolvi complacentemente pôr-me a caminho(1).

Cêrca de um quarto de légua do povoado encontra-se o rio Itararé. O local por onde o atravessam fica situado entre as duas cascatas já descritas(2), e é revestido de rochas idênticas às que orlam as margens do rio. Construíram uma pequena ponte de madeira por cima da barranca, no fundo da qual desliza o Itararé, e para atravessá-la é necessário forçar as mulas a descerem pelas pedras chatas e lisas que, de diferentes alturas, se sucedem à maneira de degraus. Conforme já disse, entre as pedras abaixo das quais corre o rio, há uma fenda estreita que se estende até o leito dêste, e, à pequena distância da ponte, vê-se o local em que a fenda desaparece completamente.

Caminhando-se pela barranca, encontra-se a alguns passos da ponte uma abertura larga e arredondada, que, medida a ôlho, me pareceu ter a profundidade de 16 a 20 metros. Ela é cavada na rocha que a recobre como uma abóbada. Ficando essa espécie de poço situada mais ou menos no meio da barranca, pensei, a princípio, que o Itararé passasse por ali. Mas não é assim; pela abertura

---

(1) Itinerário aproximado de Itararé à vila de Castro, passando pelas terras vizinhas das dos índios não domesticados:

	Léguas
Do povoado de Itararé a Morangava, fazenda	
De M. a Boa Vista, residência	2 1/2
De B. V. ao pôrto de Jaguariaíba	3
Do pôrto de J. à fazenda de Jaguariaíba	2
De J. a Caxambu, fazenda	5
De C. à fazenda do Tenente Fugaça	2
Do Tenente F. à Fortaleza, residência	6
De F. à embocadura do Iapó	2 1/2
Do I. a Guartelá, fazenda	2
De G. à Igreja Velha, sítio	1 1/2
Um sítio	4 1/2
Castro, vila	2
	33 légs.

sem incluir a distância de Itararé a Morangava, que não pude determinar.

(2) V. o capítulo XIII — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo*, pág. 301. — (N. do T.).

vê-se perfeitamente o fundo formado de pedregulhos apenas lavado pela água que se infiltra através da rocha, e, por conseguinte, é evidente que o rio corre ainda a maior profundidade.

O meu guia fèz-me subir a barranca, a alguns tiros de fuzil de distância, e chegamos a um local em que os viajantes têm por hábito atirar pedras na fenda aberta entre as rochas, a fim de calcularem a que profundidade, pouco mais ou menos, corre o rio. Atiramos sucessivamente muitas pedras e ouvimo-las bater de rocha em rocha, e só ao têrmo de 30 a 40 segundos, verificamos, pela natureza do ruído, haverem elas atingido a água.

Continuando a viagem, encontramos a 1/4 de légua de Itararé, um riacho pouco profundo, de cêrca de 10 pés de largura, que vem do lado de leste e desliza ràpidamente pelo leito de pedras chatas. Êle não atravessa o caminho. Imediatamente acima do local em que passa a estrada, o rio engolfa-se com ímpeto numa espécie de funil cavado na rocha, desaparecendo inteiramente, por poucos instantes, à luz do dia, para reaparecer mais adiante, doutro lado do caminho, entre margens profundas, sendo o seu curso desenhado por uma orla espêssa de árvores e arbustos. O meu guia fêz-me descer ao local onde começa a barranca e desvendou-se-me aí um espetáculo inesperado. Encontrei-me à entrada de enorme gruta mais ou menos triangular, em cujo fundo existe uma abertura que dá para uma saleta arredondada, e do alto da qual vi, extasiado, despenhar-se uma coluna de água espumosa e esbranquiçada que não era outra coisa senão o rio. A luz que frouxamente penetrava pelo funil iluminava a coluna de água e a sala em que ela caía, produzindo efeito impossível de descrever(3).

---

(3) Logo que cheguei à França tornei conhecida a existência dessa queda de água através do já citado *Aperçu d'un voyage au Brésil*, inserido no vol. IX das *Mémoires du muséum*, e reproduzi a minha descrição na *Introduction de l'Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*, pág. XXXVIII.

A abertura que põe em comunicação a sala do funil com a gruta exterior, é triangular e mais larga em cima que embaixo. Por essa estreita passagem a água escapa-se estrondosamente, em forma de cascata, escoando-se para a gruta exterior, situada a alguns pés abaixo da sala interior. Ambas são escavadas na rocha; a primeira mede mais ou menos 5 metros de altura e tem, na parte superior, uma espécie de teto de superfície regular. A água cobre-lhe o fundo, a exceção do local em que se amontoam algumas pedras, e daí, ela corre para a barranca já referida e que é orlada por espêssa mata constituída de árvores e arbustos. Enormes lianas despidas de fôlhas oscilavam como cordoalhas, defronte da entrada, e os ramos das árvores próximas obstam a que ali penetrem os raios solares.

O mencionado curso de água tem a denominação de *rio do Funil*, em virtude da espécie de funil em que êle se precipita.

A pouca distância, deparou-se-me um rochedo muito interessante. Acha-se êle insulado no meio do campo e tem a forma de uma pirâmide invertida, de cêrca de 5 metros de altura, sendo a parte superior larga e plana. Ali vicejam tufos de *Tillandsia* e outras Bromeliáceas: dir-se-ia um altar em que houvessem feito uma oferenda floral(4).

---

(4) "Percorrendo-se as sombrias florestas de pinheiros dos Guaianás, diz DEBRET (*Voyage pittoresque*, I, 29 — (S.-H.) —, ou a trad. de Sérgio Milliet, I, 46 — N. do T.), ver-se-ão, de distância em distância, enormes blocos de granito, nos quais foram cavados amplos fornos, salas sepulcrais dos sarcófagos reverenciados." — Sem negar, absolutamente, a existência de tais salas, confesso, entretanto, que não as vi, apesar de haver percorrido as florestas de pinheiros desde fins de janeiro até fins de março; ninguém na região me falou acêrca de tais coisas; e, finalmente, não encontrei em nenhum dos autores que pude consultar nada que se assemelhasse ao que narra o pintor francês. Foi, quem sabe, a espécie de pirâmide invertida, a que acima me referi, ou qualquer outra do mesmo gênero, se é que existe, que teria dado lugar a essa história singular.

Não só o Itararé limita, conforme já registrei, os Campos Gerais, como ainda separa o distrito de Itapeva do de Castro, e a comarca de Itu da de Curitiba.

Do lado oposto do rio, o campo muda inteiramente de aspecto: a região torna-se montanhosa e não mais se vêem tão grandes extensões de pastos; rochas surgem nas encostas dos morros; a imóvel e sombria *Araucaria* alteia-se por todos os lados, ora solitária, ora reunida a outras árvores; a relva, menos densa, é verde-escura, e o solo, quase negro e arenoso, imprime certo cunho de tristeza ao conjunto da paisagem.

A despeito das predições do meu guia, choveu quase o dia inteiro, de modo que apanhei muito poucas plantas.

Fiz alto na fazenda de Morangava ou Morongava([5]), aliás de certa importância. Pertencia ela a um homem abastado de São Paulo que ali deixara um dos filhos. Além das casas destinadas aos escravos e algumas palhoças utilizadas na exploração da fazenda, havia, para acolher o proprietário, uma casa de pequenas dimensões coberta de telhas e que fôra posta quase inteiramente à minha disposição. Não me achava nela ao abrigo da intempérie, parecendo-me que desde quando a construíram não lhe haviam feito qualquer reparo. As paredes estavam sem rebôco e o telhado meio descoberto; a água caía de todos os cantos e não existia um quarto em que se não andasse patinhando na lama. A muito custo, encontramos um lugar em que não chovesse, para colocarmos a cama e as malas.

No dia seguinte, 28 de janeiro, ainda chovia e tive de ficar em Morangava, bem a contragôsto, pois era impossível estar mais mal instalado. Eu não sabia onde

---

(5) Do guarani *Monoongava*, ajuntamento, reunião. — (S.-H.) — Segundo Teodoro SAMPAIO, *Morungava* é cor. de *mo-rangaba*, e significa — faz sinal, o marco, a balisa, podendo também proceder de *morangaba* "que, como *porangaba*, exprime — beleza, formosura". — (N. do T.).

refugiar-me da chuva e tinha de estar contìnuamente a utilizar-me de meios que pudessem evitar que as minhas malas se molhassem. Enquanto escrevia, gòtas de água caíam-me no caderno, o vento arrebatava-me os papéis, cães esfregavam-se-me nas pernas e pessoas andavam de um lado para outro, obrigando-me a constantemente mudar de lugar.

Só então eu soube por que o guia que me acompanhara até Morongava, tinha tanta pressa em chegar a êste sítio, fazendo-me sair do povoado de Itararé, apesar da chuva. O proprietário da fazenda devia começar no dia 28 a castração dos touros a serem vendidos no ano seguinte e os vizinhos haviam-se reunido para ajudá-lo, levando em sua companhia os filhos e as mulheres. Em outra parte, essa reunião seria motivo para uma festazinha — cantariam, ririam, dançariam; aqui, todo o prazer se limitava a verem castrar os touros...

Haviam feito o rodeio na véspera e, quando ali chegamos, os vaqueiros, o proprietário da fazenda e os vizinhos regressavam a cavalo, tangendo os touros que conseguiram reunir, e galopavam, ora à direita, ora à esquerda, a fim de impedir que os animais se apartassem. Foram êstes encerrados no curral e no dia seguinte começou a castração, segundo os métodos já descritos. Os que procediam à operação achavam-se no centro do curral, ao passo que os curiosos, principalmente mulheres e crianças, olhavam de fora, trepados nos moirões que cercavam o recinto.

Como a chuva não cessasse, tive de ficar mais um dia em Morangava, continuando a passar horrìvelmente, não obstante o proprietário fazer o possível para agradar-me. Eu não fazia as refeições com êle, nem o meu hospedeiro talvez as fizesse a horas certas; tendo, porém, abatido uma vaca para regalar seus vizinhos, enviava-me regularmente, pela manhã e à tarde, um prato de carne assada,

Aproveitei uma curta estiada para apanhar algumas plantas, seguindo pela margem do riacho que corre perto da fazenda, entre barrancas de grande altura. Os seus rebordos aqui e ali se revestem de relva ou de rochedos escuros e escarpados que surgem à flor da terra; geralmente, porém, o que predomina são árvores ou numerosos arbustos densamente comprimidos uns de encontro aos outros. A cada instante, encontrávamos a imóvel e majestosa *Araucaria* que se elevava do meio dos rochedos. Vários ribeiros vêm confluir com o que eu seguia o curso, e um dêles, precipitando-se sôbre lajedos escuros, à sombra de araucárias, forma uma cascata, cuja cintilante brancura contrastava com os tons sombrios das coisas circunjacentes. Outra queda de água pusera têrmo ao meu passeio. É ela formada por um riacho que, após correr pelo álveo de pedras chatas, cai da altura de cêrca de 16 a 20 metros no rio principal. Lamento não haver podido passar para a margem oposta, de onde melhor a apreciaria.

Ao cair da tarde, o coronel Diogo, a quem já me referi, chegava a Morangava com o seu numeroso séquito(6); a casa enchera-se inteiramente, e, para antecipar-me a êles, pelo menos em um dia, resolvi partir na manhã seguinte, conquanto ainda chovesse.

A região que eu percorrera antes de chegar ao rio Jaguaricatu(7), é montanhosa e recortada de vales inundados pelas águas dos ribeiros. Rochedos escuros surgem de todos os lados, nas encostas dos morros. Algumas araucárias se alçam isoladas pelo campo, ostentando o seu porte majestoso; mais freqüentemente elas confundem-se com outras árvores, nos bosques sombrios do fundo dos vales e das margens dos rios. Vêem-se por

(6) V. o vol. precedente — (S.-H.) —, ou a cit. trad. —, *Viagem à Província de São Paulo*. — (N. do T.).

(7) Cachorro bom.

tôda parte, em meio dessas árvores, quedas de água, alvinitentes e espumosas, que se despenham do alto dos morros, realçando o verde escuro das araucárias, rugindo e caindo no fundo dos vales. A paisagem não possui o aspecto agradável de que se reveste aquém do Itararé; entretanto, é ela aqui mais variada e mais pitoresca.

Após haver atravessado um bosque bastante sombrio, cheguei ao rio Jaguaricatu, um dos afluentes do Itararé(8). Êste rio, pouco largo, é vadeável em tempo sêco; mas depois das grandes chuvas, torna-se tão caudaloso que os cavalos e as mulas, ao passarem-no a nado, se arriscam a ser arrastados pelas águas. Durante a minha estada em Morangava, o correio expresso permaneceu um dia inteiro nessa fazenda, por não poder atravessar o rio com segurança. Quando, porém, cheguei à sua margem as águas já haviam baixado sensìvelmente. A minha bagagem foi transportada numa canoa e as mulas atravessaram o rio a nado. Sendo êle vadeável quase durante o ano inteiro, a passagem do Jaguaricatu não estava arrendada a ninguém. A canoa em que o atravessei pertencia a um lavrador que, ordinàriamente, a escondia ali pelas proximidades, a fim de que os índios não a roubassem(9).

Cruzado o rio, prossegui a minha jornada, embrenhando-me na mata por um caminho horrível. Jamais haviam ali derrubado uma árvore, devendo o viajante passar pelos vãos dos troncos mais afastados uns dos outros; a sombra da ramagem impedia que a lama secasse e as mulas atolavam a cada instante em buracos profundos.

(8) Creio dever concordar aqui com a informação dada por Villiers, autor da carta topográfica da Província de São Paulo (Rio de Janeiro, 1847). Casal, seguido por Milliet e Lopes de Moura, diz que o Jaguaricatu se une ao Tibaji (*Corogr. Bras.*, I, 213; — *Dic. bras.*, I, 520); mas, conhecendo-se a posição de ambos os rios, basta um pouco de reflexão para se verificar que não é assim. — (S.-H.) — Da obra de Aires de Casal, que se tornou rara, o Ministério da Educação e Saúde mandou tirar nova edição, *fac-simile da edição de 1817*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945. — (N. do T.).

(9) Parece que depois de 1820 se construiu uma ponte sôbre o rio Jaguaricatu (**Müller, *Ensaio*, 54**).

Atravessada a mata, saí num campo e logo se me deparou a fazenda em que eu devia fazer alto.

Denominava-se ela Boa Vista, nome de lugar muito comum no Brasil, e pertencia a um abastado coronel de milícia, o Sr. Luciano Carneiro, que residia mais adiante. Era uma *fazenda de criar,* como as demais de tôda a região. O proprietário mantinha ali alguns escravos que eram dirigidos pelo mais inteligente e mais fiel dentre êles; como, porém, visitava às vêzes sua propriedade, o fazendeiro mandara construir uma pequena casa que conservava muito bem cuidada. Depois de haver passado os dias precedentes numa casa úmida, em que era constantemente perturbado e forçado a mudar de lugar a tôda hora, à procura de um canto em que não chovesse, passei a fruir da felicidade que me concedia essa cabana sem goteiras, onde eu podia trabalhar tão tranqüilamente quanto me era dado desejar.

O aspecto da região entre Boa Vista e o rio Jaguariaíba, é um só – a maior solidão e nenhum sinal de lavoura.

A duas léguas de Boa Vista, encontra-se uma cruz erguida à beira do caminho, não muito distante do sítio em que várias pessoas haviam sido trucidadas pelos índios. Se a sua presença provocava certo temor aos moradores e aos viajantes, por outro lado ela lembrava os sentimentos de misericórdia, e o dever de perdoar.

Uma légua além dessa cruz, parei para passar a noite à margem do rio Jaguariaíba([10]), que desliza célere entre colinas. Do local em que o atravessei e que se denomina Pôrto do Jaguariaíba, vêem-se nas duas margens algumas

---

(10) Cito êste rio sob o nome que lhe dão na região; mas Pedro MÜLLER e o autor da carta de São Paulo publicada no Rio de Janeiro em 1847, escreveram *Jaguaraíva,* sendo também menos certas as formas *Jaguarihyba* e *Jocuriahy,* admitidas por Casal. Disseram-me na América que *Jaguariaíba* significa — o rio do cachorro; sou antes tentado a

palhoças esparsas circundadas de laranjeiras (1820). Um bosque, quase inteiramente constituído de araucárias, elevava-se na margem esquerda do rio e à pouca distância das casas haviam feito uma plantação de milho([11]). Deixaram no meio dessa roça algumas araucárias que se ostentavam isoladamente em tôda a sua majestade, e cujas côres sombrias contrastavam com o verde-gaio do milho. A paisagem, apesar de pitoresca, revestia-se de aspecto soturno devido principalmente à presença das araucárias e à côr escura de sua folhagem.

O Jaguariaíba é vadeável pelo estio; na época das chuvas, os homens o atravessavam em canoas, e as mulas a nado (1820). A portaria real que eu trazia comigo, mais uma vez isentou-me da peagem([12]).

O cobrador era português e tinha uma vendola do outro lado do rio. Êle hospedou-me numa casinha coberta com fôlhas de palmeiras, onde também existiam goteiras, muito menos, porém, que na de Morangava e nas casas em que eu parara, aquém dessa fazenda.

Ao partir do rio Jaguariaíba, deixei o caminho que se dirigia para o sul, com a intenção de percorrer demoradamente os Campos Gerais, a fim de ter dessa região uma idéia exata e visitar várias fazendas pertencentes à gente abastada. Desviei-me para leste e atravessei o rio Cinza, e, palmilhando caminhos pouco freqüentados,

---

crer que essa palavra derive de *yaguarai*, cachorro, e *aybá*, brenhas, *as brenhas dos cachorros* (Ruiz de MONTOYA, *Tes. leng. guard.*, 24, 186). — (S.-H.). — Para Ermelino de LEÃO (*Dic. Hist. e Geogr. do Paraná*), *Jaguariaíva*, como se escreve e se pronuncia atualmente, provém de *yaguar-y-aiba*, o rio da onça ruim. Cf. Teodoro SAMPAIO. *O Tupi na Geografia Nacional*, 3.ª ed. Bahia, 1928, págs. 292 (*jaguary*) e 198 (*aíba*). — (N. do T.).

(11) Sem dúvida, foram essas palhoças que se tornaram o núcleo da nova paróquia de Jaguariaíba citada no *Ensaio* de MÜLLER (pág. 54) e na carta de São Paulo de 1847.

(12) Depois de minha viagem construíram uma ponte sôbre o rio Jaguariaíba (MÜLLER, *Ensaio*, 54).

aproximei-me, tanto quanto possível, das terras habitadas pelos índios; desci, quase na confluência do Iapó com o Tibaji, abaixo da latitude de Castro, e, voltando rumo de noroeste, cheguei a essa vila, após haver descrito, na minha caminhada, uma espécie de C, e andar cêrca de 27 léguas em dezesseis dias. Homens abastados empreendedores e corajosos, fundaram nessa região desértica estabelecimentos importantes; mas, ao tempo de minha viagem, êles ainda não haviam sido imitados por muitos colonos pobres, de modo que, entre as grandes fazendas, só existiam palhoças.

Após haver passado a noite à margem do Jaguariaíba, subi a colina bastante íngreme que se eleva ao lado dêsse rio; penetrei em um bosque inteiramente constituído de pinheiros, atravessei, em seguida, um campo; e cheguei logo depois à fazenda de Jaguariaíba, propriedade do coronel Luciano Carneiro, a quem eu havia sido recomendado por várias pessoas e do qual já tenho dito alguma coisa. Da alta elevação do terreno, onde se achava situada a sua casa, descortinava-se um dos mais amplos panoramas até então por mim admirados. O terreno é ondulado e oferece à nossa vista, em tôdas as direções, pastos imensos entremeados de alguns bosquetes de araucárias. Ao longe, alteiam-se vários morros que fazem parte das terras ocupadas pelos índios.

A fazenda de Jaguariaíba compunha-se de uma dúzia de ranchos destinados aos negros e de algumas choças, cujos moradores trabalhavam no domínio e na casa do proprietário. Esta era a mais importante de tôdas as que eu havia visto a partir de Sorocaba, mas na parte oriental de Minas Gerais seria considerada como uma das menores de suas habitações. Ao chegar, entrava-se por um extenso corredor, onde havia três quartos pequenos e escuros reservados aos hóspedes. O apartamento das mulheres também se comunicava com êsse corredor, existindo em

cada extremidade uma saleta, numa das quais instalaram o oratório. O prédio não era forrado e as paredes dos quartos destinados aos hóspedes não iam até o telhado. Um renque de árvores da espécie denominada figueira do campo e de aroeiras (*Schinus aroeira* ou *terebinthifolius*) abrigava a casa dos ventos do quadrante sul, freqüentemente violentíssimos nessa elevação, e dava boa sombra. Atrás dessas árvores, ficavam os currais, onde, por ocasião de minha viagem, se encontrava avultado número de animais.

Fui muito bem recebido pelo coronel, cuja fisionomia tinha uma expressão de bondade, que o seu caráter bem conhecido não desmentia. Incluíam-no no número dos proprietários mais ricos dessa região e todos eram concordes em dizer que êle fazia o melhor uso de seus haveres. Poucos instantes depois de minha chegada, o coronel levou-me a ver suas vacas e bezerros, que entravam no curral. Os vaqueiros, a cavalo, faziam os animais avançar à sua frente e quando alguma vaca se afastava da tropa, êles reconduziam-na a galope.

O coronel queixava-se da vizinhança dos índios inimigos, que, por vêzes, atacavam as casas dos paulistas. Como a população branca, desde algum tempo, viesse diminuindo, por motivos que logo direi, os selvagens iam-se tornando cada vez mais atrevidos, e a sêca de 1819, da qual também sofreram os tristes efeitos, mais contribuiu para aumentar a sua audácia. Recentemente, haviam êles invadido os campos de propriedade do coronel, tendo morto alguns cavalos e comido a carne, o que nunca tinham feito até então. Poucos dias antes de minha chegada a Jaguariaíba, foram vistos a rondar pela vizinhança da casa, e o coronel, imediatamente, ordenou a vinda de alguns soldados, a fim de persegui-los. Estava eu apenas algumas horas na fazenda, quando chegaram oito homens, a cavalo, bem armados, prontos a marchar

no dia seguinte contra o inimigo. Alguns dêsses soldados já haviam tomado parte nessa espécie de caçada e deram-me minuciosas informações acêrca do modo como ela se realizava. Procuravam com cuidado o rasto dos *índios* e, descoberto, seguiam-no até encontrar o acampamento; arremessavam-se inesperadamente contra os selvagens; os homens fugiam sem se defender, logo que ouviam os primeiros tiros de fuzil, e, então, os atacantes apoderavam-se das mulheres e das crianças. Como os índios, esperando vingar-se, iam, ordinàriamente, pôr-se de emboscada no caminho pelo qual os brancos haviam passado, êstes, a fim de evitá-los, regressavam por outro atalho.

Os paulistas davam aos bugres([13]) das proximidades de Jaguariaíba o nome de *coroados*, porque, diziam, costumavam fazer no alto da cabeça uma espécie de tonsura, ou *coroa*. Segundo o testemunho unânime dos moradores mais instruídos da região, êsses índios construíam suas casas de pau-a-pique, à maneira dos luso-brasileiros, e cobriam-nas com fôlhas de bambu ou de palmeira, mas não as rebocavam. Elas eram bastante compridas, de modo que numa só casa podiam morar várias famílias([14]). Êsses selvagens, como os Guaianás, cultivavam o feijão e o milho, e parece que conheciam diversos gêneros de indústria. Um dos milicianos vindos à fazenda de Jaguariaíba para atacá-los, mostrou-me uma espécie de saia usada por mulher coroada, feita de tecido, na verdade, muito grosseiro, mas bastante forte. Uma índia coroada que havia sido aprisionada numa dessas caçadas, e que o coronel acolhera em sua casa, disse-me que, para fazer êsse tecido, empregavam a casca de certo cipó, a qual, após haver sido con-

---

(13) V. o vol. precedente — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

(14) Os índios que os portuguêses, à época do descobrimento, encontraram no litoral, também construíam cabanas enormes em que muitas famílias moravam juntas (Ferdinand DENIS, *Brésil*, 16). — (S.-H.). — Dessa obra existe uma tradução portuguêsa editada em Lisboa no ano de 1845. — (N. do T.).

servada algum tempo imersa na água, era batida e reduzida a estôpa. Fiava-se esta sôbre a perna(15), e com os fios assim obtidos, faziam-se o tecido com os dedos, sem auxílio de agulha ou qualquer outro instrumento semelhante.

Além da tribo dos Coroados, havia nas vizinhanças de Jaguariaíba muitas outras que freqüentemente se guerreavam entre si. A índia coroada do coronel Luciano Carneiro ficara muito assustada quando viu Firmiano (camarada do autor), pois, segundo ela me dissera, não longe de sua aldeia existiam selvagens ferozes que também tinham o costume de furar o lábio inferior e as orelhas. Possívelmente, não pertenciam os últimos à mesma nação dos verdadeiros Botocudos do Jequitinhonha e do rio Doce; mas talvez fôssem irmãos dos índios que os paulistas encontraram, em 1845, no Guairá, e aos quais denominaram *Botocudos*, pela circunstância de usarem no lábio inferior botoques feitos de certa resina que tinha a côr e a transparência do âmbar(16).

No que respeita aos Coroados dos Campos Gerais, é muito provável, como veremos mais adiante, que êles

---

(15) É também enrolando em cima das pernas a estôpa extraída da casca da *Cecropia* (imbaúba) que as mulheres macunis de Minas Novas fazem a corda dos arcos usados pelos seus maridos, etc. (*Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, II, 53 — S.-H. —, ou a cit. trad. — *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, II, 58 — N. do T.).

(16) A interessantíssima expedição ao Guairá fôra ordenada pelo Barão de Antonina, a quem já me referi no vol. precedente. Propunha-se êle fazer explorar os rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, à procura das ruínas das antigas reduções jesuíticas, onde se supunha existirem tesouros enterrados (*Itinerário de uma viagem*, etc., in *Revista Trimensal*, 2.ª série, II, 17). O que CASAL e seu tradutor, Henderson, disseram com relação aos bugres de São Paulo, a saber — que uns rapam a cabeça em forma de coroa e outros furam o lábio inferior, afigurou-se quase inacreditável (Neuw., *Bras.*, 92); parece-me que presentemente a referência do pai da geografia brasileira (*du père de la géographie brésilienne*, no original) não mais poderá ser posta em dúvida. Foi ela plenamente confirmada por Ferdinand Denis num artigo sôbre *botoques* ou *bezotes* inserido no *Magasin pittoresque* de 1850. Encontramos o uso dêsse estranho adôrno entre os bugres de Santa Catarina.

e os indígenas do mesmo nome, moradores perto de Guarapuava, constituíssem uma só nação(17), e que, por conseguinte, nada tivessem de comum com os Coroados do Rio Bonito nem com os do Presídio de S. João Batista(18).

Os paulistas exprobravam aos bugres aldeados nas proximidades da estrada, desde Itapetininga até Curitiba, as mortes e as destruições por êles praticadas; mas ninguém os acusava de antropofagia, de que, segundo se dizia, tantas tribos foram, outrora, incriminadas(19).

Era o coronel Luciano Carneiro depositário da pólvora e do chumbo que o govêrno enviava para os Campos Gerais, a fim de que os moradores se pudessem defender dos assaltos dos bugres ou índios selvagens. No dia em que os oito paulistas chegados na véspera, deviam pôr-se a caminho, o coronel distribuiu entre êles certa quantidade de munição de guerra, bem como carne, farinha e sal para três dias, após o que puseram-se em marcha. Alguns foram antes ao oratório do coronel e ali abriram o nicho em que se achava a imagem da Virgem, ajoelharam-se e oraram por alguns momentos.

Aproveitando a minha estada nessa fazenda, escrevi a minha Mãe e ao Sr. João Carlos d'Oeynhausen, governador da Província. Ainda não existia serviço postal entre São Paulo e Curitiba. Incumbia aos milicianos levarem a correspondência dos capitães-generais; era ela conduzida, de determinada a determinada distância, por

---

(17) V. o vol. precedente — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

(18) V. o que escrevi a êsse respeito em *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco*, etc., I, 42 — (S.-H.) —, ou I, 46 da cit. trad. — (N. do T.).

(19) O que escrevi acêrca dos Guaianás, dos Coroados e dos selvagens das proximidades de Jaguariaíba, que furam o lábio inferior, todos compreendidos sob o nome genérico de *bugres*, concorda perfeitamente com o que narra o exato Manoel Aires de Casal, que divide os bugres em quatro nações. (*Corogr. Bras.*, I, 220).

um miliciano que a entregava a outro, e assim sucessivamente, até o ponto de destino. João Carlos d'Oeynhausen acabava de imprimir ao serviço maior regularidade. Desejando que os capitães-mores o informasem mensalmente do que se passava em seus respectivos distritos, mandou fazer, para diversos pontos de sua capitania, certas pastas das quais êle e os capitães-mores possuíam uma chave. A pasta que seguia pelo caminho de São Paulo à Lapa, limite com a Província do Rio Grande, chegava primeiramente à casa do capitão-mor de Sorocaba, depois, sucessivamente, à do de Itapetininga, de Itapeva, de Apiaí, etc.; cada qual abria-a, retirava a correspondência que lhe era destinada e a reexpedia imediatamente. Ao retornar, procedia-se da mesma maneira, enviando então os capitães-mores ao governador o relatório redigido no intervalo que mediava entre a ida e a volta do correio. Deixei minhas cartas com o coronel Luciano Carneiro, a fim de que fôssem remetidas pelo próximo correio que, de regresso, passasse pela vila de Castro, a 16 léguas de distância da fazenda de Jaguariaíba e à qual me referirei oportunamente.

Êsse honrado fazendeiro levava até o exagêro a afeição respeitosa e quase filial que os brasileiros dedicavam ao seu soberano. Confiou-me êle a intenção de enviar ao rei quinhentas de suas melhores vacas, tendo eu conseguido, ao que me parece, que renunciasse a tal projeto. Receberiam o presente, as vacas seriam enviadas para Santa Cruz e meteriam à bulha o doador(20).

Como fàcilmente pudesse perder-me na região deserta que ia percorrer, ao deixar a fazenda de Jaguariaíba e seguir por um dos carreiros traçados pelo gado, supondo palmilhar o verdadeiro caminho, aliás pouco fre-

---

(20) Santa Cruz, antiga propriedade dos jesuítas, situada a 12 léguas do Rio de Janeiro, passou a ser castelo real. Terei oportunidade de referir-me a êle em minha última *relação.*

qüentado, — teve o excelente coronel Luciano Carneiro a bondade de arranjar-me um guia que me acompanharia durante alguns dias.

Além de Jaguariaíba, numa extensão de cinco léguas, a região é pouco montanhosa e o campo desdobra-se a perder de vista; no declive das colinas irrompem, aqui e ali, rochedos enegrecidos pelo tempo; no fundo dos vales destacam-se manchas escuras de árvores em que predomina a *Araucaria;* encontram-se poucas plantas em florescência e menor variedade de vegetação que entre Itapeva e Itararé; inúmeros riachos deslizam em leitos de pedras chatas; por tôda a parte reina a mais completa solidão.

Pela primeira vez, depois de muito tempo, deparou-se-me um campo semelhante aos de Minas e Goiás, de árvores enfezadas em meio de ervas e subarbustos. Reconheci, entre outras, a mangabeira falsa e muitas Leguminosas que também se encontram nos campos das duas mencionadas Províncias, parecendo-me, no entanto, que aqui a vegetação não é tão variada como nas margens do São Francisco ou do Paranaíba. Das plantas herbáceas e subarbustos, tais como duas espécies de Compósitas e a Hipocrateácea denominada *Calypso campestris*, Ash. Juss. Camb., havia diversas que também cresciam abundantemente nos campos situados em regiões mais setentrionais. Posso ainda citar entre as plantas que eu já conhecia, o pequi de caule anão (*Caryocar brasiliensis*, var. *nana*), que então estava coberto de flôres (5 de fevereiro) e que eu vira, pela primeira vez, em outubro, também em florescência, nas cercanias de Franca.

Depois de haver andado muito tempo, sem ter visto uma só casa e encontrado um único viajante, desvendaram-se-me pela tarde, sùbitamente, em meio do deserto, não longe das terras ocupadas pelos índios, — campos cercados por largos fossos, estacadas bem feitas, muros

bem conservados, caiados e cobertos de telhas: era o prenúncio da fazenda mais agradável e mais bem cuidada que eu iria ver depois da de Ubá[21]; sua aparição causou-me deliciosa surprêsa. Acabava de percorrer uma região agreste, inabitada, e tinha agora sob os meus olhos uma vivenda encantadora, cuja entrada lembrava a de certas casas de campo dos arredores de Paris.

A Invernada ou Fazenda de Caxambu ficava situada no declive de uma elevação de terreno, em cujo sopé corria um riacho; o lado oposto da elevação achava-se coberto de relva muito verde, existindo ali perto um bosque de araucárias cuja côr escura contrastava com o verde-gaio dos campos circunjacentes. A morada pròpriamente dita não se constituía, como tantas outras, de algumas palhoças esparsas e meio arruinadas. A casa do proprietário ficava separada das casas dos negros e de outras construções, mas tôdas haviam sido construídas no mesmo alinhamento e estavam bem conservadas; eram cobertas de telhas e davam para um jardim murado de mais ou menos 350 passos de comprimento. O jardim estendia-se pela encosta da elevação; a água chegava até ali através de um dêsses aquedutos rústicos usados pelos mineiros[22], e caía de muito alto num pequeno canal, espalhando-se por todos os lados. Um renque de roseiras próximas umas das outras, muito altas, sempre cobertas de flôres, — fòra plantado defronte da casa grande e das construções vizinhas, em todo o comprimento do muro, produzindo o mais agradável efeito, graças à mistura de sua coloração com a das laranjeiras e outras árvores. Por trás do renque de roseiras existia outro de marmeleiros, abaixo do qual haviam plantado uma aléia de limoeiros e laranjeiras. Espalhados aqui e ali, encontravam-se romã-

---

(21) V. em minhas três precedentes *relações* o que escrevi acêrca dessa fazenda, situada, mais ou menos, a 25 léguas do Rio de Janeiro.

(22) V. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes,* I, 15? — (S.-H.) —, ou a cit. trad., I, 147 — (N. do T.).

zeiras, ameixeiras, pessegueiros, figueiras e, mais abaixo ainda, predominava, em tôda a extensão do jardim, um parreiral que, por essa ocasião, se achava carregado de uvas brancas e pretas. Finalmente, na parte mais baixa da tapada, existia um prado artificial de capim-da-colônia (*Panicum spectabile*, Mart.), que, cercado, não corria o risco de servir de pasto aos animais. Deixavam-se, em tôda a região, os cavalos andar à sôlta pelos campos, e laçavam-nos quando dêles queriam utilizar-se. O proprietário de Caxambu, ativo e previdente, ao contrário de seus vizinhos, — mandara construir uma estrebaria em que os cavalos, nos quais costumava montar, sempre estavam ao alcance da mão; e fôra para alimentá-los que êle fizera o aludido prado artificial.

Logo adiante, existia uma espécie de pomar muito maior que o jardim, simplesmente rodeado por uma vala; viam-se ali macieiras de diversas qualidades, amexeiras, cerejeiras e jabuticabeiras (*Myrtus cauliflora*, Mart.). Plantaram cada espécie em renques bem alinhados e entre dois renques estendiam-se canteiros de ananases que eram atravessados por um caminho pelo qual se podia passear. Havia também uma plantação de bananeiras, a que dispensavam o maior cuidado; não podiam, naturalmente, subtrair tôdas as touceiras à daninha influência das geadas; mas a plantação era de tal vulto que, todos os anos, restavam intactos muitos pés, dos quais colhiam excelentes frutos. Observei ainda nesse pomar pequena plantação de cana-de-açúcar de Taiti (*Canna Cayana, Saccharum Taitense*); quando novas, as plantas eram cuidadosamente cobertas, a fim de resguardá-las da geada, e, em 1819, conseguiram fazer suficiente quantidade de açúcar para fabricar apreciável quantidade de vinho de laranja. Conforme já anotei, é Sorocaba o limite da zona do café; entretanto, encontram-se em Caxambu alguns pés dêsse arbusto, plantados, porém, em lugar abrigado

e conservados graças aos grandes cuidados que lhes dispensavam.

Junto da casa grande havia ainda uma horta convenientemente cercada; ali, só vi couves, aliás em grande quantidade, plantadas simètricamente e em terreno muito limpo. Certo, eu não faria semelhante observação se estivesse a descrever uma das nossas hortas; mas neste país tudo que revela cuidado e regularidade deverá ser registrado como coisa maravilhosa.

As flôres também não tinham sido esquecidas; reservaram-lhes um pequeno cercado junto da casa grande. Notei ali angélicas, cravos e agrostemas, apesar de já haver passado a estação das flôres, pois estávamos quase no fim do verão (fevereiro).

Colhiam-se cerejas em janeiro e as ameixas amadureciam no mesmo mês; entretanto, em começos de fevereiro, ao tempo de minha viagem, havia ainda algumas dessas frutas nas árvores. O solo estava juncado de pêssegos bichados, ao passo que grande quantidade, perfeitamente sã, cobria os pessegueiros. Como já tive ensejo de dizer, aqui essa fruta nunca atinge completa maturidade e ofereceram-me pêssegos que na França certamente ninguém comeria.

Esperava-se fazer em breve a colheita das maçãs, estando também próxima a época em que se deveriam colhêr os marmelos e os ananases; os figos estavam inteiramente maduros e pareceram-me excelentes. Saboreei ótimas uvas brancas; mas as pretas não eram da mesma qualidade. As roseiras estavam cobertas de flôres; assim é durante todo o ano, diminuindo de intensidade pelo inverno.

Achava-me ainda a alguma distância da bela fazenda a que acabo de me referir, quando o meu guia tomou a dianteira, a fim de anunciar a minha chegada, arranjar-me cômodo e recomendar-me da parte do coronel

Luciano Carneiro. Infelizmente o proprietário, Sr. Xavier da Silva, estava ausente; mas as mulheres que guardavam a casa concederam-me permissão para instalar-me num pavilhãozinho situado perto do portão de entrada. Retido pela chuva incessante, passei cêrca de cinco dias em Caxambu. Fui tratado esplêndidamente durante êsse tempo; desde que saí de Sorocaba não recebera em outra parte melhor acolhimento do que me fôra aqui dispensado. Fui servido pelo capataz que, na ausência do proprietário, administrava a fazenda, não obstante ser simples escravo. Certamente êsse homem jamais tivera razão de queixa contra o seu senhor, pois estava sempre satisfeito. Era polido sem baixeza e, conquanto tratasse os demais escravos com autoridade, testemunhava-lhes ao mesmo tempo extrema bondade.

Sem dúvida, o Sr. Xavier da Silva não era um homem vulgar, pois vencendo inúmeros obstáculos opostos pela natureza e pelos seus semelhantes, conseguira construir e conservar no deserto uma vivenda que seria considerada agradabilíssima em qualquer país civilizado. Ademais, soube instruir e dirigir os seus trabalhadores e, desprovido de modelos, sòmente a si próprio e às suas recordações devia o êxito obtido. Basta dizer que êsse proprietário era português. Os habitantes da região que acabo de descrever, são preguiçosos e destituídos de gôsto, e possuem poucas noções de simetria para realizarem coisa semelhante. Os vizinhos do Sr. Xavier da Silva, quando recebiam visitas e desejavam dispensar-lhes amabilidades, mandavam pedir frutas do seu vergel; entretanto, ninguém procurava imitá-lo, fazendo o mesmo que êsse homem conseguira fazer.

CAPÍTULO III

Prosseguimento da viagem pelos Campos Gerais. — A fazenda de Fortaleza. — Ainda os índios Coroados.

O rio Caxambu. — A fazenda do tenente Fugaça e seus escravos. — A região situada além da fazenda do tenente Fugaça. — Fazenda de Fortaleza; história e perfil do Sr. José Félix da Silva, seu proprietário. — Os índios Coroados; uma mulher dessa tribo. — Partida de Fortaleza. — Precauções contra os selvagens. — Um português morto por êles. — A vila de Tibaji. — O lugarejo chamado Barra do Iapó — O rio Tibaji; ouro e diamantes; garimpeiros. — Fazenda de Guartelá; hospitalidade; baratas; pulgas. — Igreja Velha; os jesuítas; os selvagens. — A Serra das Furnas; péssimo caminho; bela paisagem; araucárias afastadas umas das outras. — Recrutamento para a milícia; lavradores requisitados para a construção da estrada de Guarapuava.

A 9 de fevereiro, o céu ainda se conservava encoberto. Assim mesmo, reencetei a viagem, pois não desejava incomodar por mais tempo os meus hospedeiros, não tendo sido, porém, sem saudade que deixei a linda fazenda de Caxambu, tão diferente das que eu visitara nos últimos meses.

Tomadas algumas medidas de precaução, pudemos atravessar sem acidentes o riacho que desliza abaixo da fazenda, em leito de pedras chatas, e ao qual já me referi mais acima.

Não se deve confundir êsse pequeno curso de água com o rio Caxambu, também situado próximo da fazenda à qual transmitiu o nome, aliás composto das duas palavras guaranis *caa*, mato, e *cambu*, arredondado como um seio (mato arredondado como um seio)(1). Existe no rio Caxambu muito diamante. Parece que os contrabandistas extraíam outrora grande quantidade dessas pedras preciosas dos caldeirões ali existentes; mas o temor aos bugres que, de certo tempo em diante, se haviam tornado audaciosíssimos, acabou por entibiar o ânimo dos que se dedicavam a essas pesquisas(2).

Atravessado o riacho da fazenda Caxambu, entramos numa região quase plana, coberta de grama e onde pequenos bosques, constituídos principalmente de araucárias, se elevavam das depressões do terreno.

Os campos que eu percorrera durante tanto tempo, eram revestidos de grama rasteira; mas a vegetação dos que atravessei além de Caxambu, tinha mais ou menos a altura da que nasce em nossos prados. Êstes, não havendo sido queimados durante cêrca de um ano e tendo o capim atingido a sua altura natural, eram de *macegas;* os outros, havendo sido queimados nos últimos seis meses do ano precedente, eram de *verdes*(3).

Após haver caminhado duas léguas além de Caxambu, parei numa fazenda que tinha o nome de seu dono, o tenente Fugaça.

O proprietário achava-se ausente quando ali cheguei, mas fui muito bem recebido pelos seus negros. A maneira

---

(1) Acêrca do topônimo *Caxambu*, um dos "de mais renhida controvérsia no País, quanto à sua legítima origem que uns sustentam ser brasílica e outros querem seja africana" —, veja-se Nelson de SENNA — *Toponímia Geográfica de Origem brasílico-indígena em Minas Gerais*, in *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano XXII, 1928, págs. 108 a 111. — (N. do T.).

(2) Segundo CASAL, existe em Minas uma *serra do Caxambu*, entre o rio Jacaré e o rio Grande, afluentes do Paraná (*Corogr. Bras.*, I, 375).

(3) V. no cap. I o que escrevi a êsse respeito.

polida e as suas fisionomias alegres, fizeram-me supor a princípio que fôssem homens livres, e, no entanto, eram escravos; fizeram-me de seu amo os maiores elogios, e assim achei natural que se manifestassem satisfeitos e solícitos em bem servir. Se os negros têm freqüentemente aspecto taciturno, sofredor e estúpido, e, algumas vêzes, chegam a ser desonestos e audaciosos, é porque são maltratados.

A jornada que fiz ao deixar a Fazenda do tenente Fugaça, foi uma das mais longas de tôda a minha viagem; nunca os animais haviam caminhado com tanta celeridade, e, ainda assim, gastamos nove horas para chegar à fazenda em que devíamos fazer alto.

Seguimos um atalho pouco freqüentado e não encontramos uma casa sequer, nem pessoa alguma durante todo o dia. Sem o guia que, a pedido do coronel Luciano Carneiro, a gente do tenente Fugaça me pusera à disposição, certamente ter-nos-íamos extraviado inúmeras vêzes.

A região por nós percorrida ficava perto das matas povoadas pelos índios; eu não quis afastar-me muito da caravana e, por isso, fui obrigado a deixar de apanhar algumas plantas. Assim mesmo, atrasei-me dos companheiros ao passar um pequeno curso de água de dificílima travessia. Verificando que ali qualquer som ecoava com a mais perfeita clareza, distraí-me a emitir gritos a fim de ouvi-los repetidos de quebrada em quebrada. Minha gente supusera que eu lhe pedia socorro. Fermiano e sobretudo o negro Manoel acorreram pressurosos ao meu encontro; José Mariano, porém, que mais favores me devia, nem sequer arredou pé do local em que se achava.

Todo o terreno é ondulado e coberto de imensas pastagens do meio das quais, nas depressões do solo, se elevam pequenos bosques. De tempos a tempos, deparavam-se-nos enormes extensões de campos, mas por tôda a parte o aspecto era o mesmo. Nada é tão monótono

como o deserto; é o trabalho do homem que empresta variedade à natureza.

De Itararé até aqui, as árvores têm a mesma côr verde-escura das araucárias, produzindo belíssimo efeito no meio do verde suave das pastagens. Mormente depois de haver atravessado o rio Jaguariaíba, não vi mais, em meio das Gramíneas dos campos, tantas espécies pertencentes a outras famílias; os arbustos também se tornaram raros. As plantas que eu passara a encontrar com maior abundância eram Vernônias, Mimosáceas, uma Convolvulácea, uma Compósita vulgarmente chamada *charrua*, uma Verbenácea, uma Labiatiflora e uma Cássia. A Gramínea chamada capim-flecha, muito apreciada pelo gado, predominava em tôdas as pastagens.

A primeira habitação que encontrei além de Caxambu, denominava-se Fortaleza(4) e pertencia a um tenente-coronel da milícia.

O Sr. José Félix da Silva — era êste o seu nome — passava por ser um dos mais ricos proprietários da Província de São Paulo e era ao mesmo tempo famoso pela sua usura. Êsse homem casara com uma mulher pobre; e, como a tratasse com extrema severidade, concebeu ela o projeto de desembaraçar-se do marido, mandando assassiná-lo. Com êsse desígnio, assalariou alguns facínoras que o atacaram numa emboscada; êle, porém defendeu-se bravamente e conseguiu escapar. Entretanto, perdera na luta todos os dedos de uma das mãos, recebera ferimentos graves na outra e, finalmente, ficara coxo em conseqüência das pancadas recebidas nos pés. Todos sabiam ter sido a mulher a mandante do crime. Ela foi prêsa, mas o marido conseguiu libertá-la, graças a instantes pedidos. Havia já muitos anos, por ocasião de minha viagem, que êle a retinha em sua fazenda, de onde nunca mais

---

(4) Como se sabe, a capital da Província do Ceará também se denomina Fortaleza.

saíra. Sòmente sendo muito corajoso ou, antes, muito insensato, poderia êsse homem viver com semelhante mulher. Existia do casal uma filha que enviuvara e fôra também forçada a morar em sua companhia; a môça tentara fugir várias vêzes, mas o pai tornara a apanhá-la. Como o Sr. José Félix tratasse os escravos com igual dureza de coração, êstes também o detestavam e em diversas ocasiões tentaram matá-lo. A sua desconfiança era tal que chegava a ter a despensa trancada à chave e a fazer-se barbear pelo neto, criança de oito a dez anos de idade.

Assim que soube de minha chegada, o Sr. José Félix mandou ao meu encontro um homem a cavalo, para cumprimentar-me.

Logo que entrei no pátio enorme da habitação, deram-me por alojamento uma pequena casa que ficava defronte da morada do proprietário, separada por tôda a extensão do aludido pátio. Ali encontrei o Sr. José Félix da Silva; era de baixa estatura e devia ter cêrca de sessenta anos, e tal como o descrevi acima: mutilado e estropiado. Usava barba de meia polegada de comprimento, o que era contrário ao uso da época; os seus olhos eram vivos e revelavam perspicácia, e as suas maneiras eram corteses. Recebeu-me delicadamente, mandou trazer-me chá e logo em seguida serviram-me ótima ceia.

Parti de Fortaleza quatro dias depois de minha chegada. Durante êsse tempo, o proprietário dispensou-me as maiores considerações e redobrou de atenções quando tive oportunidade de mostrar-lhe a portaria que trazia comigo. Certamente, sentindo-se satisfeito por subtrair-se aos desgostos de seu lar desmantelado, logo ao alvorecer vinha o meu hospedeiro instalar-se na casa em que me achava; comíamos juntos, êle lia enquanto eu trabalhava e só se retirava para dormir. Era homem de espírito e de bom senso; estudara em São Paulo e conversava fluente-

mente; mas notei que evitava falar sôbre o que dissesse respeito à sua pessoa, aos seus negócios, aos seus interêsses e até à região em que vivia. Conversávamos acêrca da França e do Rio de Janeiro.

Não sei por que razão em Fortaleza serviam as refeições de maneira diferente das outras casas brasileiras; começavam os repastos por onde os terminávamos na França. Primeiramente traziam frutas; em seguida, o assado; ato contínuo, os guisados; logo depois, o cozido; e, por fim, os doces. A primeira vez que vi, no começo do jantar, porem frutas na mesa, pensei que não teríamos outra coisa como refeição.

O Sr. José Félix da Silva foi o criador de sua fazenda. Êle estabeleceu-se em Fortaleza no comêço do século; êsse lugar era então freqüentado sòmente pelos selvagens, aos quais se referiam com sentimento de terror; mas depois dessa época, muitos colonos se fixaram nos arredores, alentados pelo corajoso exemplo do primeiro desbravador e seguros de que seriam protegidos contra os índios por um homem poderoso, senhor de muitos escravos.

A fazenda de Fortaleza estendia-se pelo declive de um morro; defronte da casa existia um bosque de pinheiros e, ao derredor, vastas pastagens. As edificações ficavam situadas em tôrno de enorme pátio quadrado, e atrás da casa grande, onde não entrei, haviam feito um jardim no qual penetrei alguns passos e vi, ao longe, laranjeiras plantadas simètricamente.

Fortaleza, por ocasião de minha viagem, era a fazenda que se achava situada mais perto das terras ocupadas pelos selvagens. Freqüentemente, êles ali cometiam tropelias; perseguiam-nos, matavam alguns homens e tomavam-lhes mulheres e crianças. Os negros do Sr. José Félix nunca iam trabalhar nas plantações sem levarem consigo armas de fogo.

Os índios vizinhos de Fortaleza pertenciam, como os de Jaguariaíba, à tribo dos Coroados. Usavam também uma pequena tonsura e, além disso, deixavam o cabelo crescer atrás e cortavam-no na testa, ao nível das sobrancelhas. Disse-me o Sr. José Félix que entrara numa das casas dêsses índios e por êle tive confirmação do que me haviam contado na fazenda do coronel Luciano Carneiro: a casa era construída como as dos portuguêses e encontrara ali considerável provisão de milho e feijão. Além dos tecidos do gênero de que já falei, tomavam-se freqüentemente aos Coroados de Fortaleza arcos, flechas, machados de pedra, diversos vasos de cerâmica, cestas e colares de dentes de macaco. Mostraram-me uma panela que lhes haviam tirado e que se me afigurou tão bem feita como as dos paulistas.

Vi em Fortaleza uma mulher e duas crianças coroadas que haviam sido aprisionadas muito recentemente e acheilhes os semblantes bem agradáveis. A cabeça da mulher era muito menor que a das mulheres de outras tribos, o que lhe dava melhor aparência; eu, aliás, já observara isso na índia do coronel Luciano Carneiro. Dar-se-ia o caso de que as duas mulheres coroadas que eu vira até então, e que haviam sido apanhadas em lugares diferentes e afastados entre si, fôssem exceção? Não seria *mais* razoável acreditar que a maior parte das mulheres de sua nação se lhes assemelhassem? Como quer que seja, segundo o que até aqui escrevi acêrca dos Coroados dos Campos Gerais, é evidente que, no seu estado selvagem, são êles superiores em inteligência, indústria e previdência a muitos outros povos indígenas, e talvez até em beleza. Dada essa circunstância, dever-se-ia pôr todo o empenho em aproximá-los dos homens da nossa raça e, após, encorajar os casamentos mistos entre êles e os paulistas pobres, os quais não poderão envergonhar-se do sangue indígena, uma vez que há longos anos êle corre em suas veias.

Devo dizer, porém, que é mais fácil matar e reduzir os Coroados à escravidão, do que despender tais esforços em seu favor.

Mas retornemos ao nosso hospedeiro, o tenente-coronel José Félix da Silva. Muito raramente via êle gente de outros países, se é que alguma vez a viu, e creio que o homem ficaria encantado se eu prolongasse minha estada em sua residência; mas eu já achava essa viagem demasiadamente longa e desejava ver aproximar-se o seu têrmo. Deixei Fortaleza em 13 de fevereiro e no momento da partida recebi do meu hospedeiro vultoso presente de toucinho, carne sêca, doces, queijos e aves. Tal presente e o esplêndido passadio que, durante a minha permanência em sua casa, me dispensou o Sr. José Félix, desmentiam inteiramente a reputação de avarento em que era tido entre os seus vizinhos.

Saindo de Fortaleza, atravessei um trato de campo e, em seguida, bela plantação de milho; dali, penetrei numa floresta, achando-me logo após num alto, de onde descortinei extensas pastagens em que se viam, espalhados, pequenos bosques.

Nesse local, encontrei o guia que o tenente-coronel José Félix me havia cedido e eu deixara sair na minha frente. Disse-me êle que me esperara porque os índios freqüentemente se refugiavam na mata situada nas proximidades, e mostrou-me os restos de uma granja a que haviam pôsto fogo, fazia mais ou menos um ano, quando ainda estava cheia de milho. Poucos anos atrás, a eminência em que nos achávamos era tôda coberta de árvores, mas o tenente-coronel mandara abatê-las, a fim de que mais fàcilmente pudessem vigiar os movimentos dos índios.

Logo depois, passamos pelo sítio no qual, dois anos antes, êsses bárbaros haviam morto dois homens que trabalhavam numa plantação; outros três conseguiram

escapar, fugindo para os campos, onde os selvagens temiam travar peleja. Os que caíram em suas mãos foram trucidados a pauladas, quebraram-lhes a cabeça e despojaram-nos de suas vestes. A pouca distância do local em que ocorrera êsse fato, vi a casa de uma das vítimas. Tratava-se de um homem natural dos Açôres; cultivava o linho com muito êxito e a mulher fazia tecidos finos. Esta, privada de seu protetor natural, não pudera permanecer no lugar em que tudo relembrava a sua infelicidade e onde a sua vida corria enorme risco; ela abandonara a região, deixando desabitada a sua casa.

Mais adiante, vimos, à direita, os morros pouco elevados que têm a denominação de Serra da Pedra Branca. Disseram-me que, quase ao pé dêsses morros, a algumas léguas de Fortaleza, fica situada a vilazinha de Tibaji, nome tirado do rio que passa nas proximidades. O temor aos índios forçou alguns colonos, que ali se estabeleceram, a se avizinharem, e, destarte, formou-se a vila de Tibaji. Ao tempo de minha viagem, ela dependia, assim como Fortaleza, da paróquia de Castro, situada a mais ou menos 10 léguas de distância; ùltimamente criou-se ali uma nova paróquia(5).

O rio Iapó, que tem a sua nascente nos arredores de Castro e corre abaixo dessa vila, indo lançar-se no Tibaji, foi o têrmo de minha jornada. O lugarejo situado à margem esquerda e onde fiz alto, denomina-se Barra do Iapó, pela circunstância de ficar próximo do local em que êsse rio deságua no Tibaji. O nome *Iapó* é guarani e significa rio do valezinho ou do brejo(6).

---

(5) MÜLLER, *Ensaio*, 54.

(6) Os autores do útil *Dicionário do Brasil* (I, 516, 568) dizem que êste rio se chama *Japó* e que são os espanhóis que lhe dão o nome de *Hyapó*. Não sei de que espanhóis se trata aqui, mas o que é certo é que na região, habitada por descendentes de portuguêses, todos pronunciam *Iapó*. — (*S.-H.*) — Ao parecer de Teodoro SAMPAIO, êsse topônimo provém de *y-apó* e significa — "a água transbordada, a inundação; a cheia do rio; os alagados à margem dos grandes rios". — (N. do T.).

Fizera bom tempo durante todo o dia; ao entardecer, no entanto, vi formar-se ao longe um temporal. Quando cheguei às margens do Iapó, ainda não chovia; mas era preciso atravessar o rio, pois não havia casas no lado em que então me achava. Minha gente apressou-se a retirar os couros que cobriam a carga dos animais e amontoou a bagagem miúda; apenas começou-se a transportar a carga, caíu a chuva torrencialmente sôbre as malas que continham plantas sêcas, insetos e pássaros. Elas foram feitas com tanto cuidado e tão sòlidamente que nada se molhou no seu interior; mas receei que a umidade embolorasse todo o seu conteúdo e lamentei pela centésima vez os dissabores por que passamos ao viajar pelo Brasil, com coleções, durante a estação chuvosa.

O tenente-coronel José Félix ordenara que me preparassem uma casa no lugarejo. A que me deram era a melhor das três ou quatro existentes, esparsas e pouco afastadas do rio; mas a porta era tão estreita que só com muito trabalho conseguiram passar por ali as malas. Felizmente a chuva havia estiado.

O dia seguinte amanhecera nublado e, por isso, resolvi ficar na Barra do Iapó; sòmente à noite, porém, começou a chover. Passei o dia cuidando das coleções e estudando as plantas colhidas na véspera.

À tarde, fui de canoa até a confluência do Iapó, que, segundo já disse, se lança no Tibaji. No ponto em que se juntam, têm ambos os rios muita profundidade e correm — asseguraram-me — em leito pedregoso. Onde recebe as águas do Iapó, o Tibaji tem mais ou menos a largura dos nossos rios de quarta ordem; aí a sua correnteza é pouco sensível. Como as do Iapó, as suas margens são orladas de árvores e arbustos, acima dos quais se eleva a majestosa *Araucaria;* algumas lianas balouçavam-se elegantemente, quase a tocar a superfície

das águas, e, entre outras plantas, destacava-se a Apocínea pelas suas hastes e suas fôlhas esbranquiçadas.

O rio Tibaji, cujo nome se origina provàvelmente da reunião das palavras da língua geral, *tiba*, feitoria, e *ji*, machado(7), é um dos afluentes do Paranapanema(8). De todos os rios dos Campos Gerais, que contêm ouro e diamantes, o Tibaji é considerado o mais rico; também existe diamante nas terras que lhe ficam próximas e, principalmente, segundo me informaram, a algumas centenas de passos da vila que lhe tomou a denominação. Parece que no tempo em que os paulistas percorriam os sertões em busca de ouro e à caça de índios, alguns bandos que penetraram a região nela encontraram diamantes(9). Tendo tido conhecimento dessa descoberta, e para impedir que particulares a aproveitassem, o govêrno ali estabeleceu uma guarda. Mais tarde, foi ela suprimida, e não sòmente alguns moradores das cercanias do Tibaji se entregaram ao contrabando de diamantes, como ainda

---

(7) Esta etimologia, devida a Francisco dos Prazeres MARANHÃO, está de inteiro acôrdo com as explicações constantes do *Dicionário português e brasiliano;* prefiro-a àquela que me dera o hispano-americano, por mim freqüentemente citado, e segundo o qual *Tibaji* viria de *tibachi*, o rio da capoeira. Seria de presumir que os paulistas, assoladores do Guairá, a fim de, com os tupis, seus aliados, trocar machados por índios cativos, tivessem instalado à margem do Tibaji uma espécie de feitoria semelhante à que êles haviam estabelecido no Pôrto de São Pedro (Charlevoix, *Hist. Parag.*, I). — (S.-H.). — Segundo Teodoro SAMPAIO, *Tibaji* provém de *tyba-j-y*, o rio do pouso. — (N. do T.).

(8) Diz o P. Manoel Aires de CASAL que o Tibaji nasce ao poente de Cananéia (*Corogr. Bras.*, I, 212). Está perfeitamente certo; mas não se deve daí concluir que êsse rio começa nas proximidades de Cananéia, porque, para ir das cercanias dêsse pôrto ao Paranapanema, seria preciso passar por cima da Serra do Mar, o que é impossível. É de lamentar apenas que o autor da *Corografia Brasílica*, sempre tão admiràvelmente exato, fôsse nesse ponto um tanto vago; mas não posso deixar de acreditar que Aires de CASAL se tenha enganado como, depois dêle, os autores do *Dicionário do Brasil* (II, 704), quando diz que o Tibaji passa pelos Campos de Guarapuava, situados muito mais ao sul (veja-se a *Carta de São Paulo*, por VILLIERS, Rio de Janeiro, 1847).

(9) Entre ou paulistas que, outrora, percorreram os sertões próximos do Tibaji, a fim de prear índios, deve-se incluir o ilustre Fernão Dias Pais, o descobridor da Província de Minas (Baltasar da Silva LISBOA, *Anais do Rio de Janeiro*, II, 280).

vieram garimpeiros[10] de fora e até da capitania de Minas Gerais. Havia pouco tempo, o meu hospedeiro de Fortaleza, José Félix, avisara o govêrno do que ali se passava; encarregaram-no de proceder a pesquisas que, segundo me asseguraram, foram coroadas de êxito. Organizou-se no lugar uma companhia de milícias, da qual José Félix da Silva assumiu o comando, tendo recebido ordens para empregar os seus homens na perseguição aos garimpeiros. Creio que ao tempo de minha viagem apenas os moradores da vila de Tibaji lavavam furtivamente, ora algumas bateias[11] de areia extraída dos caldeirões dos rios, ora a terra apanhada nos lugares em que se sabia haver diamantes.

Já tive ensejo de dizer que a minha excursão pelas terras dos Campos Gerais, vizinhas dos domínios dos selvagens, levara-me a caminhar quase em semicírculo, abaixo de Castro, ou, se quiserem, a sudoeste dessa vila. A partir da confluência do Iapó, tornei a tomar a direção da mencionada vila, voltando, por assim dizer, sôbre os meus passos e seguindo direção contrária à primeira, isto é, a de nordeste.

Além do Iapó, os campos, assim como os que eu atravessara antes, não apresentavam diferenças sensíveis em seu aspecto geral; mas fiquei admirado de ali encontrar enorme quantidade de espécies que já havia herbori-

---

(10) Os garimpeiros — contrabandistas que ordinàriamente se reuniam em bandos — espalhavam-se pelos lugares em que havia diamantes em maior abundância, e êles próprios os extraíam sem auxílio de escravos. Uns ficavam de sentinela em lugar elevado e, à aproximação dos soldados, avisavam os outros, pondo-se o bando imediatamente em fuga (Veja-se *Voyage dans le district des diamants*, etc., I, 21 — (S.-H.) —, ou a trad. de Leonam de Azevedo Pena — *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, na "Brasiliana" da Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1940, págs. 17/18 — N. do T.). — A propósito dos garimpeiros como contrabandistas de diamantes, veja-se a nota de Clado Ribeiro de Lessa in *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*, I, 254. — (N. do T.).

(11) As *bateias* são grandes gamelas em forma de cone truncado, de que se servem na lavagem do ouro (V. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 245 — S.-H. —, ou a cit. trad., I, 215 — N. do T.).

zado numa região situada muito mais ao norte, nos arredores do rio das Velhas(12).

O tenente-coronel José Félix da Silva fornecera-me um itinerário, de acôrdo com o qual eu devia pernoitar entre a Barra do Iapó e o lugar chamado Igreja Velha. O guia que eu tomara às margens do Iapó pretendia que essa caminhada seria muito longa, e após andarmos duas léguas, fêz-me parar na pequena fazenda de Guartelá. A dona da propriedade, não obstante o marido achar-se ausente, amàvelmente deu-me permissão para pernoitar em sua casa, cedendo-me não sòmente a sala de visitas, como um quarto e uma cozinha. Após a minha chegada, mandou oferecer-me mate, bebida muito usada nessa região, e, conquanto não lhe viesse recomendado, fêz servir ceia a mim e à minha gente. Muito embora os habitantes dos Campos Gerais não tenham a inteligência dos mineiros, nem por isso são menos hospitaleiros que êstes.

De Guartelá à Igreja Velha havia uma légua e meia de distância, e parece que o meu guia me deixou na primeira dessas casas ùnicamente com a esperança de poder regressar ao seu lugar o mais depressa possível. Por causa da astúcia dêsse bom homem, tive de fazer em dois dias uma caminhada que poderia ter realizado em um, apenas. E, para remate de minha pouca sorte, fui obrigado a demorar-me em Guartelá, pois só à noite consegui encontrar os animais que se haviam extraviado no campo.

Graças às atenções dispensadas pela senhora que me acolhera, eu só tinha razões para sentir-me satisfeito; isso, porém, não me impedia de achar sua casa horrìvelmente desagradável, tendo como causa a prodigiosa quantidade de baratas ali existente. Como de hábito, êsses nojentos insetos ocultavam-se durante o dia, e logo que chegava a noite, cobriam instantâneamente as paredes e o assoalho dos quartos em que me haviam alojado. Nos Campos

---

(12) V. *Voyage aux sources de S. Francisco et dans la province de Goyaz*, II, 279 — (S.-H.) —, ou a cit. trad., II, 297 — (N. do T.).

Gerais não encontrei mosquitos, nem borrachudos e carrapatos, insetos daninhos das regiões quentes(13); mas as baratas, infelizmente, não são raras, e em nenhuma outra parte vi tão grande quantidade de pulgas. Quando cheguei a Guartelá, já fazia muitos dias que estas não me deixavam dormir.

A légua e meia de Guartelá, parei no sítio que pertencia a um proprietário pouco remediado que eu conhecera em casa do tenente-coronel José Félix e que me esperava havia alguns dias. Dispensou-me êle ótima acolhida e queria insistentemente que eu ceasse. O sítio ficava no alto de um morro, de onde se divisavam extensas pastagens; na descida, atrás da casa, existiam algumas árvores e, logo abaixo, pequeno vale banhado por um riacho que corria em leito de pedras chatas, entre duas orlas de árvores e arbustos. A descida do morro era lamacenta e aí, como à beira do riacho, encontrei grande número de lindas plantas, das quais me limitarei a citar a *Lavoisiera australis*, Aug. S. Hil. e Naudin.

Tinha o lugar a denominação de Igreja Velha em virtude de os jesuítas, pouco antes de sua expulsão, ali haverem construído uma igreja e dado comêço à instalação de um estabelecimento. Êsses religiosos possuíam na região grande extensão de terras e podiam prestar relevantes serviços à civilização. É de se crer que tencionassem êles dedicar-se à catequese dos índios coroados dos arredores e, pelo que realizaram em outros lugares, é permitido

---

(13) Em minhas precedentes *Relações* fiz minuciosas referências aos carrapatos e aos borrachudos (*Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro*, etc., I, 37, 322. — *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco*, etc., I, 202; II, 32 — S.-H. —, ou as correspondentes versões brasileiras, I, 48, 274. — I, 188; II, 46 — N. do T.). — Escrevi que, para alguém se desembaraçar dos carrapatos miúdos, poderá aplicar com êxito sôbre êsses insetos uma bolinha de cêra a que êles ficarão grudados; parece que duvidaram da eficácia da medida (Neuw. *Braz.*, 55), e, incontestàvelmente, nenhum efeito surtirá na extração de carrapatos que, tendo atingido certo tamanho, hajam penetrado profundamente na pele; é ela, porém, infalível contra os carrapatos miúdos, como eu mesmo tive ocasião de verificar.

supor que, se a sua ordem não houvesse sido suprimida, os selvagens, hoje (1820) tão temidos pelos descendentes dos portuguêses, seriam cristãos como aquêles. Não poderiam os jesuítas ter escolhido melhor local para início de seu estabelecimento. Não só criariam ali grande quantidade de gado — como faziam ordinàriamente nas zonas pastoris — mas ainda ficariam situados nas vizinhanças dos índios coroados, sem temor algum, visto que êstes nunca atravessavam o rio Iapó. De Igreja Velha poderiam observar os selvagens, estudá-los e determinar a maneira de conseguirem penetrar em seu meio. A guerra que lhes faziam, ao tempo de minha viagem, tornava, dia a dia, mais improvável uma aproximação. Os índios tudo esquecem, menos as injúrias, e, muito embora sinceramente quisessem viver em paz com èles, seria difícil fazê-los compreender a boa intenção. O único recurso a pôr em prática seria confiar a alguns prisioneiros que houvessem sido bem tratados, a incumbência de levarem propostas de paz aos seus irmãos. É bem verdade que o coronel Luciano Carneiro me dissera que sua índia tinha tanto mêdo da gente de sua nação como os próprios brancos; mas, explica-se êsse temor ao considerarmos que os selvagens não poderiam distinguir de longe se uma pessoa vestida à moda européia pertencia à sua nação ou era portuguêsa. É de supor, entretanto, que êles não fôssem atirar flechas em uma índia que vissem chegar da terra dos brancos, usando os cabelos compridos e um simples saiote.

Após haver deixado Igreja Velha, atravessei o riacho que desliza, como já tive ocasião de dizer, abaixo do morro em que ficava o sítio. Bem perto do local em que passamos, êle despenha-se de cêrca de seis metros de altura e escapa-se por entre rochas em meio das quais crescem árvores e subarbustos. Mais adiante, cheguei a um brejal onde os animais a todo instante atolavam na terra escura e pantanosa. Continuando a caminhar, notei que o terreno logo ia mudar de nível, pois, muito abaixo

dos Campos que eu percorria, percebi ao longe campos enormes cobertos de pinheiros, no meio dos quais existiam algumas pastagens. Finalmente, tendo andado 3 léguas, cheguei ao local em que devia apear-me.

Durante o tempo em que estive no Brasil, percorrera freqüentemente péssimas estradas, mas ainda não vira outra em tão más condições como essa. O terreno baixava sùbitamente de considerável altura, sendo necessário caminhar por cima de pedras escorregadias e quase perpendiculares. Cheguei a ter receio de que os muares se precipitassem no despenhadeiro com a carga; felizmente, porém, não ocorreu nenhum acidente. A descida denomina-se *Serra das Furnas;* no entanto, não existia ali nenhuma serra própriamente dita, mas apenas, como se viu acima, uma súbita mudança no nível do terreno. Certo, foi dado o nome de *Furnas* ao lugar pela circunstância de encontrar-se entre as rochas uma gruta bastante profunda, onde os viajantes pernoitam; fora disso, porém, pareceu-me não ter ela nada de notável. Lamento não ter tido a lembrança de verificar se ali existiam ossadas fósseis.

Atravessada a mata que se estendia abaixo da Serra das Furnas, encontramo-nos numa clareira sumamente pitoresca. Olhando para trás, vimos a encosta abrupta que acabávamos de descer e que, à direita, se revestia de pedras totalmente escuras, ao passo que em outros pontos se cobria de árvores e arbustos, em que predominava a sombria *Araucaria.* A mata estira-se por terreno inclinado, desde a vertente até um campo onde existem algumas palhoças. Mais adiante ainda se encontram pastagens, mas, em vez de serem despidas de árvores, nelas alteiam-se pinheiros afastados uns dos outros. A paisagem tem no seu conjunto qualquer coisa que faz lembrar as da Suíça.

Saindo dali, caminhei ainda uma légua para atingir o sítio em que devia pernoitar. Nesse trecho, a região é

montanhosa, mais coberta de matas do que o extenso êrmo que a antecede, e, ao mesmo tempo, mais pitoresco. Aos capões sucedem-se pastagens de pouca extensão, quase sempre sem outras árvores além de pinheiros, que se alteiam em meio da relva distanciados desigualmente uns dos outros. Até aí, eu vira florestas exclusivamente compostas de araucárias, e outras em que essas Coníferas se encontravam de permeio com árvores pertencentes a diferentes famílias; foi nesse dia que, pela primeira vez, atravessei pastagens em que, conforme acabei de dizer, o pinho do Brasil crescia esparsamente, aqui e ali. É sobretudo nesse trecho dos Campos Gerais que se pode admirar o contraste encantador entre o verde-escuro da copada perfeitamente regular dêsses majestosos vegetais e o verde suave das humildes Gramíneas.

Quando chegamos ao casebre em que devíamos passar a noite, começou a chover torrencialmente. Creio que, desde Sorocaba, isto é, desde 6 de janeiro, só passáramos um dia sem chuva, e estávamos então em 18 de fevereiro.

No dia seguinte, 19, fizemos o percurso de duas léguas apenas, indo pernoitar em Castro.

Achava-se a população dessa vila e seus arredores em grande aflição pelo fato de pretenderem preencher os claros da milícia local. Eram os coronéis ou, na sua ausência, os capitães de companhias, que efetuavam essa operação. Cada qual, como acontece em tôda parte quando ocorre caso idêntico, apresentava um motivo para isentar-se do serviço: uns alegavam as suas enfermidades, e outros que eram pobres e, portanto, não podiam adquirir o necessário fardamento; pediam, intrigavam, recorriam aos amigos influentes.

Não é de admirar que os habitantes da região tivessem tanta aversão de ingressar na milícia. Cêrca de dois anos e meio antes, haviam enviado uma parte do regimento para o Rio Grande, onde os brasileiros lutavam contra

Artigas; quase todos os homens requisitados eram casados, ficando as famílias, na sua ausência, reduzidas à miséria. Na verdade, haviam assegurado que, ao fim de algum tempo, fariam retorná-los à terra; mas a promessa não fôra cumprida. Ainda recentemente, haviam ordenado a um destacamento de milicianos que seguisse com destino a Santa Catarina, e quando os casados não se apresentavam suas mulheres eram responsabilizadas.

A passagem, fazia pouco tempo, do coronel Diogo por êsse distrito, aumentara o terror reinante. Quando alguns anos atrás, sob as ordens dêsse oficial, começaram a construir a estrada de Guarapuava, a que já me referi[14], forçaram os habitantes da região a trabalhar sem lhes pagarem devidamente, além de os tratarem com excessivo rigor. Mais de mil pessoas abandonaram o distrito, indo refugiar-se na Província do Rio Grande do Sul. Daí a razão por que fui encontrar em Castro tantas casas abandonadas e em ruínas.

Enquanto eu fazia uma grande volta, o coronel Diogo, com quem me encontrara em Morungava, conforme já declarei, tendo seguido pelo caminho mais curto, chegava a Castro. Trazia êle de São Paulo ordem para prosseguir na construção da estrada e criar uma nova paróquia no lugar denominado *Linhares*, onde, segundo diziam, já existiam alguns casebres. Quando se propalou essa notícia, tôdas as famílias ficaram aflitas, tendo a maioria dos habitantes preferido fugir a embrenhar-se novamente no sertão infestado de índios, a trabalhar quase de graça, longe de suas mulheres e de seus filhos, e ser tratados com excessivo rigor por um chefe habituado à severidade da disciplina militar. Não sei se o projetado empreendimento terá trazido grande benefício à região; mas o certo é que, dirigido com intolerável despotismo, começara por produzir grandíssimo mal.

---

(14) V. o vol. precedente — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

CAPÍTULO IV

A vila de Castro. — Fim da viagem através dos Campos Gerais.

A vila de Castro; sua história; sua posição; pontes; ruas; casas; igreja; instrução pública; natureza da população; o número de operários de diferentes profissões em relação com as ocupações dos habitantes de diversas regiões da Província. — Limites do têrmo de Castro; população; observações em tôrno de dados demográficos; produção. — O sargento-mor José Carneiro; sua casa; festas. — Dissabores sofridos pelo autor em Castro; o índio Firmiano; vícios dos homens das classes inferiores. — Partida de Castro. — Caminho horrível; embuste dos camaradas do autor. — A fazenda do Carambeí; seus moradores; mau procedimento de José Mariano. — O autor desvia-se da estrada. — O rio Pitangui. — A fazenda do mesmo nome. — Côr das pastagens. — Ainda o Tibaji. — A fazenda de Carrapatos; Dona Balbina; traje das senhoras. — A fazenda do Rincão da Cidade; conversa de sua proprietária com o autor. — O povoado de Freguesia Nova; grande número de brancos; vestuário das mulheres. — A fazenda de Caiacanga. — Mudança na vegetação e no aspecto da região. — O rio Iguaçu. — O Registro de Curitiba; outras minúcias acêrca dos direitos a que estão sujeitos os animais que entram na Província.

Simples paróquia nos primeiros tempos, era a vila de Castro conhecida pela designação de *Iapó*, nome que, à época de minha viagem, por hábito, ainda lhe davam, e, como já acentuei, fôra tomado ao rio que corre nas suas proximidades. Em 1788, o governador da Província de São Paulo, Bernardo José de Lorena, elevou a povoa-

ção de Iapó[1] à categoria de vila. Quando passei por Castro — assim a denominou Lorena[2] — integrava ela a comarca de Curitiba e era sede do seu têrmo mais setentrional; hoje (1847), a referida vila tem a mesma situação na quinta comarca, como passou a designar-se a antiga de Curitiba[3].

Castro, a 95 léguas de São Paulo, acha-se localizada no alto do morro que se estende do sul para o norte, até o citado rio Iapó. A leste do morro, o terreno é pouco elevado e revestido de Gramíneas; mas os pinheiros que orlam o brejo ali existente quebram a monotonia da paisagem. O lado oeste é mais montanhoso e mais pitoresco; araucárias coroam os morros, vêem-se algumas casinholas esparsas à sombra dassas majestosas árvores e, mais abaixo, enorme tabuleiro de relva estende-se até a vila, junto da qual desliza o rio Iapó por entre arbustos, dos quais pendem liquens esbranquiçados semelhantes a barbas-de-velho e que oscilam ao mais leve sôpro da brisa. Êsses arbustos são o pau-de-sebo (Leguminosa cuja madeira é quase tão mole como o caule do *Agave vivipara*), a *Eugenia tenella*, Aug. S. Hil. Juss. Camb., cujos frutos vulgarmente denominados cambuí, são comestíveis, e, finalmente, o *Escallonia vaccinoides*, Aug. de S. Hil., que se distingue pelas suas lindas flôres brancas.

Cabe aqui observar, a propósito da última planta acima citada, que devemos considerar os Campos Gerais a região das Escaloniáceas no Brasil. Demonstrou Humboldt que elas constituem uma região vegetal situada entre 1 140 a 2 460 toesas acima do nível do mar, em

---

(1) PIZARRO, *Mem. hist.*, VIII, 298 — (S.-H.) —, ou 8.º, t. I, 279, da ed. do Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, Rio, 1948 (N. do T.).

(2) Deram-lhe êste nome em homenagem a Martinho de Melo e Castro, Secretário dos Negócio Ultramarinos. — Foi elevada à categoria de cidade por Lei Provincial n. 14, de 21 de janeiro de 1857. — (N. do T.).

(3) VILLIERS, *Carta topográfica de S. Paulo*, Rio de Janeiro, 1847.

lugares próximos do equador(4); por conseguinte, achando-se os Campos Gerais, situados mais ou menos entre 23° 50' e 25° na altitude de 400 metros, correspondem, até certo ponto, à parte das serras equatoriais que se acham, entre 1 400 e 2 460 toesas, acima do Oceano.

Haviam construído sôbre o Iapó uma ponte de madeira cujos arcos, em número de vinte e seis, tinham cêrca de sete passos de largura; quando, porém, de minha passagem por ali, estava quase tôda destruída e provàvelmente achava-se nesse estado desde muito tempo, pois a câmara municipal de Castro era extremamente pobre. O comprimento da ponte não correspondia à largura normal do rio, mas à que êste atingia no período das chuvas. Durante a sêca, o Iapó torna-se mais estreito e pode ser passado a vau(5).

Ao tempo de minha viagem, possuía a vila mais ou menos cem casas que formavam três extensas ruas; eram aquelas muito pequenas, construídas de pau-a-pique e muito parecidas às dos nossos camponeses de Sologne, com a diferença de que talvez recebessem mais luz e tivessem menor quantidade de móveis. Após as emigrações provocadas pelo reinício da construção da estrada de Guarapuava, a maior parte das casas havia sido abandonada e caía em ruínas, como já tive ocasião de dizer.

A igreja paroquial, dedicada a Santo Amaro, era baixa, de pequena dimensão, despida de ornamentos e estava então em mau estado de conservação como as casas particulares. Desde que me achava no Brasil, muito poucas igrejas eu vira tão feias como essa(6); haviam

---

(4) *Distr. plant.*, 106.

(5) Trataram, ùltimamente, de reparar essa ponte, chegando o govêrno provincial a conceder meios para a realização das obras; mas, em 1844, necessitava-se de mais dinheiro para concluir os trabalhos já começados (*Discurso recitado pelo Presidente Manoel Felizardo de Sousa e Melo*, etc., 1844).

(6) Conforme se vê da obra de D. P. Müller (*Ensaio estatístico*, 54), em 1839 a igreja de Castro ainda não havia sido ampliada.

começado a construção de outras duas, mas não levaram a têrmo o intento.

Em 1820, na vila de Castro e seu distrito não existia instrução pública; sòmente em 1830 o govêrno provincial decretara que, de futuro, haveria ali um mestre-escola para meninos(7) e, por outro decreto de março de 1846, foi aberta uma escola do sexo feminino. É de supor que até o presente a primeira dessas escolas tenha tido pouca freqüência, pois o presidente da Província declara em seu relatório do ano de 1843, que o mestre-escola não enviara, como era de seu dever, a lista de alunos; e não se encontrando essa lista nos relatórios dos anos de 1844, 45 e 47, que consultei, é muito provável que o mestre se sentisse envergonhado em fornecer os nomes de reduzidíssimo número de meninos matriculados em sua escola.

Três ou quatro negociantes, mulheres de vida irregular e alguns artífices constituíam quase tôda a população permanente de Castro. Dos últimos, os mais numerosos eram os seleiros, o que não é de admirar, pois os habitantes da região passam a vida sôbre o lombo dos cavalos(8). Geralmente, pode julgar-se das tendências e dos hábitos de uma região pelo gênero de operários que aí são mais comuns: nas zonas auríferas, embora pobres, há muitos ourives, porque tôdas as mulheres querem usar jóias; em São Paulo e nos distritos ricos, onde se cultiva a cana-de-açúcar, os alfaiates são mais numerosos que outros artífices, porque existem meios para andarem bem vestidos, e se comprazem nisto; em Santos, pôrto de mar, existem muitos calafates; os carpinteiros abundam nos lugares em que freqüentes imigrações incessantemente aumentam a população, etc.

Os arredores da vila de Castro produzem milho, feijão, arroz e trigo cuja farinha é empregada no fabrico de um pão alvo e saborosíssimo; os habitantes dos campos

---

(7) *Discursos recitados, etc.*
(8) Milliet e Lopes de Moura, *Dic.*, I, 253.

vizinhos, porém, pouco se dedicam ao cultivo da terra, entregando-se mais à criação de bovinos e eqüinos. E nos cuidados pouco variados que exigem êsses animais, concentram-se quase tôdas as suas preocupações.

Em 1820, o têrmo da vila de Castro, que tinha aproximadamente 32 léguas de extensão, limitava-se, a nordeste, pelo Itararé que o separava do distrito de Itapeva, e ao sul, pelo rio Tibaji que o separava do têrmo de Curitiba; as terras ocupadas pelos selvagens dividiam-no pelos lados de oeste e norte; a leste, existiam enormes florestas que iam até o mar, e em meio das quais se achava a vila de Apiaí. Ao tempo de minha viagem, não se ia além de 13 léguas através das terras ocupadas pelos índios; mas ùltimamente essa penetração tem sido mais profunda e as florestas existentes do lado do oriente vêm sendo mais bem aproveitadas. Entretanto, os limites do têrmo permanecem inalterados.

Até há pouco tempo, a paróquia de Castro compreendia todo o distrito; mas o aumento da população e, sobretudo, a extensão do território, impuseram a necessidade de se proceder a sucessivos desmembramentos, e já em 1839, existiam nas terras que constituem o têrmo de Castro, cinco novas paróquias, a saber: a da vila e as de Guarapuava, Belém, Jaguariaíva e Ponta Grossa(9).

Verifica-se na população do distrito de Castro maior número de homens brancos que na do distrito de Itapeva ou de Itapetininga. Em 1820, elevava-se ela a 5 000 indivíduos(10), inclusive 500 escravos. Essa população seria mais densa se o coronel Diogo, pelo seu excessivo rigor, não tivesse, anos antes, forçado, por assim dizer, muitas

---

(9) Colhemos êstes dados em D. P. Müller (*Ensaio*, tab. 18); mas, segundo a carta de Villiers, é de presumir que, depois de 1839, foram acrescidas duas novas paróquias às cinco existentes.

(10) Foi esta a informação que me deram no local. A população registrada por Pizarro nas *Memórias históricas do Rio de Janeiro*, VIII, 299 (8.º vol., t. I, 279/280, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livro — N. do T.), publicadas em 1822, apresenta uma diferença a mais muito pequena, pois é apenas de 150 habitantes.

pessoas a deixar a região[11]. Se os dados fornecidos por P. Müller são exatos, houve, a partir de 1820, o aumento de 1 190 indivíduos em dezoito anos, o que daria, em 1839, a população total de 6 190, inclusive 1 612 escravos, entre os quais 727 negros africanos e 292 mulatos e mulatas; o número de solteiros acima de trinta anos, era, em 1837 ou 1838, relativamente ao de casados, de 1 para 4,5 mais ou menos; haviam-se celebrado no mesmo ano 46 casamentos de pessoas livres e 33 de escravos; nasceram 310 crianças livres e 94 escravas; finalmente, para 404 nascimentos houve apenas 101 óbitos[12].

Os números precedentes levam-nos a formular as seguintes considerações: 1.º — O aumento de pouco mais de um quinto sôbre o total da população, no período de dezenove anos, seria pouco sensível em comparação com o que ocorrera em outras partes da Província de São Paulo; mas é possível que as emigrações houvessem continuado e processar-se no decorrer de 1820 a 1821, até a revolução que mudou a face do Império brasileiro. Por outro lado, é explicável que um lugar tão afastado como Castro não tivesse recebido, em igual período, tantos estrangeiros como os que se acham situados nas proximidades das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais ou do pôrto de Santos. 2.º — Enquanto no ano de 1838, em tôda a Província, houve apenas, conforme disse alhures, 1 casamento por 105,35 indivíduos, celebrou-se no têrmo de Castro 1 por 78,35. Se pudéssemos tirar conclusões razoáveis de um fato que talvez ainda não haja ocorrido e talvez não se reproduza, seríamos tentados, antes de tudo, a acreditar que existe mais moralidade no têrmo de Castro que em muitos outros; mas não devemos esquecer-nos que, de 79 casamentos realizados, pelo menos 33

---

(11) O número de 4 831 habitantes registrado por Spix e Martius para o ano de 1815 (*Reise*, I, 239 — S.-H. —, ou I, 221, da cit. trad. — N. do T.), é, por sem dúvida, muito baixo.

(12) *Ensaio estatístico; continuação do apêndice à tab. 5;* tab. 6.

foram de escravos, e que o número dos efetuados entre brancos é comparativamente muito menor. Portanto, não podemos concluir dos algarismos citados que os habitantes dessa região tenham vida mais regular que tantos outros de seus compatriotas, mas simplesmente que são mais prudentes e não adquirem escravos com tanta freqüência, procedimento que, aliás, não merece censura, pois, ao mesmo tempo que vem ao encontro dos interêsses do proprietário de escravos, reverte em proveito da moralidade pública. 3.º — O número de escravos que, em 1820, era apenas a décima parte da população, elevou-se, em dezenove anos, a pouco mais de um quarto. Na ordem moral, êste aumento é, para os brancos, talvez mais que para os negros, verdadeira infelicidade; mas, na ordem material, é êle sinal certo de pronunciado aumento de riqueza. 4.º — Se nos anos que precederam ao de 1839, houve, mais ou menos, a mesma proporção entre os casamentos de pessoas livres e os de escravos que nesse ano, o que ignoramos inteiramente, seria de concluir que, por infelicidade, as negras nem sempre têm sido tratadas como o exige a humanidade, pois, enquanto de um lado os casamentos de indivíduos privados da liberdade foram, comparativamente aos das pessoas livres, de 1 para 1,39, os nascimentos de filhos de escravos foram, comparativamente aos de filhos de gente livre, de 1 para 3,29[13].

Ignoro qual foi o volume da produção agro-pecuária do têrmo de Castro durante o ano que precedeu ao de minha viagem; mas, segundo os quadros publicados por

---

(13) Lê-se no *Dicionário geográfico do Brasil* (I, 254), que em 1845 a população do distrito de Castro se elevava a 8 000 almas, e na notícia de Francisco de Paula e Silva (in *Anuário do Brasil*, 1847, 525), que, juntamente com a do distrito de Vila do Príncipe, ou Lapa, montava a mais de 18 000. Ambas as informações apresentam um aumento muito grande sôbre o cômputo de 1838, ano tão pouco distanciado dos de 1845 e 1846; mas, segundo me parece, é de acreditar exista alguma confusão na primeira, porque, na frase em que ela se encontra, diz o autor que o distrito de Castro limita com as Províncias

Pedro Müller, em 1838 colheram-se ali 1 080 alqueires (43 200 litros) de arroz, 6 691 (267 640 litros) de feijão, 181 631 de milho, 318 arrôbas (4 687,32 quilogramas) de fumo, 200 arrôbas (2 948 quilogramas) de algodão e 3 453 arrôbas (50 897,22 quilogramas) de mate, e criaram-se 3 751 cavalos, 485 mulas, 12 662 bois e 1 103 lanígeros. Nenhum distrito da Província de São Paulo forneceu nesse ano tantos cavalos, mulas, bois e carneiros como o de Castro; mas foi ultrapassado por alguns dêsses distritos no que tange à produção do solo pròpriamente dita(14).

Mas retornando ao histórico de minha viagem:

O tenente-coronel José Félix encarregara o meu hospedeiro de Igreja Velha de conseguir-me alojamento em Castro e fiquei deveras aborrecido, confesso-o, quando vi o que me fôra destinado; o meu descontentamento, porém, logo se dissipou ao verificar que a casa em que me instalara, apesar de feia e mal conservada, talvez fôsse a melhor da vila.

Após a minha chegada, fui procurar o sargento-mor José Carneiro, filho do coronel Luciano, meu hospedeiro em Jaguariaíba, a fim de entregar a carta que lhe escrevera o capitão-general. Recebeu-me êle com certo embaraço, que, a princípio, tomei por descontentamento com a minha presença; logo, porém, verifiquei que estava diante de excelente homem, sendo poucos os elogios que lhe possa eu fazer, graças às atenções que houve por bem dispensar-me durante a minha estada em Castro. Não

---

do Rio Grande e Santa Catarina, quando se sabe que entre essas Províncias e Castro fica situado o distrito de Curitiba. Quanto à outra informação, segundo a qual a população do distrito de Castro seria de cêrca de 13 000 almas, deduzidas 5 000, em quanto se calcula a da Lapa (*Dic. do Br.*, II, 777), visava um propósito, sendo, por isso, julgada exagerada por aquêles que ainda não achavam oportuno separar a 5.ª comarca do resto da Província de São Paulo.

(14) *Ensaio estatístico*, tab. 3. — Devo observar que, referindo-nos ao território de Castro, poderemos dizer, indiferentemente, *têrmo* ou *distrito*, visto o aludido têrmo constituir-se (1838) de um só distrito (1. c., 54).

sòmente insistira para que eu fizesse as refeições em sua companhia, como, por três vèzes, promovera festas em minha honra. Os móveis eram pobres e a casa despida de ornamentos, como, aliás, tòdas as de Castro. O sargento-mor reunira os músicos das redondezas em sua sala, que não era ladrilhada nem assoalhada, tal como as modestas tabernas das nossas vilas. Entre os músicos que ali ouvi, achava-se um homem que tocava viola com muito gòsto, sem conhecer uma nota sequer. Outro, senhor de pequeno instrumento chamado machete, que não é outra coisa senão uma viola de bôlso, tocava-o em tôdas as posições imagináveis, tendo o talento de tirar partido disso. Fazia ainda êsse homem tantos trejeitos, que um famoso saltimbanco, então conhecido em Paris por *le grimacier*, lhe teria inveja.

Além de música, houve danças. Sendo quaresma, não foi permitido o batuque(15). Dançaram a dois, como nas antigas danças alemãs, e a quatro, marca coreográfica chamada na região *anu* e *chula*, em que sapateiam furiosamente, dobrando os tornozelos, aliás, com certa graça. Os tocadores de viola também cantaram, não sendo aí, todavia, que brilham os brasileiros que vivem longe das grandes cidades e não aprenderam música. Algumas modinhas(16) são sem dúvida bem bonitas; entre-

---

(15) Os batuques são danças obscenas, sôbre as quais já me referi em outras obras. O príncipe de NEUWIED supôs (*Brasilien*, 24) que eu houvesse escrito *batucas*, em minha primeira obra, quando, na realidade, escrevi *batuques* (*Voyage dans la province de Rio de Janeiro*, I, 40 — S.-H.) —, ou pág. 50 da cit. trad. — (N. do T.), como escrevo ainda hoje e como escrevem no Brasil. Aliás, existem na língua portuguêsa certos sons mistos dificílimos de apanhar, nunca se podendo estar de acôrdo sôbre a sua ortografia. Assim, Neuwied entendeu chamarem *Ciri* a certo povoado da Província do Espírito Santo, ao passo que eu entendi *Ceri;* o príncipe tem de seu lado Francisco Manoel da CUNHA (*Informação*, etc., in *Rev. trim.*, IV, 240), e eu — MILLIET e Lopes de MOURA (*Dic.*, I, 267). Para a ortografia do nome de outro povoado da mesma Província, que o príncipe denomina *Miaipé* e eu *Meiaipi*, só encontro uma autoridade — a do *Dicionário geográfico* — e esta inteiramente a meu favor. Por outro lado, encontra-se maior número de pessoas que escreve *Jucu* (rio da Província do Espírito Santo), como Neuwied, em vez de *Jecu*, como eu e CASAL.

(16) As modinhas são cantigas populares, geralmente muito livres.

tanto, nada mais triste e mais monótono que os cantos populares das Províncias por mim percorridas. A voz dos brasileiros é quase sempre precisa; mas os habitantes do interior pertencentes à classe subalterna, sustentam a mesma nota demoradamente, enfraquecendo a voz pouco a pouco, de modo que as suas canções chegam a assemelhar-se a cânticos fúnebres. Representaram também algumas farsas, desagradáveis pela sua licenciosidade e pela sua grosseria. Enfim, no intervalo das danças várias pessoas recitaram trechos de poesias muito bonitas, apesar de a sociedade ser composta de operários e lavradores. Entre nós, sabem versos sòmente os que possuem alguns estudos; é necessário estar-se familiarizado com a nossa poesia para sentir-lhe os encantos. A prosódia natural às línguas do Sul torna a sua poesia mais vulgar; habituados a ouvir e a pronunciar a todo instante sílabas harmônicas, conhecem os meridionais a metrificação instintivamente.

A despeito das amabilidades do bom sargento-mor e do empenho em prestar-me tôda espécie de serviços, minha estada em Castro não foi muito agradável. Como a maior parte de suas casas, a em que eu tinha um compartimento era muito mal freqüentada, resultando daí uma série de embaraços e contrariedades. O índio Firmiano procurava desculpar-se de suas escapadas com uma enfiada de mentiras, faltava-me ao respeito, queria fugir e causava-me verdadeira aflição. Aliás, o que me surpreendia era que, vivendo êle no meio dos homens degredados que me serviam, não se houvesse corrompido muito antes. Como já tive ensejo de dizer em outras relações de viagem, os brasileiros de classe inferior, privados de instrução moral e religiosa, raramente são virtuosos; as mais das vêzes não têm família, mulheres perdidas os educam no vício[17]; habitualmente vivem em meio da corrupção e se dela escapam isso se deve a uma crise da qual resultam

(17) "Pudenda dictu spectantur. Fit ex his consuetudo, deinde natura. Discunt haec miseri, antequam sciant vitia esse" (M. F. QUINTILIANUS, *Inst. orator.*, lib. I).

crimes (1816-1822). As prostitutas pululam nas menores vilas, e é em suas mãos que os camaradas deixam o fruto de seu trabalho; por isso, os donos de tropas procuram parar em lugares isolados ou em ranchos afastados das vilas e das cidades. Se, às vêzes, são forçados a afastar-se desta regra, os camaradas que os servem escondem as mulas da tropa, a fim de prolongarem a permanência no convívio das mulheres públicas, com as quais se entregam à devassidão; ademais, roubam os patrões e praticam as maiores desordens. O prêto liberto Manoel, que me acompanhava, cumpria religiosamente o seu dever quando me achava em caminho; logo, porém, que chegávamos a uma vila, mudava de roupa, escapulia-se e só reaparecia à hora das refeições([18]).

Passei oito dias em Castro, a fim de mandar fazer algumas caixas que desejava deixar com objetos de história natural, em poder do digno sargento-mor José Carneiro, que as enviaria ao governador da Província, Sr. João Carlos d'Oeynhausen, em cuja casa eu as apanharia no meu regresso.

Tive sorte com os operários que me serviram em Castro, e, muito particularmente, com o marceneiro, que me foi utilíssimo, graças às mínimas precauções que tomara no sentido de que ficassem preservadas dos insetos e da umidade as coleções que mais tarde deveria encontrar em São Paulo. Êsse homem, branco de raça pura, repetia com orgulho que era natural da França, e, na verdade, mostrava ser mais ativo do que é, comumente, a gente desta região.

Após despedir-me do excelente sargento-mor, tomei o caminho de Curitiba e percorri, no espaço de uma légua, uma zona coberta de mata, como eram, ao que me pareceu, os arredores da vila de Castro.

Um quarto de légua adiante, o caminho tornou-se horrível, sendo preciso atravessar lamaçais em que as mulas

---

(18) V. o primeiro volume desta obra — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

atolavam até o peitoral; algumas caíram e a muito custo conseguimos chegar ao lugar denominado Curralinho. Aí, soube que nos havíamos extraviado e que, para encontrar o verdadeiro caminho, tínhamos de voltar sôbre os nossos passos. Já era tarde. Manoel afirmava que ia chover torrencialmente e assim decidi ficar.

Êle e José Mariano logo saíram à caça e voltaram, ao têrmo de um quarto de hora, sem nada haverem matado. Manoel deixara os animais no pasto e alguns instantes depois ouvimos José gritar que as mulas tinham fugido na direção da vila e só poderiam encontrá-las no dia seguinte. Não havia outro remédio, dizia Manoel, senão dormir na estrada. Vestiu roupa limpa, tomou um machado e um couro cru, a fim de fazer-me crer que ia pernoitar no mato, e saiu. Eu já havia achado esquisito que êle mudasse a roupa para passar a noite debaixo de uma árvore; mas não tive a menor dúvida de que tudo o que ocorrera não passava de mistificação, quando soube que José Mariano acompanhara o seu parceiro. Instantes depois, Firmiano veio contar-me que ambos tinham ido à vila.

Regressaram no dia seguinte de manhã, antes que eu me tivesse levantado; fingi nada haver percebido e partimos. Voltamos pelo mesmo caminho e, 3/4 de légua adiante, encontramo-nos novamente na estrada geral(19).

---

(19) Itinerário aproximado da vila de Castro à cidade de Curitiba, fazendo-se algumas voltas:

	Léguas
De Castro a Carambeí, fazenda	3 1/2
De Carambeí a Pitangui, fazenda	3
De Pitangui a Carrapatos, fazenda	4
De Carrapatos a Santa Cruz	2
De Santa Cruz ao Rincão da Cidade	3
Do Rincão da Cidade a Freguesia Nova, pov.	1
De Freguesia Nova a Caiacanga, fazenda ...	3
De Caiacanga a Papagaio Velho, sítio	2
De Papagaio Velho ao Registro de Curitiba	2
Do Registro de Curitiba a Itaqui, sítio	4
De Itaqui a Piedade, povoado	2
De Piedade a Ferraria, sítio	2
De Ferraria a Curitiba	2
	33 1/2

Era ela ali tão larga como no local em que havíamos deixado na véspera, evidenciando-se logo, que os meus camaradas se desviaram do caminho certo, propositadamente, com a intenção, segundo haviam combinado, de passarem mais alguns instantes em Castro.

A princípio, a região que atravessávamos era coberta de floresta; mas, pouco a pouco, as árvores foram rareando e acabamos por encontrar-nos em imensa planície ondulada, na qual, em meio de pastos magníficos, se viam apenas alguns capões de pequena extensão.

A fazenda de Carambeí, lugar em que parei e cujo nome provém das palavras guaranis *carumbé*, tartaruga, e *i*, (o rio da tartaruga), ficava situada nessa planície. A casa era pequena, mas encantadora, lembrando as de alguns ricaços das vilas de Beauce, na França.

Trazia comigo uma carta de recomendação para o proprietário; como, porém, se achasse ausente, mandei entregar a aludida carta à sua mulher. Fui introduzido por um escravo num corredor, para o qual davam pequenos quartos sem janelas destinados aos hóspedes, disposição essa que se encontra por tôda parte. Descarregaram as malas no corredor, e, certo de que me dariam o que comer, apesar de não aparecer ninguém, como era freqüente em Minas Gerais, mudei de roupa e ia pôr-me a trabalhar, quando, com grande surprêsa minha, apareceram duas jovens bem vestidas que me fizeram passar a uma espécie de salão. Uma era mulher do proprietário da fazenda e a outra a da pessoa que me havia recomendado. Ambas eram bonitas, tinham boas maneiras e conversavam admiràvelmente. Desde que saíra do Rio de Janeiro, eu vira apenas prostitutas e negras, e, por isso, foi para mim deliciosa novidade passar o serão com duas mulheres honestas e amáveis. Fizeram-me muitas perguntas acêrca da região, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Guarapuava, e, em tôrno dêsses assuntos, girou a

nossa conversação. Serviram-me chá e, após haver passado cêrca de duas horas com elas, pus-me a trabalhar. Em seguida, chamaram-me para cear, mas fiz a refeição em companhia de Laruotte; as senhoras reapareceram logo que foi tirada a mesa.

Recolhi-me à hora habitual. Quis o acaso, porém, que durante a noite eu saísse para o pátio da casa e descobri que os meus camaradas haviam abusado indignamente da hospitalidade que nos fôra dispensada de maneira tão generosa e tão amável. Passei o resto da noite agitadíssimo, fazendo mil projetos que a minha fraqueza e a impossibilidade de desembaraçar-me dos meus camaradas tornavam inexeqüíveis. Entretanto, logo que José Mariano entrou de manhã em meu quarto, não pude conter-me. Increpei-lhe o procedimento e êle ouviu-me cabisbaixo, sem proferir palavra. Os embaraços que eu experimentava incessantemente, provocados pelos que me serviam, afligiam-me mais do que me é dado exprimir, e destruíam o prazer que poderia sentir ao percorrer esta admirável região.

Deixando Carambeí, pela segunda vez afastei-me do caminho que seguia diretamente para Curitiba. O que eu tomara era mais extenso; induziram-me, porém, a dar-lhe preferência, visto que os lugares em que eu poderia pernoitar se achavam menos distantes uns dos outros, além de os moradores serem mais hospitaleiros e a região mais aprazível.

Acompanhado do guia que me haviam cedido em Carambeí, continuei a atravessar pastos imensos de admirável verdor, encontrando, de espaço a espaço, pequenos maciços de árvores; passei pela frente de uma casa em bom estado de conservação, como pareciam ser as do interior dos Campos Gerais; e, finalmente, cheguei ao rio Pitangui, que transmitira o nome à fazenda onde

pernoitei[20]. No local em que o atravessei, o rio é estreito e corre entre margens altas cobertas de árvores e arbustos em que predominam araucárias de troncos gigantescos. Viam-se nas encostas dos morros, à direita e à esquerda, pedras nuas que davam à paisagem aspecto muito pitoresco.

A fazenda de Pitangui pertencera aos jesuítas. À época de minha viagem, já não existia a casa em que êles moravam; mas achava-se ainda de pé, no meio do pátio, a igreja relativamente grande que os religiosos haviam construído. Após a extinção da Companhia, o rei apropriou-se da fazenda; os escravos foram levados para outros lugares e as terras vendidas juntamente com a casa e o gado. Pertenciam elas, em 1820 a um capitão de milícia que eu vira em Castro e que, obrigado a ausentar-se, deixara ordem para me receberem. Deram-me um quarto e serviram-me ótima ceia, mas fui menos feliz que na véspera, pois vi apenas um seleiro que trabalhava por conta do capitão.

A região percorrida além de Pitangui, na extensão de quatro léguas, era um pouco ondulada como a que eu atravessara um dia antes, e não oferecia muita diferença comparada com a última.

As pastagens dos Campos Gerais têm o mesmo verdor das nossas pradarias, não sendo, entretanto, tão enfeitadas

---

(20) Segundo o hispano-americano por mim freqüentemente citado, esta palavra provém do guarani *pitagi*, quase vermelho; não será mais verossímil que ela derive da *língua geral*, como pensa o meu amigo, Sr. Manoel José Pires da Silva PONTES (*Rev. trim.*, VI, 277): *pitang* ou *mitang*, criança, e *y'g*, rio, rio da criança ? — (S.—H.) — *Língua geral* foi o nome que deram ao tupi, a língua mais falada pelos indígenas do Brasil, sendo o nheengatu o tupi do norte e o guarani o tupi do sul (Teodoro SAMPAIO, *O Tupi na Geografia Nacional*). — Quanto ao topônimo *Pitangui*, persiste a dúvida acêrca do primeiro elemento tupi que entrou na sua formação. Diz o citado tupinólogo que a referida denominação, formada dos elementos *pitang-y*, admite duas acepções, uma vez que *pitanga* poderá ser a fruta vermelha da *Eugenia uniflora* dos botânicos, e também, sob a forma *mitanga*, poderá significar criança. Assim, *Pitangui* comporta duas interpretações — *rio das pitangas* e *rio das crianças*. — (N. do T.).

de flôres como estas. Em alguns lugares, porém, e sobretudo entre Pitangui e Carrapatos, deparou-se-me considerável quantidade de flôres e, em maior abundância, uma *Eryngium* e uma espécie da família das Compósitas; e, ao passo que o amarelo e o branco predominam em nossos prados, é, como já tive ensejo de dizer alhures([21]), o azul celeste que colore os trechos de pastagens a que acabo de referir-me.

Depois de ter caminhado mais ou menos três léguas e meia, cheguei ao rio Tibaji, que eu já havia visto da Barra do Iapó, sendo também aqui margeado por duas orlas de árvores e arbustos entremeados de *Araucaria brasiliensis*. Em meio dessa vegetação, observei uma *Salix* de cêrca de três metros de altura e que, a pouca distância da base, se dividia em diversos ramos grossos e longos, carregados de ramúsculos que se inclinavam para o solo([22]).

A minha bagagem foi transportada de canoa para o outro lado do rio.

À margem esquerda, já não me achava no distrito de Castro, mas no têrmo de Curitiba, do qual o Tibaji é o limite setentrional. No entanto, eu não havia deixado os Campos Gerais, como seria de supor, uma vez que êstes terminam onde acabam as pastagens e começam as grandes florestas.

Tendo caminhado meia légua após a passagem do rio, cheguei à fazenda de Carrapatos, onde pernoitei; pertencia ela à irmã da proprietária de Carambeí. O marido estava ausente, mas essa circunstância não impediu que sua mulher aparecesse e me dispensasse o melhor acolhimento.

Os trajes de Dona Balbina — era êsse o seu nome — em nada diferiam dos das duas senhoras de Carambeí.

---

(21) V. o parágrafo *Végétation* no primeiro volume — (S.-H. —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo*, 80 (N. do T.).

(22) V. o cap. I.

Ela usava, como as outras, vestido de *indiana*(23) muito decotado e um chale do mesmo tecido, cujas pontas caíam na frente, em ambos os lados do peito. Essas senhoras não usavam meias; um pente alteava-lhes os cabelos, e traziam compridos colares de ouro e brincos de diamantes.

De Pitangui transportei-me para Santa Cruz, fazenda outrora muito importante, e no dia seguinte fui pernoitar no lugar chamado Rincão da Cidade.

Era uma fazendola que pertencia a gente de poucos haveres e muitos filhos. A dona da casa recebeu-me com excessiva bondade. Estando eu a trabalhar, veio ela sentar-se na soleira da porta de meu quarto e pusemo-nos a conversar. "Por que se afadiga a correr mundo? — perguntou-me a mulher. O senhor tem mãe; por que não vai para junto dela, fazer-lhe companhia e consolá-la na sua velhice? Neste instante talvez esteja ela a pensar no senhor. Enquanto eu gozo das doçuras da vida — dirá sua mãe — é possível que ao meu filho falte o necessário, e chore pela sua sorte. Sua mãe não está necessitando de seu auxílio; mas, creia-me, uma mãe preferirá viver pobre junto de seus filhos do que rica longe dêles." Encheram-se-me os olhos de lágrimas e supliquei-lhe não prosseguisse. Aquela que fazia valer tão bem os direitos de outra mãe, devia ser por sua vez boa mãe. Faço votos para que seus filhos sejam para ela uma grande bênção. Nunca sentira, como nesse momento, o mais ardente de-

---

(23) *Indienne* — como se acha no original — é o nome de um tecido de algodão estampado que se fabricava na Índia, principalmente em Masulipatão e Surate, passando o vocábulo, por extensão, a designar o tecido que os franceses e outros europeus imitaram dos indianos. — Não encontramos em Morais, Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Laudelino Freire e tantos outros, o têrmo correspondente, que, em português, seria *indiana*, como no espanhol e no italiano, conforme registram dicionários dessas línguas. Na França, com a fabricação de tecidos mais finos — as *toiles peintes* ou *imprimeés* — restringiu-se a aplicação do nome *indienne* a um pano de qualidade inferior, com desenhos pouco esmerados e côres menos suaves. — (N. do T.).

sejo de regressar à pátria e ao seio da família; mas achava-me como que prêso pela fatalidade à terra do Brasil. Não segui os conselhos da boníssima hospedeira e espiei cruelmente a minha falta.

Terminado o trabalho, saí para o campo a fim de distrair-me. Anoitecera. Grande quantidade de insetos fosforescentes cruzavam os ares, brilhavam um instante, apagavam-se aqui e reacendiam-se mais além. O céu recamava-se de estrêlas. Não se ouvia o menor ruído. Mergulhei-me num sonho vago e encantador, e voltei mais calmo para o meu quarto.

A uma légua do Rincão da Cidade, parei num lugarejo que se compunha de cêrca de doze casas; denominava-se então Freguesia Nova, porque fazia, mais ou menos, três anos que se tornara sede de paróquia.

Embora as vilas da Lapa e de Castro e seus arredores se houvessem separado da paróquia de Curitiba, continuou esta a ter enorme extensão. Como a população dos Campos Gerais tivesse aumentado sensìvelmente e inúmeros fiéis, distantes de seu pastor, ficassem privados de receber os sacramentos, o bispo de São Paulo solicitou e obteve do rei a criação de nova paróquia que se estenderia do Tibaji ao rio Itaqui. A sede foi, a princípio, instalada no lugar chamado Tamanduá(24), onde existia uma capela pertencente aos carmelitas e que lhes fôra doada com a condição expressa de não deixarem passar mais de três domingos sem ali irem dizer missa. Fazendo muitos anos que não celebravam em Tamanduá o serviço divino, com razão retomaram a capela aos carmelitas, sendo-lhes, porém, novamente entregue, à vista de suas reclamações.

---

(24) Parece que, depois de minha viagem, Tamanduá adquiriu alguma importância. Não se deve confundir êste lugar com a vila de igual nome existente em Minas (V. minha obra *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco*, etc., I, 148 — S.-H. —, ou I, 140 da cit. trad. N. do T.), nem muito menos — como fizeram (*Dic. Bras.*, II) — com a vila de Tatuí que pertence à quarta comarca da Província de São Paulo, quando Tamanduá depende da quinta.

Enviaram êles para ali um religioso e foi então que o lugarejo se tornou a sede da nova paróquia, que passou a chamar-se Freguesia Nova(25).

Dizia-se missa em uma das doze ou quinze casas do lugar. De acôrdo com o ajuste pelo qual os dízimos no Brasil passaram para o rei, devia êste conceder os fundos necessários à construção de uma igreja(26); pediram-lhe, mas até à época de minha viagem nada haviam conseguido. Por outro lado, o vigário lamentava-se do pouco fervor de seus paroquianos, que não contribuíam com a mínima parcela para o culto divino; haviam-se acostumado a não praticar os atos da religião e o pároco tinha grande trabalho em decidi-los a irem à missa.

Eu mandara José Mariano na frente, a fim de pedir hospedagem ao eclesiástico, e quando cheguei, fui instalado em um rancho que, apesar de pequeno, deu para conter a minha bagagem. Instantes depois, recebia a visita do cura, para o qual só posso ter palavras de elogios.

Assisti à missa e, com grande espanto meu, notei que havia maior número de gente branca que de gente de côr, o contrário do que observara em outros lugares. Entre as mulheres, encontravam-se algumas bem bonitas, de tez rosada e traços delicados. Segundo o uso, tôdas estavam acocoradas e muitas tinham crianças no colo. Haviam chegado a cavalo e usavam o traje habitual — amazona azul com botões de metal branco e chapéu de feltro, que tiraram durante a missa.

---

(25) Tal era o nome que, à época de minha viagem, davam na região à nova paróquia; entretanto, não o encontro no *Ensaio estatístico*, de MÜLLER, nem no *Dicionário do Brasil*, nem na carta de VILLIERS. Pela posição dos lugares, suponho que Freguesia Nova seja o sítio mencionado por MILLIET e VILLIERS sob o nome de *Palmeiras;* não sei, porém, como conciliar essa opinião com o que diz o *Dicionário*, a saber, que Palmeiras foi elevada a paróquia em 1833, por Decreto da Assembléia Geral, quando Freguesia Nova já era paróquia em 1820.

(26) V. o que acêrca da história eclesiástica do Brasil escrevi em *Voyage à Minas Geraes*, I, 169, 175 — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, I, 153, 165 — (N. do T.).

Jantei e ceei em casa do vigário, juntamente com duas outras pessoas, das quais uma era o inspetor do registro de Curitiba. Conversamos muito e readquiri um pouco da alegria perdida. Era a profunda solidão em que eu vivia habitualmente que contribuía para entristecer-me. Os assuntos de conversa dos meus camaradas eram pouco divertidos e verifiquei que não podia palestrar com êles, pois se tornariam confiados e me faltariam ao respeito. Por outro lado, a maior parte das pessoas em cujas casas eu parava, tinham idéias tão acanhadas que eu não podia manter conversação com elas por mais de um quarto de hora; assim, era obrigado a satisfazer-me com os meus próprios pensamentos, e quando a melancolia se apoderava do meu espírito e o meu trabalho, um tanto ou quanto monótono, deixava de ser uma distração, não encontrava nenhuma outra coisa com que entreter-me.

Da vila de Castro à Freguesia Nova, caminhei, mais ou menos, do norte para o sul; para ir dêste último lugar a Curitiba, tomei a direção de oeste para sueste.

A três léguas de Freguesia Nova, parei na fazendola chamada *Caiacanga* (das palavras indígenas *cai*, macaco, *acanga*, cabeça, cabeça de macaco). O seu proprietário recebeu-me muito mal e quis negar-me hospedagem; mas usei de energia, dizendo-lhe que eu era *homem mandado* (em português, no original), isto é, enviado do govêrno, e fiquei. Um quarto de hora mais tarde, reapareceu-me êle tão delicado quanto fôra grosseiro a princípio. Desde Capivari, vinham meus camaradas chamando-me de tenente-coronel; cometi o êrro de não protestar na ocasião, resultando daí habituarem-se a dar-me êsse tratamento. Creio que, após a nossa discussão, disseram ao proprietário de Caiacanga que eu era tenente-coronel, pois logo que reaparecera, dirigia-se a mim como se eu realmente tivesse tal pôsto; e estou convencido de que fôra graças a essa circunstância que se operara nêle tão radical mudança de atitude.

Antes de chegar a Caiacanga atravessei um campo cujo aspecto me lembrou o dos carrascos de Minas Novas([27]). Era êle também coberto de árvores e arbustos muito juntos, de 3 a 4 pés de altura, entre os quais eram mais comuns duas espécies de Compósitas. Poderá supor-se que o terreno em que crescem arbustos deva ser melhor que o que se cobre exclusivamente de plantas herbáceas. Mas não é assim, pelo menos nesta região; os campos cujo solo é de má qualidade e aquêles em que o gado se apascenta só produzem arbustos de formação compacta.

A paisagem entre Freguesia Nova e Caiacanga já não era tão alegre, e além de Caiacanga ainda o era menos. Os vales tornaram-se profundos; rochedos afloravam nos declives dos morros; a grama não tinha mais o verdor vivíssimo de que antes se revestia: aproximava-me dos limites dos Campos Gerais. Em seu comêço, nas vizinhanças de Morangava, èsses belos campos singularizavam-se pela sua aspereza, feição que voltavam a tomar aqui onde terminavam.

Algumas léguas depois de deixar Caiacanga, cheguei ao rio Iguaçu([28]), ou rio Grande, que neste lugar tem o nome de *rio do Registro*, em virtude de passar perto do registro de Curitiba. Durante algum tempo caminhei pela sua margem. Rochedos surgiam aqui e ali, no flanco dos morros por entre os quais êle corria, sendo as suas barrancas orladas de araucárias e diversos arbustos. Tem o rio a sua nascente na Serra de Paranaguá, da qual falarei mais adiante; desliza na direção de leste para oeste, desata-se em inúmeras cachoeiras, recebe as águas de muitos

---

(27) "Os *carrascos*, conforme escrevi em *Voyage à Minas Geraes*, II, 22 (ou a trad. acima cit., II, 29 — N. do T.), são uma espécie de matas anãs formadas por arbustos de caules e ramúsculos compridos e finos, de 3 a 5 pés de altura, geralmente juntos uns aos outros."

(28) *Iguaçu* vem de *y*, água, e *guaçu*, grande; a água grande, o rio grande.

rios e riachos, torna-se caudaloso e vai lançar-se no trecho do Paraná, que corre na direção norte-sul(29).

Achando-me ainda na casa do vigário, apresentei ao inspetor do registro a carta de recomendação que me haviam dado; insistiu êle para que eu passasse pela sua casa, e como me asseguraram que isso não retardaria demasiadamente a minha viagem, cedi a suas instâncias. Seria impossível ter melhor acolhimento do que me dispensara êsse homem que, aliás, era europeu, conversava muito bem e tinha muito mais assuntos para uma palestra que os seus vizinhos. Mandou servir-me ótima refeição e comi em sua casa uvas que seriam deliciosas se o clima da região permitisse que elas amadurecessem uniformemente.

O registro de Curitiba, isto é, a repartição em que eram cobrados os impostos dos animais que por ali passavam, acha-se instalado na estrada do Sul, a três léguas da Lapa ou Vila do Príncipe, situada na entrada do sertão.

Já tive ensejo de dizer(30) quais os direitos que se pagavam para poder introduzir na Província de São Paulo os cavalos, mulas e bois provenientes do Rio Grande. A essas minúcias acrescentarei outras.

Sabe-se que os direitos eram divididos entre duas administrações, a do *contrato* e a da *casa doada*, representando esta, nominalmente, a família à qual o rei havia concedido a metade das quantias pagas à entrada da província(31). As mulas, cavalos e jumentos criados

---

(29) O tradutor, hoje esquecido, de Manoel Aires de Casal (HENDERSON, *History*, 167), e também êste, dizem que nas vizinhanças do rio Iguaçu existe uma horda de Puris. Êsses índios vivem na parte oriental da Província de Minas, sendo, portanto, extraordinário, como observa o príncipe de NEUWIED (*Bras.* III, 9), que também se encontrem indivíduos da mencionada tribo nos confins da Província de São Paulo. Nada me disseram, na região, que viesse confirmar a asserção do pai da geografia brasileira.

(30) V. o cap. intitulado *La ville de Sorocaba*, no 1.º vol. desta obra — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo*, págs. 247 a 265 — (N. do T.).

(31) *L. c.*

nas terras situadas entre os limites da capitania do Rio Grande do Sul e o registro, pagavam como os que vinham do Sul; mas a importância integral de 2$500 paga por mula, etc., era atribuída ao contrato, porque na época em que o rei fizera a concessão da metade dos direitos à casa doada, ainda não havia moradores entre o registro e a fronteira da capitania do Rio Grande do Sul, e a concessão estendia-se apenas aos animais que vinham da aludida capitania.

Como ficou dito, não era no registro de Curitiba[32], mas na vila de Sorocaba que se pagavam os direitos de entrada.

A administração do contrato concedia ainda aos compradores de cavalos e mulas outras facilidades de que tirava grandes lucros. Os que iam ao Sul comprar êsses animais, faziam as suas transações quase sem dinheiro, bastando uma carta de recomendação para que conseguissem crédito. Realizavam as suas compras a doze ou mais meses de prazo e chegavam à Lapa sem ter com que pagar aos camaradas que alugavam para auxiliá-los na travessia do sertão. A fim de que pudessem solver êsse débito, a administração do contrato fazia-lhes adiantamentos, entregando-lhes em dinheiro apenas uma pequena parte. O govêrno concedera-lhe o privilégio exclusivo de estabelecer casa de negócio no registro e a referida administração pagava aos camaradas dos tropeiros em tecidos e outras mercadorias a preços fixos e elevadíssimos. Haviam-se acostumado a êsse modo de pagamento e nunca reclamavam. A administração fornecia também aos tropeiros o sal de que necessitassem no resto da viagem, sendo reembolsada de seus adiantamentos em Sorocaba, logo que os animais eram vendidos. A princípio, o privilégio exclusivo de estabelecer-se era mais amplo, pois nenhum comerciante podia abrir casas de

---

(32) *L. c.*

negócios na Lapa e em Lajes, vilas que, como se sabe, constituem os extremos do sertão; de certo tempo em diante, porém, o mencionado privilégio ficara circunscrito ao registro.

Calculava-se na época de minha viagem, que na vigência do último arrendamento de três anos, o contrato arrecadara mais de quarenta contos de réis (280 450 fr.), e pela entrada de uma mula na capitania de Minas pagava-se a elevada quantia de $900 (56 fr.), sem incluir as múltiplas passagens de rios.

O inspetor do registro da casa doada enviava periòdicamente ao ministério a relação do número de mulas e cavalos que entravam na Província de São Paulo, sendo, portanto, facílimo ao govêrno conhecer o lucro auferido pelos arrendatários. Penso, pois, que, se continuavam a arrendar os direitos do contrato, era com o fim de conservar um meio de enriquecer alguns protegidos, ou porque era quase impossível ao govêrno obter lucros do estabelecimento comercial do registro; mas parece-me que, tomando-se em consideração os interêsses do fisco, teria êle vantagem em arrendar apenas o privilégio de negociar com diferentes artigos, reunir os direitos da casa doada e os do contrato, e administrá-los por conta do tesouro público, aliás com pouca despesa, porque essa administração era muito simples(33).

Eram os milicianos os encarregados de impedir a passagem de contrabando de animais, patrulhando a margem do rio por conta do contrato e da casa doada. Estêve o serviço durante muito tempo a cargo dos soldados de

---

(33) Conquanto os autores do *Dicionário do Brasil*, publicado em 1845, ainda citem o Registro de Curitiba como o local em que se arrecadam os direitos, parece-me evidente, conforme o que diz Daniel Pedro Müller (*Ensaio*, tab. 18), que o serviço fiscal se estendeu até o Rio Negro, lugar muito mais perto do limite ocidental da Província, que o Registro de Curitiba. Parece-me evidente também, ainda segundo o que diz o citado autor, que, sob o govêrno constitucional, reuniram os direitos da casa doada aos do contrato, como acima eu demonstrava ser necessário fazer.

linha; mas, então, o contrabando era freqüente, pois não havia nenhuma dificuldade de corromper homens que não ofereciam qualquer garantia. Tornou-se êle mais raro depois que os soldados foram substituídos por milicianos que possuíam alguns bens e incorriam, em caso de falta, na pena de confisco.

Os tropeiros passavam de canoa o rio do Registro e faziam os animais atravessá-lo a nado. A portagem era arrendada pelo fisco.

A região, montanhosa e coberta de mata além do Registro de Curitiba, tinha aspecto menos agradável que aquela por mim atravessada dias antes; não mais se assemelhava aos Campos Gerais e, por isso, consideravam-na como o limite dêsse trecho tão bem caracterizado da Província de São Paulo, de pequenas montanhas que se encontram situadas entre o registro e o sítio de Itaqui, numa extensão de quatro léguas.

CAPÍTULO V

O trecho dos arredores de Curitiba situado entre essa cidade e os Campos Gerais.

O sítio de Itaqui. — Seu proprietário, o capitão Veríssimo; emigrantes portuguêses. — A Labiada denominada poejo; nomes de plantas de Portugal aplicados a espécies brasileiras. — Povoado da Piedade; falta de hospitalidade — Sítio da Ferraria; o coronel Inácio de Sá e Sotomaior, seu proprietário; superstições absurdas confundidas com as verdades do Cristianismo.

O sítio de Itaqui(1), aonde cheguei no mesmo dia em que saí do Registro, pertencia a um capitão de milícias chamado Veríssimo, que me recebeu muito bem e em cuja casa, devido ao mau tempo, me vi obrigado a permanecer quase três dias.

Era êle excelente homem. Nascido em Portugal, viera para o Brasil aos quinze anos de idade. Após haver trabalhado em ocupações modestas, transferiu-se para as proximidades de Curitiba e casou-se com uma mulher tão pobre como êle. Ali, entregou-se ao cultivo da terra e procurou descobrir qual a produção que lhe poderia trazer maiores vantagens; e como dedicasse à cultura e ao preparo do fumo mais cuidado que os seus vizinhos indolentes, os consumidores ricos iam fornecer-se em sua casa.

---

(1) Já vimos em capítulos precedentes que existem na Província de São Paulo outros lugares denominados *Itaqui*, palavra de origem indígena, que significa — *pedra de amolar*. Segundo me disseram, é nas proximidades de Itaqui que nasce o rio Assungui, comêço da Ribeira de Iguape.

Saindo paulatinamente da indigência, comprara alguns escravos, tornara-se capitão de milícias e quando o conheci descansava dos trabalhos da mocidade, graças às economias que conseguira fazer. A maior parte dos portuguêses que, por ocasião de minha viagem, emigrava para o Brasil, não possuía instrução; entretanto, embora pertencessem êles a um povo menos laborioso que os alemães e os franceses, eram infinitamente mais ativos que os brasileiros, e, por pouco sábio e regular que fôsse o seu método de trabalho, não tardavam assim mesmo a fruir de certa abastança.

Atribuía o capitão Veríssimo a boa qualidade do fumo por êle preparado à circunstância de esperar, para fiar as fôlhas, que estas tomassem uma côr amarelada, e ao cuidado de expor ao sol as varas em que enrolava a corda logo depois de torcida(2).

Vi no seu pomar muitas pereiras e ameixeiras que, dissera-me êle, davam frutos todos os anos. Então, comiam-se maçãs (12 de março); em todos os lugares, porém, apanhavam-nas antes de ficarem maduras e não eram de boa qualidade.

Entre Itaqui e Piedade, numa distância de duas léguas, continuava a região a ser coberta de mata; entretanto, o caminho prosseguia através dos campos, e a região é denominada *Campo Largo*(3). Uma Labiada muito comum nos lugares baixos e úmidos desprendia, sentindo-se ao longe, agradabilíssimo perfume que lembrava o da *menthe-pouliot* (*Mentha-pulegium*). Os primeiros portuguêses que se estabeleceram nesta região, induzidos em êrro por êsse perfume, tomaram naturalmente aquela planta pelo *pouliot* de sua pátria, pois lhe deram o nome de *poejo*,

---

(2) V. o primeiro capítulo dêste volume — (S.-H.) —, ou da cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

(3) As terras de Campo Largo passaram a constituir a paróquia do mesmo nome criada por Lei provincial, de 12 de março de 1841 (Milliet e Lopes de Moura, *Dicionário Geográfico*, I, 216.).

isto é, o mesmo que em Portugal tem o *pouliot* verdadeiro. Assim também aplicaram a outras plantas brasileiras os nomes de espécies portuguêsas com as quais tinham aquelas alguma semelhança, mas que foram por êles consideradas idênticas, desejosos de encontrarem em região tão remota alguma coisa que recordasse a sua terra.

Piedade, onde fiz alto depois de haver deixado Itaqui, era uma espécie de povoado, possuindo, entretanto, uma capela(4). O seu principal morador negara hospedagem a José Mariano, que eu havia enviado na frente, e quando cheguei, também ma recusara, dizendo que ia à cidade com tôda a família. Aludi à portaria que trazia comigo e o homem decidiu-se a ceder-me uma casa desabitada, vizinha da sua. Foi essa a única pessoa que me recebeu mal, desde que eu saíra de Itararé. Tive o melhor acolhimento em tôda parte por onde passei.

Até duas léguas além de Piedade, andamos quase sempre através de matas em que predominavam as araucárias, sendo o caminho horroroso. O passo igual das mulas havia formado montículos e buracos que se sucediam alternadamente; os animais escorregavam nos primeiros e em seguida atolavam até os joelhos na lama pegajosa que enchia os buracos; em outros lugares existiam profundos atoleiros nos quais eu temia fôssem êles cair a qualquer momento.

Com grande satisfação, cheguei finalmente ao sítio da Ferraria, onde pernoitei. Pertencia êle ao Sr. Inácio de Sá e Sotomaior, coronel de milícias a cavalo, para quem eu trazia carta de recomendação e que me recebeu amàvelmente. Tratava-se de um europeu, o que equivale

---

(4) Teria sido êste povoado o núcleo da paróquia criada, como disse acima, com o nome de Campo Largo. Na verdade, Pedro MÜLLER, MILLIET e a carta de VILLIERS não mencionam Piedade; mas o presidente da Província cita essa povoação duas vêzes em seu relatório de 1844, e, no quadro 2, que acompanha o dito relatório, Campo Largo e Piedade figuram como constituindo uma só paróquia (*Discurso recitado pelo Presidente Manoel Felizardo de Sousa e Melo*, 1844).

a dizer que era mais ativo e mais empreendedor que os seus vizinhos. Êle plantara ao redor de sua casa diversas espécies de videiras e dedicava-se, havia muitos anos, a fabricar um vinho tolerável. Afirmavam, outrora, que êsse licor não fermentava nos arredores de Curitiba e todos os habitantes da região motejaram dos primeiros ensaios levados a efeito. O coronel Sá e outras pessoas provaram que o vinho fermentava ali como alhures, muito embora não houvessem conseguido fazê-lo de boa qualidade. Aliás, isso não é de admirar, pois quase sempre chove desde quando a videira frutifica até a época da colheita; não recebendo os raios solares, as uvas apodrecem antes de atingir a maturidade. O coronel Sá não se contentara em plantar videiras; cultivava também no seu pomar grande número de árvores frutíferas — muitas espécies de macieiras, ameixeiras, pessegueiros, nogueiras, pereiras e até abricoteiros.

Muitas pessoas de Curitiba vieram pela tarde à casa do coronel; a mulher e as filhas reuniram-se aos visitantes, o que, por certo, não fariam em Minas, e conversou-se animadamente. Dirigiram-me perguntas acêrca de vários assuntos, particularmente sôbre o movimento dos corpos celestes e diversos pontos de física; o que dêles ouvi traía completa ausência de conhecimentos os mais rudimentares. Falou-se também de muitas práticas supersticiosas correntes na região, e de almas do outro mundo, fogos fátuos, lobisomens, coisas essas em que todos acreditavam. Confundiam os dogmas do Cristianismo com as mais absurdas extravagâncias. Ao mesmo tempo, perguntavam-me se eu acreditava em aparições e no juizo final, no fim do mundo e em lobisomens, e os que tinham repugnância em aceitar a existência de almas do outro mundo julgavam-se também com direito de duvidar das verdades do Evangelho. Para os homens que, em qualquer país, pertencem às classes superiores, a ignorância completa reveste-se de tanto perigo como a instrução superficial;

pretendem êles colocar-se acima dos preconceitos do vulgo e, incapazes de proceder ao mais leve exame, repelem, desdenhosamente, verdades perante as quais se inclinaram, reverentes, Newton e Pascal, Fénelon e Bossuet.

A região que atravessei, a fim de ir de Ferraria a Curitiba, era também de mata virgem; mas, à pouca distância dessa cidade, entra-se em uma enorme planície ondulada, agradàvelmente intercalada de capões e pastos; os altos morros denominados Serra de Paranaguá([5]), que fazem parte da Serra do Mar, limitam o horizonte e formam um semicírculo na direção NE-S. A extensão da planície, a natureza de sua vegetação, a altura dos morros que se avistam ao longe, tornam a paisagem simultâneamente aprazível e majestosa.

---

(5) Penso como o príncipe de NEUWIED, que, numa infinidade de casos, é preciso adaptar a ortografia dos nomes de lugares brasileiros à maneira como são êles pronunciados, devendo-se, entretanto, admitir êsse princípio com restrição (*Voyage aux sources du Rio de São Francisco, Préface*, XII). Quando um dêsses nomes, tal como o articulam na conversação, é, evidentemente, alteração de outro nome consagrado pela maioria dos historiadores e geógrafos, e pela própria administração, torna-se claro que se deve preferir o último. Por conseguinte, embora todos no Brasil pronunciem *Parnaguá*, não devemos escrevê-lo assim, da mesma forma que na França não escrevemos *Tar, Béar, Momorillon* ou *Pivier*, embora na própria região os habitantes os pronunciem dessa forma.

CAPÍTULO VI

A cidade de Curitiba e seu distrito.

A cidade de Curitiba; sua história, sua situação; casas, ruas; praça pública; igrejas; fontes; uma capela. — Os habitantes de Curitiba, lavradores em sua maioria; mobiliário de suas casas. — Comércio; dificuldade de comunicações; o Brasil parecia sofrer uma interrupção. — Limites da comarca de Curitiba, os centros urbanos nela existentes; sua população, sua milícia; relação entre o total da população e o número de milicianos. — População do distrito de Curitiba; salubridade e clima; produção; o caráter de seus habitantes. — O bom acolhimento dispensado ao autor. — Descrição da casa de campo em que foi hospedado. — O capitão-mor de Curitiba. — Duas índias da tribo dos Coroados de Guarapuava; vocabulário da língua dessa tribo; pronúncia das línguas indígenas em geral; Comparação da língua dos Coroados de Guarapuava com outros idiomas indígenas; descrição de duas mulheres coroadas; os nomes das tribos indígenas são simples alcunhas; ausência da idéia de Deus; cauim. — Preparativos para o prosseguimento da viagem; o sargento-mor José Carneiro.

Curitiba, distante de São Paulo cêrca de 110 léguas e situada aos 25° 51'24" de lat. S[1], tira o seu nome da prodigiosa quantidade de *Araucaria brasiliensis* existente nos seus arredores. Em guarani, *curii* significa pinheiro, e *tiba*, abundância (abundância de pinheiros)[2].

---

(1) Cinjo-me aqui ao que registra PIZARRO (*Memórias Históricas*, VIII, 299 — S.-H. —, ou 8.°, t. I, 280, da citada ed. do Inst. Nac. do Livro — N. do T.); mas existe divergência sôbre a posição exata de Curitiba.

(2) Segundo essa etimologia, torna-se evidente que não devemos escrever *Curytiba*, como Casal; *Coritiba*, como Feldner e outros, e muito menos *Corritiva*, como John Mawe, ou *Coritigba*, como Pizarro.

Dizia-se por ocasião de minha viagem, que os primeiros moradores dessa região se haviam estabelecido a princípio em um lugar ora denominado Vila Velha, pouco distante da Serra de Paranaguá, e onde levantaram algumas palhoças. Ignoro se a permanência nesse lugar lhes era inconveniente; o certo é que nêle ficaram pouco tempo. Segundo velha lenda, a imagem de Nossa Senhora da Luz, sua padroeira, amanhecia todos os dias com os olhos voltados para o local em que atualmente se acha Curitiba, e, por êsse motivo, diz a mesma lenda, para ali se transladaram os povoadores de Vila Velha. Êles, sem mais rodeios, deliberaram elevar o nôvo estabelecimento à categoria de vila, pouco se lhes dando os direitos e a autoridade do soberano. Afinal, compreenderam que se tornava necessário saírem da situação irregular em que se haviam colocado e, nos últimos anos do século XVII, recebeu Curitiba, legalmente, o título de vila(3). Quando a capitania de São Paulo, que, durante muito tempo, tivera apenas um ouvidor, foi dividida em duas comarcas, a do Norte e a do Sul, Curitiba ficou, naturalmente, fazendo parte da última. O ouvidor da Comarca do Sul residia a princípio em Paranaguá; mas, por decreto de 19 de fevereiro de 1812, foi-lhe ordenado se transportasse para Curitiba. Passou essa vila a ser, então, a verdadeira sede da Comarca do Sul, à qual deram a denominação de

---

(3) Estas minúcias baseiam-se apenas na tradição, sendo, porém, à época de minha viagem, consideradas verdadeiras pelos homens mais respeitáveis da região. Diz PIZARRO que foi um certo Teodoro Ébano Pereira, capitão das canoas de guerra, que, em 1654, criara a vila de Curitiba (PIZARRO, *Mem. Hist.*, VIII, 299 — S.-H. —, ou 8.º, t. I, 280, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livro — N. do T.); segundo D. P. MÜLLER, o seu primeiro nome não era Teodoro, mas Heliodoro (*Ens. est.*, 58); por fim, o paulista Pedro Taques de Almeida Pais LEME, provàvelmente mais bem informado que os dois escritores precedentes, dá a Ébano o nome de Leodoro (*Hist. da cap. de S. Vicente*, in *Rev. trim.*, segunda sér., II, 328). — (S.-H.) — Acêrca da fundação de Curitiba e de Heliodoro Ébano, veja-se Ermelino de LEÃO, *Dic. Hist. e Geogr. do Paraná*, vol. II, fasc. I, págs. 457 e segs., e fasc. III, pág. 825 e segs. (N. do T.).

Paranaguá e Curitiba(4), sem dúvida com a intenção de evitar o descontentamento dos moradores do litoral. O expediente, porém, não surtira o efeito desejado, pois, à época de minha viagem, não havia ninguém que, na linguagem habitual, não designasse a comarca pelo nome de *Comarca de Curitiba.* Aliás, com justa razão se decretara a mudança de residência do ouvidor. Achava-se a comarca dividida pela Cordilheira Marítima em duas partes muito desiguais e que se comunicavam entre si com dificuldade; assim, era justo que o principal magistrado da região residisse na mais importante. Dois juízes ordinários, abaixo do ouvidor, distribuíam justiça na primeira instância e, conforme o uso, presidiam a câmara municipal.

Depois do estabelecimento do govêrno constitucional no Brasil, foi Curitiba elevada à categoria de cidade; nomearam para ali um professor de latim e passou ela a ser considerada como a sede da quinta comarca(5). Situada nas vizinhanças do Rio Grande do Sul, de nenhuma forma tem participado das perturbações que, intermitentemente, explodem nessa Província, e o presidente de São Paulo, pelo ano de 1840, com justiça elogiava a sua fidelidade ao Império(6), o que, realmente, era digno de louvores, uma vez que os curitibanos, pleiteando desde 1822(7), e sempre sem êxito, sua separação do resto da Província de São Paulo, poderiam julgar-se com direito a manifestarem o seu descontentamento contra o govêrno central.

Nesta altura, apresenta-se-nos, naturalmente, uma questão que seria interessante procurarmos resolver: de onde teriam vindo os homens que povoaram Curitiba, seu distrito e os Campos Gerais? Pertencendo em sua maioria

(4) PIZARRO, *Men. Hist.*, VIII, 299 — (S.-H.), — ou 8.º, t. I, nota 167, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livro — (N. do T.).

(5) MILLIET e Lopes de MOURA, *Dicionário*, I, 318.

(6) Manoel Machado NUNES, *Discurso recitado no dia 7 de janeiro de 1840*, 4.

(7) Francisco de Paula e Silva GOMES, *in* Sigaud, *Anuário do Brasil*, 527.

à raça caucásica inteiramente pura, pronunciando o português sem a mínima alteração, os atuais habitantes dessas regiões não poderão, é evidente, descender de seus vizinhos, os mestiços dos distritos de Itapetininga e de Itapeva. Não acreditamos, muito menos, que descendam de uma colônia vinda da sede da capitania, porque, nesse caso, trariam as marcas de uma mistura de sangue indígena, pois as bandeiras que de São Paulo se espalharam pelos sertões da América, eram constituídas, em grande parte, de mamelucos. Assim, parece-me possível admitir-se que a comarca de Curitiba tenha sido originàriamente povoada por europeus chegados a Paranaguá diretamente de Portugal, atraídos pelas minas de ouro dessa região, e que, em seguida, tenham transposto a Serra do Mar, com o fim de dilatar as suas pesquisas ou, antes, de fugir ao clima insalubre do litoral e poder cultivar as plantas que também existiam em seu país. Essa opinião parece encontrar fundamento na circunstância de ter ido Gabriel de Lara estabelecer-se em Paranaguá no ano de 1647, como representante do marquês de Cascais, donatário dessas terras, levando consigo muitas famílias européias(8).

Curitiba foi edificada em uma das partes mais baixas da enorme planície ondulada que, como vimos oferece agradável alternativa de bosques e pastagens, e limita com a Serra de Paranaguá, pelo lado que corre de sul a nordeste.

Tem ela a forma mais ou menos circular, e compõe-se de duzentos e vinte casas (1820) de pequenas dimensões e cobertas de telhas, quase tôdas de um só pavimento, sendo muitas, porém, construídas de pedra. Como em Minas e Goiás, cada casa possuía o seu quintal(9); mas em Curitiba, nessas espécies de jardins, não se vêem bana-

(8) Milliet e Lopes de Moura, *Dicionário do Império do Brasil*, II, 236.

(9) O *quintal* é mais uma espécie de pátio irregular plantado de árvores frutíferas, que um jardim. Veja-se o que escrevi sôbre quintais em minhas obras já publicadas.

neiras nem mamoeiros e cafeeiros; são macieiras, pessegueiros e outras árvores frutíferas européias, que ali costumam plantar.

As ruas são largas e bem traçadas; umas foram inteiramente calçadas, e outras, apenas defronte das casas. A praça pública é quadrada, espaçosa e coberta de grama.

Três são as igrejas existentes, tôdas construídas de pedra. A única que merece referência é a igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Luz; foi ela construída na praça pública, insuladamente, mas fora do centro do referido logradouro, o que redundou em prejuízo da simetria. Não possui tôrre nem campanário. A capela-mor(10) e os dois altares laterais são bonitos e bem ornamentados; a nave é alta e tem cêrca de 30 passos de comprimento, mas sem abóbada e sem fôrro, e de paredes despidas de ornatos.

Há em Curitiba duas fontes construídas de pedra e sem adornos. Abaixo da cidade deslizam dois riachos cujas águas são aproveitadas pelos moradores; um dêles, que se transpõe por uma ponte feita de tábuas, atravessa a estrada de Castro(11). Existem em tôrno da cidade outras nascentes de ótima água que também são utilizadas.

Além das três igrejas acima referidas, encontra-se, a algumas centenas de passos de Curitiba, uma capelinha edificada no morro que domina ao mesmo tempo a cidade e uma parte da planície, e de onde se desvenda belíssimo panorama(12).

---

(10) V. a propósito o cap. desta obra intitulado *La ville d'Hytu*, etc. — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo*, 233, nota 445 — (N. do T.).

(11) Não me deram no local o nome dêsse riacho. Deve tratar-se do *rio de Curitiba*, registrado por FELDNER e por MILLIET (*Reisen durch mehrere provinzen Brasiliens*, I, 159; — *Dicionário*, I, 318). O rio de Curitiba é o comêço do Iguaçu, ao qual já me referi mais acima.

(12) Segundo a nota de Francisco de Paula e Silva GOMES, inserta no *Anuário* de SIGAUD para 1847, há vinte anos começaram a construir em Curitiba a casa da câmara e a cadeia, mas ainda não as haviam concluído. O autor atribui a incúria ao govêrno provincial com sede em São Paulo.

Curitiba não é menos deserta, durante a semana, que a maioria das cidades do interior do Brasil; quase todos os habitantes, como os de muitos outros lugares, são lavradores, que ocupam suas casas sòmente aos domingos e dias de festa, atraídos pela obrigação de assistirem ao ofício divino.

É reduzidíssimo em Curitiba e seus arredores o número de pessoas abastadas. Estive nas principais casas da cidade e posso dizer que, nas outras sedes de comarcas e até de têrmos, não encontrei nenhuma pertencente a homens respeitáveis, que fôsse, como aquelas, tão despida de adornos. As paredes eram simplesmente caiadas e o mobiliário das salas em que me recebiam constava apenas de uma mesa e alguns bancos.

Entretanto, possuía Curitiba muitas lojas bem sortidas. Os negociantes recebiam mercadorias diretamente da capital do Império, mas vendiam apenas aos moradores do distrito, pois os negociantes das vilas situadas nas proximidades também se forneciam no Rio de Janeiro. Depois das mercadorias sêcas, tais como quinquilharias, ferragens, tecidos, etc., era o sal, devido ao grande consumo que dêle faziam com o gado, o artigo que se importava em maior quantidade. A cidade de Curitiba enviava ao pôrto de Paranaguá toucinho, milho, feijão, trigo, fumo, carne sêca e mate, sendo êste em parte consumido pelos habitantes do litoral e em parte exportado para as cidades de Buenos Aires e Montevidéu, privadas, pelos acontecimentos políticos, de obter essa mercadoria no alto Paraguai. Não devo esquecer, entre os artigos de exportação, o gado vacum que Curitiba vendia para São Paulo e Rio de Janeiro(13).

---

(13) Os gêneros de exportação, no presente, continuam a ser os mesmos; mas as quantidades forçosamente aumentaram, tendo-se em vista a maior densidade demográfica e a maior extensão das terras cultivadas. Diz Francisco de Paula e Silva Gomes que, num dos últimos anos, a comarca de Curitiba exportou muitas centenas de alqueires de feijão para o Rio de Janeiro, onde havia grande escassez dêsse gênero.

Como já tive ensejo de dizer, a vila de Itapeva rara e dificilmente se comunicava com o pequeno pôrto de Iguape([14]). Assim, poderia considerar-se Curitiba o único ponto do interior que, depois de São Paulo, entretinha freqüentes e diretas relações com a costa, e, por conseqüência, a sua situação era extremamente favorável ao comércio e, sem dúvida, seria mais florescente se o caminho que atravessa a Serra de Paranaguá oferecesse menores dificuldades ao trânsito. Conforme veremos mais adiante, existiam poucas estradas tão horrorosas como essa, à época de minha viagem.

Quem não imaginaria achar-se nos primeiros tempos do descobrimento do Brasil ao refletir que, numa extensão de mais de 110 léguas paralelas ao mar e pouco distante dêste, existia, por assim dizer, um único centro demográfico em comunicação com o litoral e assim mesmo por um caminho que desanimaria os mais corajosos? Encontram-se nesse espaço quatro a cinco portos; conquanto, porém, não ficassem afastados umas 20 léguas da parte habitada do interior, era-lhes mais estranho o que se passava na vizinha região do que para a França o que ocorria na Rússia ou no reino de Nápoles. Asseguraram-me que muitos moradores do litoral jamais tinham visto uma vaca, embora existissem grandes rebanhos a poucas léguas de distância.

A parte da Província de São Paulo, entre Sorocaba e Curitiba, que eu percorrera, era uma estreita língua de terra, insulada em meio de uma região inculta, podendo dizer-se que o Brasil sofria ali como que uma interrupção.

O suprimento do mercado fizera o preço cair de 20$000 para 8$000 (*in* SIGAUD, *Anuário do Brasil*, 1847, pág. 526). Acrescenta o mesmo autor que se os caminhos fôssem melhores, Curitiba poderia fornecer excelentes batatas ao Rio de Janeiro.

(14) V. o capítulo desta obra intitulado *Voyage d'Itapetininga aux Campos Geraes*, etc. (vol. I), — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo*, pág. 249. — (N. do T.).

Efetivamente, do lado do mar, ficava a Serra de Paranaguá, quase inacessível, e além da Lapa, ou melhor, da Vila Nova do Princípe, a 12 léguas de Curitiba, para sair da Província, precisava-se atravessar um sertão de 60 léguas (Sertão do Sul, Sertão do Viamão), sem habitações, assolado pelos índios, e cujo caminho era uma perigosa seqüência de pantanais(15).

É verdade que, além do caminho de Curitiba a Paranaguá, existia outro que começava na paróquia de São José dos Pinhais(16) e ia terminar mais ou menos no litoral, num ponto correspondente à ilha de São Francisco, na Província de Santa Catarina; mas, segundo me disseram, êsse caminho — pouco freqüentado, aliás — era pior e mais perigoso que o de Paranaguá, pois, num trecho de três léguas, tornava-se preciso conduzir a carga às costas e, por vêzes, os índios, inimigos dos brancos, ali apareciam(17).

---

(15) O presidente da Província de Santa Catarina, marechal-de-campo Antero José Ferreira de Brito, dizia categòricamente em sua *fala* à Assembléia Legislativa, em 1847, que acabavam de ser concluídas as explorações relativas à estrada de Curitiba a Lajes, vila fronteiriça de Santa Catarina, e felicitava-se por terem descoberto um atalho que tornaria a viagem mais cômoda e mais curta (*Fala que o Presidente*, etc., 6). Veremos adiante que, se em 1847 não existia, para se ir de Curitiba a Lajes, um caminho em melhores condições que em 1820, os que desciam da primeira dessas localidades para Paranaguá não eram mais bem servidos.

(16) São José dos Pinhais, situado 3 léguas a sueste de Curitiba, é, segundo me disseram, mais antiga que esta última. Em 1820, São José era apenas uma paróquia dependente do distrito de Curitiba e, por conseguinte, Manoel Aires de Casal, que escrevia em 1817, equivocou-se (*Corogr. Bras.*, I, 226, 229) ao dar-lhe a categoria de vila. D. P. Müller em 1838, o presidente Manoel Felizardo de Sousa e Melo em 1844, e Villiers em 1847, citam sempre São José como simples paróquia (*Ensaio estatístico*, 55; — *Discurso recitado no dia 7 de janeiro de 1844*, 33, 34; — *Carta topográfica da Província de S. Paulo*).

(17) Conforme o relatório de 1844, do presidente da Província de São Paulo, parece que atualmente as comunicações diretas entre o sul da comarca de Curitiba e São Francisco não oferecem tantas dificuldades como em 1820; entretanto, L. Aubé diz com sua autoridade (*Notice sur la province de Sainte-Catherine*) que "os trabalhos da estrada de Curitiba à ilha de São Francisco foram tão mal feitos, que, por assim dizer, jamais será ela transitável".

Poucos anos antes de minha passagem por essa região, o respeitável bispo do Rio de Janeiro, José Caetano da Silva Coutinho, visitando sua extensa diocese, e tendo percorrido a comarca de Curitiba e atravessado a Serra de Paranaguá, prometera solicitar ao rei os meios necessários para construir nessas montanhas um caminho transitável. De regresso ao Rio de Janeiro, o bispo cumprira a sua promessa e, pouco tempo depois, o ministro escrevia às autoridades locais pedindo-lhes que enviassem informações exatas acêrca do caminho da Serra tal como êle se encontrava, sôbre os meios de melhorá-lo e a maneira de prover as despesas necessárias para a realização da obra. As mencionadas autoridades, respondendo ao ministro, propuseram se criasse um impôsto sôbre os muares e as mercadorias que descessem e subissem a Serra. O rei mudou o seu ministério e nunca mais se tratou do assunto(18).

Referi-me até aqui, sòmente, por assim dizer, à cidade de Curitiba; direi agora algumas palavras sôbre a comarca, da qual é ela a sede, e estender-me-ei um pouco mais sôbre o seu distrito.

A comarca limita, ao norte, com o rio Itararé; ao sul, com a Província de Santa Catarina e a do Rio Grande; e a leste, com o Oceano e novamente com a Província de Santa Catarina. A oeste, parece que os seus limites ainda não se acham determinados, existindo, dêsse lado, desertos imensos.

---

(18) Pelos discursos dos presidentes da Província de São Paulo à Assembléia Legislativa, verifico que, em relação a estradas, não se operaram, depois de minha viagem, mudanças muito sensíveis na comarca de Curitiba. Delinearam atalhos, esboçaram algumas estradas, deram comêço à abertura de picadas, mas tudo sem conexão e quase sem arte; nada fizeram de grande e verdadeiramente duradouro. O Sr. Francisco de Paula e Silva Gomes, em trabalho provàvelmente escrito no ano de 1840, diz que o caminho de Curitiba a Paranaguá se acha nas piores condições possíveis (*in* Sigaud, *Anuário*, 1847), e o próprio presidente da Província de São Paulo, Sr. Manoel Felizardo de Sousa e Melo, exprime-se quase nos mesmos têrmos em seu relatório de 1844. (V. também a nota precedente).

Em princípio de 1820, construíam-na, além da sede, as vilas litorâneas de Curitiba, Paranaguá, Antonina, Cananéia e Iguape, e, no planalto, as de Lajes, Castro e Vila Nova do Princípe ou Lapa. No fim do mesmo ano, foi Lajes anexada à Província de Santa Catarina. Depois do estabelecimento do govêrno constitucional, a comarca de Curitiba passou a ser a quinta da Província de São Paulo, e dela separaram Cananéia e Iguape, a fim de as anexarem à sexta comarca, situada no litoral. Assim, em 1838, compunha-se aquela apenas de Guaratuba, Paranaguá, Antonina, Vila Nova do Príncipe, Curitiba e Castro(19), achando-se agora acrescida de uma cidade, sem que, entretanto, tivesse havido aumento de território, pois sòmente separaram do de Antonina a antiga vila de Morretes que passou a ser sede de distrito(20).

Em 1813, a população da comarca de Curitiba era de 36 104 habitantes(21). Se não lhe houvesse desanexado Cananéia, Iguape e Lajes, essa população se teria elevado em 1839 a 56 626 almas, sendo 42 890 da comarca, tal como ela é atualmente; 9 396 do distrito de Iguape; 1 627 do de Cananéia(22); e 2 713 do de Lajes(23). Finalmente, conforme o pequeno trabalho do Sr. Francisco de Paula e Silva Gomes e os dados remetidos em 1843 pelos

---

(19) D. P. Müller, *Ensaio estatístico*, 54 e segs.

(20) Segundo dizem Milliet e Lopes de Moura em seu útil dicionário, Palmeiras, em 1840, também teria sido desmembrada do distrito de Curitiba e elevada à categoria de vila; mas Villiers, em sua carta de 1847, assinala ainda êsse lugar como simples paróquia, e igualmente nesta categoria é Palmeiras incluída no quadro 5 que acompanha o relatório de 1845, do presidente da Província (*Discurso recitado pelo presidente Manoel da Fonseca e Silva; mapa 5*).

(21) Pizarro, *Mem. Hist.*, VIII, 313 — S.-H.) —, ou 8.º, t. I, 294, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livro (N. do T.); — Eschw., *Journ.* II, tab. 1.

(22) Müller, *Ens.*, 54 e segs.

(23) *Fala do presidente de Santa Catarina, de 1.º de março de 1841*, doc. 15.

magistrados de Curitiba ao govêrno central, a comarca teria atualmente 60 000 habitantes([24]). Conclui-se daí que, se o território de Curitiba não houvesse sofrido, de 1813 a 1839, nenhuma modificação, teria a sua população aumentado, em vinte e cinco anos, na proporção de 1 para 1,56, ou, se quisermos, o aumento teria sido, aproximadamente, de 5/9 do número primitivo, e, por conseguinte, menos de cêrca de 1/7 que o que teria tido no mesmo período a comarca de Itu, se a extensão desta continua a ser a mesma de 1813([25]). Demais, se alguma coisa nos poderá surpreender nesta diferença, é que não seja ela maior, uma vez que as terras de Itu oferecem mais fácil acesso às imigrações que as de Curitiba, e a introdução de escravos, guardadas as proporções, ser maior numa região em que se fabrica açúcar que naquela onde se dedicam à criação de gado.

Por ocasião de minha viagem, a comarca de Curitiba possuía dois regimentos de milícias: um de infantaria, constituído por moradores do litoral, e outro de cavalaria, cujas companhias eram constituídas por elementos escolhidos entre os proprietários de cavalos, moradores nas terras situadas a oeste da Serra. Em 1838, quando a comarca já estava reduzida aos distritos de Paranaguá, Guaratuba, Castro, Curitiba e Lapa, a sua milícia compunha-se de 1 572 cavalarianos que moravam no planalto, e 2 062 infantes, dos quais cêrca da metade pertencia ao litoral, sendo ao todo 3 634 homens, o que constituía, pouco

---

(24) Villiers, em sua excelente carta de São Paulo publicada em 1847, dá para a comarca de Curitiba a população de 78 000 almas; parece-me, porém, absolutamente impossível que tivesse sido de 18 000 o aumento da população em quatro anos, e os magistrados de Curitiba, que queriam provar que sua terra era muito populosa, certamente não iriam ficar aquém da verdade.

(25) V. o cap. intitulado *La ville d'Hytú*, etc. — (S.-H.) —, ou, na cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo*, — o cap. *A cidade de Itu* — (N. do T.).

mais ou menos, um quinto da milícia de tôda a Província, que, a êste tempo, possuía o efetivo de 16 247 homens(26).

Creio que se poderia demonstrar muito aproximadamente que na França a população de cada departamento e o efetivo de sua guarda nacional apresentam entre si a mesma proporção que se verifica entre a população e a guarda nacional de todo o país, isto é, conhecendo-se qual a população de qualquer departamento, saber-se-á fàcilmente de quantos homens, mais ou menos, se compõe a sua guarda nacional; mas, da circunstância de a milícia da comarca de Curitiba ser um quinto da de tôda a Província de São Paulo, não se poderá concluir com certeza que a referida comarca contenha a quinta parte da população dessa Província. Na realidade, os negros são incluídos no cômputo da população brasileira, mas não fazem parte da milícia; ora, guardadas as proporções, existem menos negros na comarca de Curitiba que na de Itu, por exemplo, e nas regiões em que se fabrica muito açúcar; por conseguinte, é possível que qualquer outra comarca seja muito mais povoada que a de Curitiba e não tenha como esta uma milícia com tão numeroso efetivo. Outra observação a fazer-se é que, em 1813, a milícia da antiga comarca de Curitiba se compunha apenas de 758 homens de artilharia e 500 de cavalaria(27); portanto, o seu aumento foi, proporcionalmente, muito maior, de 1813 a 1838, que o da população tomada em conjunto. A diferença, creio eu, não tem por causa maior rigor no recrutamento, mas no fato de a região haver-se tornado mais

---

(26) Êstes dados foram colhidos em D. P. MÜLLER (*Ensaio est.*, tab. 11). Na verdade, segundo o presidente da Província, Manoel da Fonseca e Silva, a milícia, em 1845, teria 24 033 hamens; neste número, porém, êle incluía não só os ausentes, que, provàvelmente, estavam também compreendidos no número citado por MÜLLER, mas ainda a reserva e os homens dispensados do serviço, de sorte que o número de soldados prontos para a guerra se reduzia ao efetivo de 14 260 homens (*Relatório apresentado no dia 7 de janeiro de 1845*).

(27) Dados fornecidos a d'ESCHWEGE pelo ministro de Estado, conde da Barca (in *Journ. Bras.*, II, tab. 2).

rica e existir maior número de homens em condições de equipar-se, e talvez ainda à circunstância de que se tivesse admitido, entre os brancos, jovens cujos pais apresentavam acentuados traços de sangue indígena.

O distrito de Curitiba limita, a noroeste e a oeste, com o de Castro; ao norte, com o de Apiaí; a leste, com a Serra de Paranaguá, que o separa de Morretes, outrora dependente de Antonina; a sueste, com o distrito de São Francisco, pertencente à Província de Santa Catarina; e, finalmente, a sudoeste, com o distrito da Lapa ou Vila Nova do Príncipe.

Tem êle, de leste a oeste, cêrca de 28 léguas de extensão, e, de norte a sul, 40 léguas, achando-se, porém, inteiramente despovoada a parte situada nas proximidades de Apiaí. Aliás, em 1820, os limites entre os dois distritos ainda não se achavam definitivamente fixados. Há pouco tempo, abriram uma picada que ia diretamente de um a outro distrito; atravessava ela, porém, vastas florestas desabitadas e sabemos pelos relatórios do presidente da Província referentes a 1843 e 1845, que, até essa época, estava a aludida picada longe de tornar-se um caminho mais ou menos transitável[28].

A população do distrito de Curitiba, em 1817, era de 10 652 almas, e, apesar de, no decurso de 1818, haver sido a região assolada pela varíola, o recenseamento então realizado acusava, no fim do mencionado ano, o aumento de 362 habitantes, isto é, o total de 11 014; em 1838, a população elevava-se a 16 155 habitantes. As informações por mim colhidas no local, permitem-me dar a conhecer de que maneira se achava distribuída a população em

---

(28) *Discurso recitado pelo presidente José Carlos Pereira d'Almeida Tôrres, no dia 7 de janeiro de 1843*, pág. 24; — *Discurso recitado pelo presidente Manoel Felizardo de Sousa e Melo, no dia 7 de janeiro de 1844*, pág. 31.

1818, e, assim, compararei a população dêsse ano à de 1838, segundo os dados de D.P. Müller(29).

Eis o quadro por mim organizado:

		1818		1838
Brancos de ambos os sexos		6 140		9 806
Mulatos livres		3 036		4 119
Negros livres		251		289
Indivíduos livres		9 427		14 214
Mulatos escravos	544		704	
Negros escravos	1 043		1 237	
Escravos		1 587		1 914
		11 014		16 155

Êste quadro leva-nos a formular as seguintes considerações:

1.ª) A população do distrito de Curitiba aumentou, em vinte anos, na proporção de 1 para 1,46, e, portanto, êsse acréscimo foi pouco maior que em tôda a comarca tal como era outrora(30), o que não deve causar estranheza, uma vez que, em todos os lugares, é para os centros populosos que afluem os emigrantes. 2.ª) Está longe de haver ocorrido aumento em tôdas as castas na mesma proporção, visto que o referido aumento foi, entre os brancos, de 1 para 1,59 os mulatos livres de 1 para 1,35, os negros livres de 1 para 1,29 e os negros escravos de 1 para 1,18; assim pois, verificou-se maior aumento na população branca, e, ainda aqui, pode ver-se quão grande vantagem têm sôbre as regiões açucareiras aquelas em que se cultivam exclusivamente outras plantas que não a cana-de-açúcar, e em que, sobretudo, se ocupam da criação de gado. Efetivamente, em 23 anos, de 1815 a 1838, o

(29) *Ensaio estatístico cont. do apêndice à tab. 5.*

(30) V. mais acima, pág. 112.

aumento de escravos foi, no distrito de Itu, de 1 para 1,54, e sabe-se que, na realidade, tal aumento é uma verdadeira calamidade. 3.ª) No distrito de Curitiba, em 1838, o número de homens casados era, no còmputo da população, 0,40 para 1, e sòmente de 0,29, pouco mais ou menos, em Itu e em outros distritos, onde a produção do açúcar é vultosa e, por isso, há necessidade de muitos escravos, provindo essa diferença da circunstância de haver, entre êstes, poucos casamentos, o que nos leva a concluir que a imoralidade, como em tôda parte, está na razão direta do número de escravos.

Ao tempo de minha viagem, existiam no distrito de Curitiba 948 lavradores, 31 negociantes, 205 operários e 50 almocreves, e de quanto a lavoura da região tem progredido, vamos encontrar a prova no fato de haver quadruplicado o número de negociantes no período de 1820 a 1838. Pelo menos, em 1838, havia em Curitiba e seu distrito 1 marceneiro, 11 carpinteiros, 8 serralheiros, 2 seleiros, 8 ourives, 5 oleiros, 1 pedreiro, 10 alfaiates e 12 sapateiros. Certamente, causará estranheza encontrar-se nessa lista apenas 1 pedreiro para 11 carpinteiros, 8 serralheiros e, sobretudo, 8 ourives; mas não devemos esquecer-nos de que no Brasil geralmente se manda fazer, como já o disseram Spix e Martius, uma infinidade de coisas pelos escravos, que existem negros operários e que são principalmente êstes homens que constroem muros, trabalho que está longe de exigir a mesma atenção requerida pelo do seleiro e, em especial, do ourives.

Existiam em 1818, no distrito de Curitiba, 43 brancos, 5 negros livres, 3 negros escravos e 9 mulatos livres, de 80 a 90 anos e 11 brancos, 2 negros livres, 1 negro escravo e 6 mulatos livres, de 90 a 100 anos de idade.

É digno de nota que, enquanto a população aumentava sensìvelmente, os casos de longevidade se tornavam numa acentuada proporção, menos numerosos,

existindo em 1838, conforme dados dêsse ano, 43 homens livres e 4 escravos, de 80 a 90 anos, e 5 homens livres e 2 escravos, de 90 e 100 anos de idade.

O clima não se modificara e não é de acreditar que alguma epidemia tenha atingido principalmente os velhos. Assim, sou tentado a supor que o vício da embriaguez se tornara mais comum, ou que a sífilis se propagara intensamente.

Curitiba e suas cercanias não são menos saudáveis que os Campos Gerais; as doenças epidêmicas são ali quase desconhecidas e, pelo menos em certa época, não eram raros os casos de longevidade. Entretanto, a vizinhança das serras faz com que a temperatura seja mais inconstante que nos Campos Gerais; as geadas são mais fortes e o calor mais acentuado. Havia muito tempo que eu não sentia tanto calor como senti em Curitiba (março).

Saboreiam-se excelentes ananases e laranjas nos arredores de Castro, principalmente no lugar chamado Ponta Grossa; em Curitiba, ao revés, o frio da estação hibernal não permite a cultura dos primeiros e as laranjas são muito ácidas. São exceções alguns lugares do distrito, tais como as margens do rio Assungui, em que se podem plantar café, bananas e ananases, tendo eu próprio comido ótimas bananas procedentes das vizinhanças de Assungui. Presumo que os lugares nos quais também se cultivam plantas muito sensíveis ao frio, particularmente o cafeeiro, são, pelos morros, protegidos dos ventos de sudoeste, que nessa região vêm comumente acompanhados de geadas.

De tôdas as árvores frutíferas da Europa, é o pessegueiro que melhor se adapta ao clima do distrito de Curitiba e dos Campos Gerais; empregam-no em cêrcas vivas, não lhe dispensam cuidados, os animais esfregam-se em seus troncos e, não obstante, crescem com grande vigor. Plantam também nesse distrito muitas macieiras de várias espécies, ameixeiras, pereiras e até nogueiras.

Quanto aos vegetais que cultivam intensivamente, são os mesmos dos Campos Gerais, a saber: o milho, o arroz, o trigo, o feijão, o fumo, sendo-lhes dispensados os mesmos cuidados que lhes dispensam entre o Itararé e o Tibaji. O linho produz òtimamente nos arredores de Curitiba, podendo-se semeá-lo e colhê-lo três vêzes ao ano. Mas parece que até 1820, por não saberem aproveitá-la, pouca importância davam à cultura dessa planta. Quando por ali passei, vendia-se o milho, comumente, a $160 (1 fr). o alqueire ou 40 litros; o trigo a 2 cruzados ou $800 (5 fr.), o arroz com casca a 2 patacas ou $640 (4 fr.) e sem casca a 4 patacas ou 1$280 (8 fr.), o feijão a 1 cruzado ou $400 (2 fr. 50) o alqueire, preços que suponho inferiores aos atuais, embora tendo-se em conta a diferença do valor do real, o que provaria, se não se soubesse, que o comércio se desenvolveu sensìvelmente.

Veremos mais diante que nos arredores de Curitiba se beneficia o mate, importante gênero de exportação([31]).

Com a lã de carneiro fazem-se também muitos *coxonilhos* — coberturas de selas de cavalos, usadas na região e que, além disso, se exportam para Sorocaba.

Em 1680, o paulista Salvador Jorge Velho descobrira nos arredores de Curitiba terrenos auríferos que, segundo Pedro Taques, ainda em 1772 eram muito produtivos. Por ocasião de minha viagem ninguém ignorava a existencia dêsses terrenos ou outros nas proximidades, mas já não os exploravam e parece que continuam inaproveitados([32]).

Não vi em nenhuma parte do Brasil tantos homens verdadeiramente brancos como no distrito de Curitiba.

---

(31) Diz Francisco de Paula e Silva Gomes (*in* Sigaud, *Anuário* 1847, 526), que foi introduzida na comarca de Curitiba a cultura do chá, havendo sido beneficiada até então uma dezena de arrôbas de excelente qualidade.

(32) Se houvesse atualmente terrenos auríferos em exploração na comarca de Curitiba, Francisco de Paula e Silva Gomes, decerto a êles se referiria em a nota em que registra minuciosamente, com prazer, os dados relativos à produção de sua terra (*in* Sigaud, *Anuário* 1847).

Os habitantes dessa região pronunciam o português sem as alterações a que já me referi([33]) e que são um dos sinais da mistura da raça caucásica com a raça indígena; são êles geralmente altos e bem feitos([34]); têm cabelos castanhos e tez rosada; as suas maneiras são corteses e a fisionomia franca, e não têm absolutamente nada dessa basófia que, com muita freqüência, tornam insuportáveis os empregados e os negociantes da capital do Brasil. As mulheres possuem traços mais delicados que as das diferentes regiões do Império, até então por mim visitadas; são menos esquivas que estas e conversam agradàvelmente.

Em suma, têm os curitibanos alguns traços de semelhança com os seus vizinhos, os habitantes do Rio Grande do Sul; mas, permitam-me dizê-lo, são mais brasileiros que os riograndenses. A sua hospitalidade não é ultrapassada pela dos mineiros; e se não possuem a inteligência dêstes, são, entretanto, mais perseverantes e participam mais pronunciadamente da natureza de seus antepassados europeus.

Parecerá, sem dúvida, extraordinário que os habitantes do distrito de Curitiba e dos Campos Gerais, em sua mor parte descendentes de europeus, sem mescla de sangue indígena, dêem aos portuguêses da Europa o apelido injurioso de *emboabas;* não devemos, porém, esquecer-nos que os filhos não pertencem à terra de seu pai, pertencem à em que nasceram e foram educados. Os homens nascidos no Brasil, de portuguêses e portuguêsa, são brasileiros; êles, da mesma maneira que os outros seus compatriotas, pouco estimam os europeus e alimentam contra êstes os mesmos preconceitos. O nome de *emboaba* era dado pelos índios aos pássaros cujas penas se estendiam

---

(33) V. o 1.º vol. desta obra (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

(34) Antes de mim, CASAL já havia dito que "os curitibanos passam pelos mais apessoados e robustos entre os paulistas" (*Corogr.*, I, 232).

até os pés([35]), e aplicaram-no aos europeus porque usavam botas ou polainas. Não tardaram os paulistas a andar com as pernas nuas como os índios e a aplicar o mesmo apelido principalmente aos estrangeiros que pretendiam participar dos tesouros das Minas Gerais([36]). Parece que êsse apelido caíra no esquecimento em grande parte da Província de São Paulo, mas encontrei-o ainda em uso entre os mestiços de Itapeva e daí se teria transmitido aos seus vizinhos dos distritos de Curitiba e de Castro.

Os curitibanos em sua maioria são agricultores e aplicam-se mais ao aproveitamento de suas terras que à criação do gado, primeiro porque podem vender seus produtos com vantagem, enviando-os a Paranaguá, e depois porque nos arredores de Curitiba existem mais florestas que pastagens.

Não obstante a amenidade do clima, os habitantes dêssse distrito não são menos indolentes que os das regiões mais setentrionais do Brasil. O homem recomendável que, ao tempo de minha viagem, exercia as funções de capitão-mor, era obrigado a determinar a quantidade de terras que cada um devia semear e, de quando em vez, a mandar prender alguns preguiçosos, a fim de atemorizar os outros. Foi necessário expedir ordens e fazer ameaças para introduzir-se ali a cultura do trigo, que, evidentemente, traria tão grandes vantagens à região; e, se os pessegueiros são

---

(35) Segundo o Visconde de Pôrto Seguro (*Hist. Geral do Brasil*, 3.ª ed. integral, t. I (4.ª ed.), Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, pág. 19), a palavra *emboaba* origina-se de *amboabá*, contração de *mbae-aba*, "feito homem", ou melhor, "como homem"; e no parecer de Teodoro Sampaio (*op. cit.*), essa palavra, corr. de *mboaba, mbo-aba*, significa "fazer como que se ofenda; mover agressão; agredir". E conclui: "chamar, portanto, *emboaba* a um indivíduo é já no sentido de que êle é do bando da agressão, da grei dos provocadores." — (N. do T.).

(36) Casal, *Corogr. Bras.*, I, 235; — Pizarro, *Mem. Hist.*, VIII, 2.ª parte, 10 — (S.-H). —, ou 8.º, t. II, 16 e nota 11, págs. 264/265, da cit. ed. do Inst. Naci. do Livro — (N. do T.). V. também o primeiro parágrafo do 1.* vol. desta obra — (S.-H.) —, ou a pág. 49 da cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — (N. do T.).

agora tão comuns em todos os sítios, é porque o capitão-mor forçara os lavradores a plantá-los. Ali, não é o calor excessivo que leva os homens à preguiça; êles são indolentes porque necessitam de pouca coisa para viver, não conhecem o luxo e tanto a fecundidade do solo como a doçura do clima não os obriga a despender grandes esforços. Em Curitiba, da mesma forma que em diversas regiões do Brasil setentrional, a cultura da terra exige apenas dois meses de cuidados; dez meses de repouso acostumam o homem a nada fazer e quando chega a época do trabalho já perdeu a coragem de exercer qualquer atividade. A nossa espécie gosta naturalmente do repouso e os povos mais laboriosos da Europa logo deixariam de o ser se pudessem, sem trabalho, prover as suas necessidades reais ou fictícias. Entre os europeus, a emulação também contribui para afastar muita gente da ociosidade e até agora êste nobre sentimento, devo dizê-lo, anima o espírito de muito poucos brasileiros. Eis, entretanto, o que obteve o capitão-mor de Curitiba, estimulando o amor próprio de algumas mulheres e o seu gôsto pelos enfeites. Informou-me êle que a região mais bem cultivada era habitada por pobres criaturas cujos maridos haviam fugido acossados pelas arbitrariedades do coronel Diogo. Querendo cada qual ter um colar de ouro, brincos e vestidos decentes, trabalhavam para obtê-los. Quando o capitão-mor via que uma se achava vestida com menos apuro que as outras, êle a criticava, fazendo-a enrubescer de vergonha, e a mulher esforçava-se por não ficar em situação inferior à de suas vizinhas.

Vejamos agora se não tive motivo para mostrar-me satisfeito com a acolhida que os bons curitibanos me dispensaram.

Ao chegar perto de Curitiba, veio ao meu encontro um grupo de cavaleiros quase todos fardados, composto do capitão-mor, um coronel e muitos oficiais do regi-

mento de milícia. Saudaram-me cortêsmente e com grande desespêro meu, deram-me o tratamento de excelência, como já ocorrera em outras ocasiões e outros lugares. Atravessamos uma ponte de madeira sôbre o riacho acima mencionado, entramos na cidade e dirigimo-nos para a casa do capitão-mor, onde me foi oferecido um esplêndido jantar em que tomaram parte todos os que me foram receber. As iguarias eram excelentes e cada qual tinha diante de si um pãozinho branco e muito bem feito. Terminado o jantar, o capitão-mor pôs-me à disposição, para que eu escolhesse, uma casa na cidade e outra no campo, situada a pouca distância. Optei por esta e a ela fui conduzido pelas pessoas presentes. Logo em seguida, o capitão-mor e seus oficiais retiraram-se, deixando-me à porta um miliciano encarregado, disse-me êsse homem, de receber as minhas ordens. Conversei alguns instantes com êle, mostrando-me amável, e mandei-o embora.

Não podia ser mais agradável a posição da casa de campo em que fiquei hospedado. Situada numa colina a pequena distância de Curitiba, dominava ela tôda a planície em que a cidade fôra edificada. Limitava o horizonte a Serra de Paranaguá, que se desdobrava em semicírculo e cujas alturas se arredondavam em cabeços ou se elevavam como pirâmides. A planície era ondulada e campos verdejantes alternavam-se com maciços de arvoredos, dos quais se destacava persistentemente a majestosa e pinturesca *Araucaria*. Via-se do lado esquerdo, à entrada de um bosque, um lagozinho em cuja margem construíram diversas casinholas, e divisava-se a sueste, muito longe, a paróquia de São José dos Pinhais. Não se avistava a cidade de Curitiba, pois situada numa depressão do terreno ficava ela escondida por trás de uma colina sôbre a qual edificaram a capela a que acima já me referi.

Durante os nove dias que ali passei, o capitão-mor e os principais moradores de Curitiba cumularam-me de

gentilezas, não me havendo sido dispensada melhor acolhida em qualquer outra parte desde que me achava no Brasil. Nos dias seguintes ao de minha chegada, as pessoas mais importantes da localidade, obedecendo hábito antigo, foram visitar-me, e não deixei, antes de minha partida, de retribuir-lhes a amabilidade.

O capitão-mor era um excelente homem, alegre, franco e obsequioso, parecendo ser muito estimado. Foi êle pródigo de atenções para comigo, e, apesar de minhas reiteradas escusas, quis insistentemente que eu fizesse todos os dias minhas refeições em sua companhia. Direi de passagem que o jantar começava sempre, como na França, por uma sopa de pão, o que eu ainda não havia visto em nenhuma parte, desde que me achava no Brasil.

Tinha o capitão-mor em sua casa uma jovem de Guarapuava, pertencente a uma dessas tribos de índios que costumam fazer uma pequena tonsura no meio da cabeça e que, por essa razão, os portuguêses apelidaram de *Coroados*. Ditou-me ela algumas palavras de sua língua; em seguida, eu as li a outra mulher da mesma nação e retifiquei as inexatidões que me haviam escapado. Era êsse o método seguido por mim em casos semelhantes, tôdas as vêzes que isso era possível(37).

---

(37) Faz o príncipe de NEUWIED conjeturas (*Brasilien*, 142) acêrca da maneira como eu teria recolhido as palavras da língua dos Botocudos, que inseri no vol. II, pág. 153 de *Voyage à Minas Gerais* –– (S.-H.) —, ou vol. II, págs. 133/134 da cit trad. — *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* – (N. do T.); poderia êle ter-se poupado a êsse trabalho, porquanto, na mesma obra (1. c.), encontra-se o seguinte: "Não quis deixar S. Miguel sem levar comigo um pequeno vocabulário da língua dos Botocudos. Eu dizia palavras do léxico português a um negro do comandante, que havia aprendido a língua dos selvagens, fazia repetir as traduções do negro a um botocudo do bando de Jan-oé, e as escrevia em seguida. Após ter registrado as palavras que me haviam sido ditadas na língua dos Botocudos, lia-as ao índio de Jan-oé, fazendo-o mostrar-me os objetos que essas palavras representavam; quando êle não me compreendia, eu mandava o negro de Julião repetir as mesmas palavras e, em seguida, corrigia o que havia escrito." Creio que seria difcil tomar maiores precauções, a fim de evitar enganos; e se, para representar a palavra botocuda que significa *água*, escrevi *manhan* e não *magnam*, foi porque segui, como declarei, a ortografia portuguêsa, mais cômoda que a francesa para representar as palavras da língua dos

Eis as palavras que me foram transmitidas pelas duas mulheres coroadas:

Sol .... Êle (o *l* participa do som do *r*)
Lua .... Cõchê (pronúncia lenta)
Estrêlas .... Crinhê
Terra .... Nga
Fogo .... Pin
Água .... Goio (o último *o* é bem aberto)
Chuva .... Ta
Pedra .... Pa (o *a* pronuncia-se mais ou menos como o *awe* dos inglêses)
Homem .... Hangué (*h* aspirado)
Mulher .... Fanga (*a* final surdo)
Filho .... Paissi
Espôsa .... Quajana (o último *a* participa do som do *e* francês)
Mãe .... Nan
Pai .... Io (*o* aberto)
Irmão .... Aranguerê

índios. O Sr. de NEUWIED comparou muitas palavras do meu vocabulário com as do seu, e, naturalmente, foram as minhas que êle condenou, como condenara o vocabulário de Al. d'ORBIGNY ainda mais que o meu, e, finalmente, o de FELDNER. Comparei o vocabulário do Sr. JOMARD, da letra A até à letra K, inclusive, com o do Sr. de NEUWIED, e encontrei apenas quatro palavras absolutamente semelhantes, seis diferentes em parte, e um grande número que não apresentavam a mais tênue semelhança: evidentemente, o vocabulário do Sr. JOMARD seria da mesma forma condenado pelo Sr. príncipe de NEUWIED. Enfim, forçosamente, teremos de condenar o precioso vocabulário, ainda inédito, do respeitável Guido MARLIÈRE, que, no entanto, viveu longos anos entre os Botocudos (v. minha obra *Voyage sur le littoral*, II, 313, 337 — S.-H. —, e também a trad. de Carlos Madeira — *Segunda viagem ao interior do Brasil — Espírito Santo*, na "Brasiliana" da Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1936, nota 152, págs. 200/203 — N. do T.), uma vez que êle difere do vocabulário do Sr. de NEUWIED mais que o meu. Na verdade, MARLIÈRE tem muito menos vogais finais que eu; contudo, mais que o Sr. de NEUWIED. Assim, escreveu êle *pomucuame*, cavalo, e N. *pomo kenam; djonkate*, canoa, N. *tiongeat; meré-ette*, estrêlas, N. *nioré-at; nhoque*, mole, N. *gneuiock; gisoque*, língua, N. *kjitiok; atarane*, ará (pássaro), N. *atarat; nime*, arco, N. *neem;* e, por outro lado, N. traduz flecha por *ouagike* e MARLIÈRE por *uazik*. Creio que de tudo isso se poderá concluir que os Botocudos possuem, freqüentemente, em

Tio	Cacrê
Tia	Imba
Cabeça	Itcrim (*im* deve ser pronunciado à maneira portuguêsa)
Cabelos	Nhem (o *em* tem a pronúncia portuguêsa)
Olhos	Incanê (o *in* tem a pronúncia portuguêsa
Nariz	Inhinê
Orelhas	Iningle (o *l* participa do som de *r;* *e* fechado)
Bôca	Inhantu
Dentes	Inhê
Rosto	Icaquê
Braços	Iningda (*a* aberto)
Mãos	Iningue (*in* tem a pronúncia portuguêsa)
Perna	Sfa
Pé	Pen
Onça	Min (o *in* tem a pronúncia portuguêsa)
Anta	Oioro (o *r* participa do som do l)

---

suas palavras, como os portuguêses, vogais finais difíceis de aprender, e que eu lhes teria acrescentado algumas, ao passo que o Sr. de N. lhes teria suprimido outras, como no nome vulgar do *vanellus cayanus,* em que êle excluíra os dois *oo* que ali colocam Casal e os portuguêses, que não dizem *queriqueri.* Longe de admitir que Feldner, d'Orbigny, Jomard, Marlière e eu laboremos em êrro, estou mais tentado a acreditar que todos temos mais ou menos razão, inclusive o Sr. de N. Se os nossos *patois* não só variam de uma para outra cidade, mas ainda de uma para outra vila, como as línguas dos índios, que não são escritas, poderiam manter-se inalteradas, se aquêles que as falam, tornando-se inimigos por qualquer circunstância, logo procuram modificá-las (VASCONCELOS) ? A diferença dos vocabulários reside necessàriamente na extrema dificuldade de traduzirmos com o auxílio das letras dos nossos alfabetos todos os sons das línguas dos índios. Um alemão, um inglês, um francês escreverão freqüentemente as mesmas palavras de maneira diferente e talvez uns não as tenham ouvido como os outros; o Sr. d' Eschwege e eu fizemos repetir pela mesma pessoa algumas palavras da língua dos Xicriabás, e nem sempre as escrevemos da mesma maneira. Sòmente os missionários, que viveram entre os índios, empregaram as línguas dêsses selvagens na catequese e imaginaram sinais para melhor traduzir-lhes os sons, puderam fazer bons dicionários; não obstante os cuidados dos viajantes, os vocabulários por êstes organizados serão sempre muito imperfeitos.

Veado	Gembê
Macaco	Cajêré (o primeiro *e* aberto, e o segundo fechado)
Cão	Ogog
Perdiz	Cuiupepê
Papagaio	Congio (o último *o* bem aberto)
Peixe	Pirê
Lambari	Cringlofora
Árvore	Ka
Fôlha	Faie (*e* fechado)
Jabuticaba	Mê
Pinhão	Fangue
Milho	Nhēre
Feijão	Eringro (os *rr* participam do som da letra *l;* o *o* é aberto)
Farinha	Manenfu
Arco	Uieie
Flecha	Do (*o* aberto)
Ponta de flecha .	Nhemgfim (o *em* e o *im* devem ser pronunciados como em português)
Bom	Maha (os dois *aa* surdos)
Bonito	Chintovin (*in* pronuncia-se, nesta palavra, como em latim)
Feio	Cōré
Doente	Canga
Branco	Cupri
Prêto	Capro
Vermelho	Cucho
Comer	Coia
Dormir	Nōro
Ir	Tinhra
Falar	Uimra (*a* nasal)
Dançar	Grangraia
Partimos	Mona

Tanto neste vocabulário, como nos demais por mim publicados, adotei a ortografia portuguêsa, que quase sempre está de acôrdo com a pronúncia e representa através de *em* e *im* vogais mais nasaladas que os nossos *in* e *en*. A essa ortografia sòmente acrescentei o nosso acento circunflexo para o *e* aberto, o nosso acento agudo que indicará o *e* fechado, e, finalmente, o sinal –, destinado a assinalar as sílabas sensìvelmente longas[38].

A língua dos Coroados de Guarapuava, como a de todos os índios, é pronunciada guturalmente e com a bôca quase fechada. Encontrei a mesma pronúncia em tantas tribos que me permito considerá-la uma das características da raça americana[39], ou, pelo menos, dos indígenas do Brasil.

Comparando-se o vocabulário da língua dos Coroados de Guarapuava com o que dei, precedentemente, da língua dos Guaianás, verificar-se-á que existe entre ambas grande semelhança. De feito, encontram-se nos dois vocabulários apenas vinte palavras que não representam os mesmos objetos, e nesse número, doze são semelhantes ou quase semelhantes[40]. É de acreditar, portanto, que as duas tribos tenham a mesma origem, havendo, porém, o tempo e a separação introduzido, a pouco e pouco, as diferenças que ora observamos em suas línguas. Existe, aliás, tão pouca analogia entre o idioma dos Coroados de Guarapuava e o das tribos cujos vocabulários publiquei, como entre êsses mesmos idiomas e a língua dos Guaia-

---

(38) V. o que escrevi sôbre a ortografia portuguêsa em *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz*, vol. II, pág. 110 — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — *Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiás*, vol. II, pág. 116. — (N. do T.).

(39) L. c.

(40) Guaianá, *leve*, sol; coroado, *êlê*. — G., *clinguê*, estrêlas; c., *crinhê*. — G., *meve*, jabuticaba; c., *mê*. — G., *goio*, água; c., *goio*. — G., *cajeré*, macaco; c., *cajeré*. G., *clinglofora*, lambari; c., *clinglofora*. — G., *nhērê*, milho; c., *nhere*. — G., *manenfu*, farinha; c., *manenfu*. — G., *ingro*, feijão; c., *eringro*. — G., *dove*, flecha; c., *do*. — G., *cuipepe*, perdiz; c., *cuiupepê*. — G., *fogfogve*, cão; c., *agog*.

nás(41). Em verdade, a palavra *piré*, que entre os Coroados de Guarapuava, significa peixe, tem grande semelhança com a palavra guarani *pira*, cujo sentido é o mesmo. Mas, existindo diferenças em tantas outras palavras, abster-me-ei de concluir, firmado apenas em remota analogia, que os Coroados descendem dos Guaranis.

Já provei(42) que os primeiros nada têm de comum com os índios do mesmo nome, das vizinhanças do Rio Bonito; destarte, acho desnecessário voltar a tratar do assunto(43). Contentar-me-ei em repetir que, ao passo que os últimos eram feíssimos, as duas mulheres de Guarapuava tinham belas feições. As suas cabeças, redondas e juntas às espáduas como as das índias de tôdas as tribos, não eram desmesuradamente grandes como as das mulheres coroadas do Rio Bonito; os olhos eram divergentes, mas vivos e espirituais; os traços fisionòmicos revelavam grande doçura e a tez era de um trigueiro claro.

---

(41) Já demonstrei que a língua dos Guaianás nada tem de comum com as dos Malalis, Macunis, Caiapós, índios da costa, etc. (v. o vol. precedente — S.-H. —, ou a cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* — N. do T.).

(42) V. meu *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz,* I, 42 (S.-H.), ou a cit. trad. I, 44.

(43) O príncipe de Neuwied diz com razão (*Brasilien,* 38) reinar grande incerteza sôbre a história dos índios do Brasil; creio, porém, que se pode aceitar um fato desde que êle não tenha ocorrido há muito tempo e seja atestado por autoridades que se recomendem pela sua seriedade. Assim, não rejeitarei, como quereria o Sr. de Neuwied, o que dizem Manoel Aires de Casal e Azevedo Coutinho sôbre a origem dos Coroados de Minas ou do Rio Bonito (*Voyage sur le littoral* - S.-H. —, ou a cit. trad. — *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil* — N. do T.); sabemos que o primeiro dêsses autores se achava bem informado a respeito das coisas do norte do Brasil (J.F.F. Pinheiro, *Anais,* 2.ª ed., 386 -- S.-H. —, ou a 3.ª ed., Inst. Nac. do Livro, Rio de Janeiro, 1946, 309, nota 1 — N. do T.) e as relações da família do segundo com os Goitacás remontavam mais ou menos à época em que uma parte dêsses índios, misturando-se com Coropós, formou a tribo dos Coroados (*Ensaio econômico,* 62, 64). — Como o príncipe de Neuwied e eu dissemos, incontestàvelmente os Goitacás eram outrora denominados *Ouetacas* ou *Goyatacazes;* hoje, porém, que o têrmo *Goitacazes* (Goitacás) é geralmente empregado e se acha consagrado pelos documentos oficiais, seria tão estranho voltar aos antigos nomes como escrever *Estampes* e *Fontaine-belle-eau.*

A beleza dessas mulheres quase me faz acreditar que, não obstante a distância, tenham elas a mesma origem das que eu vira em Jaguariaíba e na Fortaleza(44). Não me souberam dizer como se chamava a sua tribo, mas, receiosas, citaram-me os nomes das duas tribos inimigas da sua: os Socrés, que têm o costume de furar o lábio inferior, e os *Tactayas*, que não furam os lábios nem tonsuram o alto da cabeça(45).

Diz Martius, generalizando, que, quando indagava de um índio o nome de sua tribo, êste, como as duas coroadas de Curitiba, não respondia à pergunta, mas dizia, de imediato, como se chamavam as tribos inimigas. Isto tende a provar que, no seu insulamento, cada tribo se considera o povo por excelência, o povo único, por assim dizer, e que os nomes das demais tribos são quase sempre apelidos dados por nações adversárias ou pelos portuguêses. Já fiz a observação de que a palavra *tupi* era um verdadeiro apelido derivado da *língua geral*, e de que os *Caiapós* não possuem nome para se designarem a si próprios como nação, devendo aos paulistas aquêle que ora geralmente lhes é dado(46). O nome *Botocudos* é, certamente, um apelido tomado da língua portuguêsa, por empréstimo, após haver passado por alguma modificação;

---

(44) V. os capítulos I e II desta obra.

(45) Uma vez que tenhamos alguma noção acêrca da pronúncia das línguas indígenas, é impossível não reconhecermos os *Socrés* nos *Xocréns*, a que se refere de passagem o P. Chagas em seu precioso trabalho (*Mem.* in *Rev. Trim.*, I, 52), e que, segundo José Joaquim Machado de Oliveira (*Not. Racioc.*, in *Rev. Trim.*, 2.ª série, I, 247), habitavam entre o Iguaçu e o Uruguai. Quanto aos Tactayas, não encontrei êste nome em nenhuma parte.

(46) Segundo José dos Prazeres Maranhão (*Coleção de etim.*, in *Rev. Trim.*, 2.ª série, 69), *caiapó* viria das palavras *caa*, mato, e *pora*, morador (morador das matas), ambas pertencentes à língua geral. Os paulistas falavam essa língua, tendo-a aprendido dos índios da costa e freqüentemente aplicavam têrmos da mencionada língua aos lugares habitados por outros índios, que os não entendiam, ou aos próprios índios. — (S.-H.). — Lê-se em Teodoro Sampaio (*op. cit.*): "*Caiapó*, corr. *caiapór*, gente de queimadas; nação selvagem que tem por hábito queimar o campo para caçar. Goiás)." — (N. do T.).

Coroados é uma palavra da mesma língua, não tendo sofrido, porém, a mínima alteração. O que acabo de dizer explica a razão por que se encontram nos autores tantos nomes diferentes de tribos, podendo uma só receber muitos nomes, ou, melhor, muitos apelidos, desde que tenha muitos inimigos.

Segundo as mulheres coroadas que eu vi em Curitiba, a sua gente não tem absolutamente nenhuma idéia da divindade. Na época de minha viagem, a palavra *tupi* começava a introduzir-se, graças aos portuguêses, na língua dêsses índios. Isto vem confirmar o que eu disse acêrca dessa palavra quando me referi aos Guaianás, em cuja língua ela já se havia incorporado(47).

Sabe-se que os Tupinambás, antigos habitantes da costa, faziam com a mandioca ou milho mastigado, uma bebida inebriante denominada *cauin* (cauim)(48). Encontrei o uso dessa bebida entre os seus descendentes(49), e, para servir-me de uma expressão do ingênuo Lery, *cauinei* como êles. A absoluta diferença das línguas quase não permite acreditar que os Coroados de Guarapuava tenham qualquer coisa de comum com os Tupinambás; entretanto, os primeiros também fazem, como êstes, uma bebida inebriante, com o milho mastigado, e também *cauinam*, existindo, contudo, alguma diferença no modo de prepará-la. Em vez de se limitarem a ferver o milho antes de

---

(47) V. o cap. desta obra intitulado — *Voyage d'Itapetininga aux Campos Geraes*, etc. (S.-H.) —, ou o cap. XII da cit. trad. — *Viagem à Província de São Paulo* (N. do T.).

(48) LERY, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, ed. de 1594, 125 — (S.-H.) —, ou a tradução ordenada literàriamente por Monteiro Lobato — *História de uma viagem a terra do Brasil*, Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1926, pág. 60, e a tradução integral e notas de Sérgio Milliet — *Viagem à terra do Brasil*, Livraria Martins, São Paulo, pág. 117. — (N. do T.). — Ferdinand DENIS, *Brésil*, 24 — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — (N. do T.).

(49) *Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil*, II, 355 — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — (N. do T.).

mastigá-lo, como faziam os antigos Tupinambás(50), os Coroados de Guarapuava assavam-no, depois ferviam-no e mastigavam-no, pondo-o em seguida a fermentar. Foi também das duas índias levadas para Curitiba que obtive essas minúcias.

Deixando a vila de Castro, continuei a recolher espécimes ornitológicos e vegetais, e antes de sair de Curitiba, enviei ao sargento-mor José Carneiro duas caixas cuidadosamente preparadas, contendo pássaros e plantas, e pedi-lhe que as mandasse entregar ao governador da Província, João Carlos d'Oeynhausen.

Como a Serra de Paranaguá só poderia ser transposta com o auxílio de mulas bem adestradas, enviei as minhas, com os arreios, ao sargento-mor de Castro, e aluguei outras nove por 9$000 (56 fr. 25), a fim de trasladar-me ao litoral. O bom José Carneiro oferecera-se para guardar em seu pasto a minha pequena tropa de mulas, e enviar-ma quando eu regressasse ao Rio de Janeiro. Aceitei o oferecimento; mas a distância e a dificuldade de comunicações faziam-me recear de que jamais tornaria a entrar na posse

---

(50) Eis como Lery descreve a maneira de os Tupinambás prepararem o cauim: "Após cortarem as raízes de mandioca em rodelas finas, como fazemos com os rabanetes... fervem-nas em grandes vasilhas de barro. Quando elas (as mulheres) vêem que as rodelas estão tenras e amolecidas, retiram-nas do fogo e deixam esfriar um pouco. Feito isto, muitas delas acocoram-se ao redor das grandes vasilhas, retiram destas as rodelas de raízes assim amolecidas, mastigam-nas bem e as reviram na bôca, de onde vão retirando com a mão as porções dessa massa, umas após outras, e as vão colocando em outras vasilhas de barro, que são logo levadas ao fogo, para nova fervura. Mexida com um pau essa mistela, até ficar bem cozida, tiram-na do fogo pela segunda vez, e, sem coar, derramam tudo ao mesmo tempo em outras vasilhas de barro de maior tamanho... depois que tenha espumado um pouco e fermentado, cobrem as vasilhas e deixam ali a beberagem, até quando a quiserem ingerir... Os nossos americanos igualmente fazem ferver e depois mastigam êsse milho chamado *Avati* em sua língua, preparando também uma beberagem pelo mesmo processo." — (Lery, *op. cit.*, 124, 125) — (S.-H.) —, ou as citadas traduções, págs. 89 e 116/117, respectivamente — (N. do T.).

de minha pequena propriedade. Ao têrmo de cêrca de dois anos, chega-me tudo ao Rio de Janeiro, nas melhores condições possíveis — as mulas bem tratadas e os arreios tão completos como eu os deixara([51]).

---

(51) Um dos nossos navegadores chegara ao Rio de Janeiro a 24 de março, partira a 4 de abril, e a 23 achava-se em Montevidéu. A descrição de sua viagem fôra publicada a expensas de contribuintes, mas redigida, ao que parece, por alguém que não tomara parte na expedição. Eis o que lemos ali: "Os brasileiros são pouco sociáveis... Os estrangeiros não são recebidos em sua intimidade (*Voyage Bonite*, I, 166)". — Ocupam os brasileiros um país de grande extensão e, sem nenhuma dúvida, esta frase não se ajusta perfeitamente aos habitantes dos Campos Gerais e do distrito de Curitiba. Quantas injúrias dirigidas aos brasileiros vêm pagando os contribuintes desde 1815, sem falar de muitos coisas que poderiam, creio eu, ignorar sem grandes inconvenientes, como, por exemplo, o caso, segundo o qual, pelo ano de..., "os oficiais de um navio de guerra não foram ver as sereias francesas da rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, por prudência ou por economia". Pobres contribuintes !

CAPÍTULO VII

Descida da Serra de Paranaguá.

Partida de Curitiba; maneira de utilizar-se das mulas. — A região situada entre Curitiba e Borda do Campo. — Borda do Campo; os estabelecimentos dos jesuítas. — O beneficiamento do mate; quantidade produzida pela comarca de Curitiba. — A temperatura conveniente à Araucaria brasiliensis. — O autor começa a subir a Serra de Paranaguá. — Pão-de-ló. — Boa Vista; caminhos péssimos. — Belo gesto de José Caetano da Silva Coutinho. — Descida da Serra; os caminhos tornam-se piores. — Parada em Pinheirinho, em meio da mata. — O Pôrto. — Mudança de temperatura; causas que influem sôbre a dos Campos Gerais. — A planície denominada Vargem. — Morretes, vila, hoje cidade; seus habitantes, sua posição; produção dos arredores. — O transporte de mercadorias de Morretes para Paranaguá. — Navegação do rio Cubatão. — Chegada a Paranaguá.

Chovera durante todo o tempo em que estive em Curitiba, forçando-me essa circunstância a permanecer ali até 22 de março. Aliás, só com bom tempo se pode atravessar a Serra, sendo também imprudente fazê-lo após uma chuva mais ou menos abundante.

Fixado o dia da partida, apresentaram-se os homens que eu alugara para transportar-nos a Paranaguá; êles, porém, tiveram muito trabalho em colocar a bagagem miúda e as malas sôbre as mulas, de modo a ficarem devidamente equilibradas. Na verdade, sòmente os mineiros entendem dêsse serviço. Em todo o sul da Província de São Paulo, as albardas são feitas tão sem cuidado que

chegam a ferir os animais; e por mais curta que seja a viagem, conduzem seis mulas, quando bastariam duas Não é de admirar, vale dizer, sejam tão pródigos e tomem com elas menos cuidado que em Minas, pois estão perto da região abastecedora dêsses muares, os quais deverão ser ali mais baratos que nas zonas situadas ao norte.

Tendo saído muito tarde, caminhei apenas uma légua no primeiro dia. Atravessei uma parte da grande planície ondulada, entremeada de matas e campos, que se estende de Curitiba à Serra, e pernoitei no sítio denominado Bacachiri, das palavras guaranis *vacá ciri*, vaca que escorregou[1].

No dia seguinte, andei quatro léguas.

De comêço, o caminho é montanhoso e entremeado de matas e pastagens. Olhando para trás, vi ainda ao longe a cidade de Curitiba, cujos moradores me dispensaram tão bom acolhimento, e a linda casa de campo em que me hospedara; em seguida, passei pelo lugar chamado Vila Velha, onde, como já tive ocasião de dizer, se estabeleceram os primeiros europeus que chegaram a essas paragens.

Mais além, o terreno torna-se menos desigual e o campo constitui-se, alternadamente, de pastos e matas, sendo estas formadas quase inteiramente de *Araucaria brasiliensis*. Essas árvores, quase sempre muito unidas umas às outras, têm, em seu conjunto, uma tonalidade escura; algumas vêzes elas alteiam-se em meio dos campos, tocando-se entre si apenas pelas ramagens, e a sua côr escura con-

(1) Itinerário aproximado de Curitiba ao pôrto de Paranaguá:

	Léguas
De Curitiba a Bacachiri, sítio	1
De B. à Borda do Campo, fazenda	4
De B. do C. a Pinheirinho	3
De P. a Morretes, vila, hoje cidade	4
De M. a Camiça, sítio	2
De C. a Paranaguá, cidade	4
	18

trasta com o verdor da grama que atapeta o solo. Adiante destaca-se no horizonte a Serra de Paranaguá, cujos cimos, de formas várias, estão cobertos de espêssa vegetação. A paisagem apresenta o aspecto austero e majestoso que a natureza geralmente tem ao pé das montanhas.

A fazenda em que parei, denominava-se Borda do Campo e pertencera aos antigos jesuítas. Após a sua expulsão, passou o estabelecimento a ser administrado por conta da fazenda real; como, porém, nada produzisse nas mãos dos empregados do rei, puseram-na em leilão. Tem sido esta mais ou menos a história dos estabelecimentos dos jesuítas, dos quais êsses religiosos sabiam tirar tão grande proveito. As terras de Borda do Campo, na realidade, não são muito boas nem as suas pastagens se comparam com as dos Campos Gerais, mas poderemos considerá-las o ponto-chave dos distritos de Curitiba e de Castro. Os religiosos da Companhia de Jesus podiam prestar os melhores serviços aos que subiam e desciam a Serra, e, dessa forma, aumentar a sua influência e alargar o seu círculo de amigos. Não é de admirar fôssem êsses estabelecimentos geralmente de grande proveito para os jesuítas, enquanto que nas mãos do rei se tornassem inúteis. Sabe-se com que desleixo e má fé era dirigido no Brasil, sob o govêrno dos soberanos de Portugual, tudo o que concernia ao serviço público. Os jesuítas, pelo contrário, levavam a tôda parte a ordem e a atividade que outros se esforçavam vãmente por ultrapassar, e, sem falar no amor ao cumprimento do dever de que se achavam animados, tinham êles êsse espírito de classe e êsse sentimento de honra que não existiam nos outros em tão alto grau.

Vimos mais acima que o mate, ou congonha, como se diz em Minas, é para Curitiba importante artigo de exportação. A árvore da qual êle provém é comum nas matas das vizinhanças da cidade, principalmente nas da

Borda do Campo, e isso foi talvez uma das razões que levaram os jesuítas a estabelecer-se ali.

A árvore da congonha ou árvore do mate (*Ilex paraguariensis*, Aug. de S. Hil.), é uma árvore medíocre, ramosa no alto, muito folhuda, mas cuja forma nada apresenta de característico.

As fòlhas verdes da árvore do mate são inodoras, de sabor herbáceo e um pouco amargo; mas preparadas, desprendem suave perfume que se assemelha mais ou menos ao do chá suíço.

Ao tempo de minha viagem, beneficiava-se o mate nos arredores de Curitiba, com muito menos cuidado que no Paraguai; mas começava a ser conhecido dos curitibanos o método empregado pelos paraguaios. O capitão-mor do distrito tinha até a intenção de forçar os seus administrados a adotá-lo, visto que o mate preparado dessa maneira alcançava em Buenos Aires e Montevidéu preço mais alto que o preparado pelo método antigo. Quando passei pela Borda do Campo, meu hospedeiro tinha em sua propriedade um paraguaio que havia deixado seu país por causa da guerra, e preparava o mate à maneira hispano-americana, em meio das matas da fazenda. Vi o processo por êle empregado e vou descrevê-lo.

O mate para ser bom deve ser colhido durante o período de março a agôsto, isto é, na época em que o calor, sendo menos intenso, abranda o movimento da seiva. Os ramos são cortados da árvore e transportados para o local em que deverá proceder-se ao seu preparo; ali são amontoados. Faz-se uma extensa fogueira com troncos de árvores recentemente cortadas, de 8 a 10 metros de comprimento e de pequena grossura. Enquanto a lenha vai ardendo, homens colocados à direita e à esquerda, passam sôbre a fogueira ramos de erva-mate, segurando-os pela extremidade inferior, de modo a tostar-lhes ligeiramente as fôlhas. Terminada essa operação, destacam dos galhos

os ramúsculos guarnecidos de fôlhas e colocam-nos sôbre o *barbaquá*, espécie de abóbada armada da seguinte maneira: cravam-se na terra dois paus bifurcados da grossura de uma coxa, medindo até a forquilha cêrca de dois a dois e meio metros de altura, e entre os quais se deixa um espaço de dois metros, mais ou menos. Coloca-se nas duas forquilhas uma vara de madeira flexível que forma o arco denominado arco mestre, arco principal. Destina-se êle a sustentar no meio cinco outros que se cruzam com o primeiro e cujas extremidades tocam o solo; depois prendem-se a êstes, na altura de um metro, varas transversais separadas algumas polegadas uma das outras. A abóbada que resulta dessa armação é arredondada; tem ela a configuração de um forno de cêrca de seis passos de diâmetro, e é aberta nos dois lados em que estão cravadas as forquilhas. Cobrem-na inteiramente de galhos de mate, passando-os entre as varas transversais e tendo-se o cuidado de não deixar nenhum intervalo entre os galhos. O terreno em que se armou o barbaquá é prèviamente batido. No meio dêste último faz-se fogo de lenha verde; o fumo escapa-se pelos lados e por baixo da abóbada, onde não existem varas transversais, e, ao fim de uma hora e meia, a madeira dos ramúsculos e as fôlhas estão inteiramente sêcas. Retiram-se os galhos de mate do barbaquá, amontoam-nos e batem-nos com um instrumento de madeira de cêrca de 1,50 m de comprimento, em forma de sabre e cujo cabo é cilíndrico. Dá-se por concluído o processo de beneficiamento do mate logo que as fôlhas fiquem reduzidas a pó e os ramúsculos a pedacinhos; então coloca-se o produto em uma espécie de cestinhas cilíndricas, artìsticamente feitas de bambu, sendo tais cestinhas tapadas com fôlhas de samambaia bem sêcas.

A antiga maneira de beneficiar o mate, nos arredores de Curitiba, diferia da do Paraguai, sob muitos aspectos. Não se levava em conta a época do ano em que se cortavam os ramos da erva-mate. Para *sapecá-los* (verbo

usado em Curitiba e no Paraguai), não se fazia uma fogueira de lenha verde, mas empregava-se, de preferência, os nós provenientes do pinheiro apodrecido. Não se armavam barbaquás, mas sòmente jiraus ([2]) de um metro de altura, mais ou menos, sòbre os quais se colocavam as fôlhas de mate. Enfim, não utilizavam a madeira dos ramúsculos, a qual, segundo os hispano-americanos, dá melhor sabor à bebida.

Os historiadores do Paraguai referem-se constantemente ao chá usado nesse país; mas, antes de minha viagem, conhecia-se tão pouco a planta que o produz, que o erudito tradutor da obra de Azara, julgava poder incluí-la no gênero *Psoralea.* Após a minha chegada a Paris, li na Academia das Ciências um trabalho em que dizia o seguinte: "Uma interessante planta cresce abundantemente nas matas dos arredores de Curitiba; é a árvore conhecida pelo nome de *Árvore do mate* ou *da Congonha* e que fornece a famosa erva do Paraguai, isto é, o mate. Como ao tempo de minha viagem, circunstâncias políticas tornavam quase impossíveis as comunicações entre o Paraguai pròpriamente dito, e Buenos Aires e Montevidéu, vinham dessas cidades comprar o mate em Paranaguá, pôrto vizinho de Curitiba. Encontrando os hispano-americanos grande diferença entre a erva preparada no Paraguai e a preparada no Brasil, acharam que a dêste país fôsse proveniente de outro vegetal. Amostras que recebi do Paraguai, habilitaram-me a informar às autoridades brasileiras que a árvore de Curitiba é perfeitamente semelhante à do Paraguai; e a sua identidade me ficou mais evidenciada quan-

(2) Disse eu alhures (*Voyage dans la province de Rio de Janeiro,* etc., I, 396 — S.-H. —, ou a cit. trad., I, 332/333 — N. do T.): "Eis como se armam os jiraus: cravam-se no solo quatro estacas dispostas como as quatro colunas de um leito; sôbre os pares das estacas mais juntas, amarra-se com casca vegetal, flexível e forte, uma travessa de madeira e colocam-se varas sôbre as duas travessas situadas uma defronte da outra. Geralmente cobre-se o jirau com esteira ou couro cru, tomando êle a forma de um leito."

do vi as plantações dos jesuítas em suas antigas missões. Se o mate do Paraguai é de qualidade superior ao do Brasil, deve-se isto à diferença do processo empregado na preparação da planta. Em outra memória que me proponho apresentar à Academia, sôbre a planta em questão, ser-me-á fácil demonstrar que ela pertence ao gênero *Ilex* (*Aperçu d'un voyage au Brésil*, 44, ou nas *Mémoires du muséum*, IX)." — A esta passagem acrescentei em nota uma descrição abreviada da *árvore do mate* e na qual dei à referida planta a designação botânica de *Ilex paraguariensis*.

Para a projetada memória mandei fazer vários desenhos; porém trabalhos mais importantes e sobretudo prolongados sofrimentos, impediram-me de levar a têrmo a sua publicação.

Nessa memória eu tornava conhecidas diversas espécies — uma *Luxemburgia*, uma *Vochisia*, a minha *Trimeria Pseudomate* — que, segundo os lugares, são consideradas, na Província de Minas, como o mate verdadeiro, não obstante as diferenças que apresentam(3).

Aliás o equívoco explica-se fàcilmente. Os mineiros vão comprar muares ao sul; ali, oferecem-lhes mate e mostram-lhes a árvore de que êle provém; e de volta à sua Província, julgam encontrá-la em tôdas as espécies cujas fôlhas tenham alguma semelhança com as do mate verdadeiro.

---

(3) Entre as plantas que têm sido errôneamente tomadas pela árvore do mate, inclui-se a *Cassine Congonha*, Spix e Mart. O Sr. Lambert publicou belíssimos desenhos dessa espécie e da *Ilex paraguariensis* (*Descript. Pinus*, II, suppl.); mas o texto que os acompanha deve ser considerado nulo, pois não passa de uma série de estranhos desacertos (ver a nota que juntei ao trecho que intitulei *Comparaison de la végétation d'un pays en partie extratropical avec celle d'une contrée limitrophe entièrement située entre les tropiques*, nos *Annales des sciences naturelles de l'année* 1850). Acrescentarei que o nome específico de *paraguariensis* é o que deve ser adotado, não só porque êle tem anterioridade, mas ainda porque os historiadores consagraram esta palavra, ou antes *paraquariensis*, há duzentos anos, e seria tão estranho querer mudá-lo para *paraguensis*, de acôrdo com LAMBERT, ou *paraguajensis*, conforme Endlicher, como escrever *londonensis* por *londinensis*.

A despeito de em Minas tomarem falsamente muitas plantas pela árvore do mate ou chá do Paraguai, ali também existe o verdadeiro *Ilex paraguariensis.* E o que é digno de nota é que em Minas, como em Curitiba, o mate encontra-se juntamente com a *Araucaria brasiliensis.*

Não sei qual era, na época de minha viagem, a quantidade de mate beneficiado produzida pelo distrito de Curitiba; mas, no ano financeiro de 1835 a 1836, sem incluir o que se consumia na região e o que foi expedido por terra, exportaram-se pelo pòrto de Paranaguá 84 602 arrôbas (392 555 kg.), provàvelmente beneficiadas em tôda a comarca e avaliadas em 169:204$000 (753 669 fr. ao càmbio de 230)([4]). Enfim, tornou-se tão vultoso o beneficiamento do mate que se avalia em 300 a 400 000 arrôbas a sua produção anual([5]).

Após ter visto como se beneficiava o mate, deixei a fazenda da Borda do Campo e pouco depois penetrava nas florestas em que predomina a *Araucaria brasiliensis* e onde encontrei atoleiros profundos, aos quais o meu guia não dava maior atenção; efetivamente, êles não eram nada em comparação com o que veríamos mais adiante.

Dentro em pouco, começamos a subir e logo adiante a *Araucaria brasiliensis* desaparece das nossas vistas, prova de que esta árvore requer clima moderado, não resistindo a determinado grau de frio. Encontra-se ela perto do Rio de Janeiro, nos mais altos cumes da Serra da Estrêla, cuja temperatura média provàvelmente corresponde à de Curitiba, ou dos Campos Gerais, até a raiz da Serra de Paranaguá.

A princípio, quando começamos a galgar a serra por último mencionada, o caminho era transitável. Víamos florestas por todos os lados e, até o local em que fizemos alto, andamos através da mata.

---

(4) MÜLLER, *Ensaio est.*, tab. 12. — Calculei o câmbio de acôrdo com a tabela de H. SAY, na *Histoire des relations,* etc.

(5) Francisco de Paula e Silva GOMES, *in* SIGAUD, *Anuário* 1847.

A primeira passagem dificílima de transpor, que encontramos, tem o nome de *Pão-de-ló*. Aí, o caminho é cheio de pedras enormes e arredondadas; o seu declive é bastante pronunciado e em alguns lugares os animais são forçados a dar saltos que assombram o viajante que ainda não tenha atravessado essas montanhas.

O caminho volta a ser transitável até o lugar Boa Vista, assim denominado porque dali se desvenda grande parte da planície que se percorrera antes de chegar à Serra.

Nas proximidades de Boa Vista o caminho é talhado na própria montanha, numa profundidade de quase quatro metros, e a passagem é tão estreita que os animais a atravessam roçando a carga em ambos os lados do corte. Em seguida, começa a aparecer em frente um dos picos mais altos da Serra, ao qual deram o nome de Marumbi e cujas encostas, descendo quase verticalmente, em muitos lugares são formadas de rochas despidas de vegetação.

À medida que caminhamos, a estrada vai-se tornando cada vez mais horrorosa; em muitos lugares foi ela escavada profundamente; tem alguns pés de largura e é coberta pelos ramos das árvores, privando o viajante da luz do sol. Ora são atoleiros de onde os muares são desatascados difìcilmente; ora são êsses animais obrigados a dar saltos de muitos pés de altura, porque o terreno muda sùbitamente de nível. Em muitos lugares fizeram-se estivados a fim de impedir que as bêstas de carga atolem; elas, porém, escorregam nos paus roliços e úmidos, e correm a cada instante o risco de cair.

O respeitável bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, querendo visitar tôda a sua extensa diocese, viu-se obrigado a passar por êsse caminho. Alguns homens, naturalmente requisitados dentre os das ordenanças, conduziam-no em uma rêde, revezando-se nesse mister. Mas, a certa altura, ouvindo o prelado um dêles

queixar-se do pêso da carga em têrmos pouco respeitosos (*aquêle d... pesa muito*) (em português, no original), manda os condutores parar, deixa a rêde, não pronuncia uma palavra de censura, apanha um bordão e desce a pé o caminho ainda a percorrer. Esta anedota só indiretamente tem relação com a minha viagem; mas aproveito a oportunidade para renovar aqui a minha homenagem ([6]) a um prelado que honra o episcopado pelas suas virtudes e pelas suas luzes, e cuja bondade não se apagou de minha memória. Dedicado amigo do Brasil, êle sentia-se feliz em conversar comigo acêrca das regiões que ambos havíamos percorrido.

O pior trecho em tôda a extensão do caminho é aquêle em que começa a descida; tem êle o nome de *Cadeado*. O declive aí é bastante acentuado; as árvores, estendendo os seus ramos sôbre a estrada cavada abaixo do nível do solo, deixam-na mergulhada em quase completa escuridão; anda-se por cima de pedras escorregadias e os muares são forçados, a cada instante, a atirar-se para a frente com a sua carga. Causou-me admiração a destreza com que êsses animais atravessam os piores desfiladeiros; exercitam-nos a fazer a viagem primeiramente sem nada no lombo; depois colocam-lhes a albarda; e, por fim, uma verdadeira carga. Quase sempre morrem nas primeiras provas; desde, porém, que atravessam a serra repetidas vêzes, não encontram mais nenhuma dificuldade em vencer os obstáculos que se apresentam a cada instante, escolhendo com admirável sagacidade os lugares em que podem colocar as patas com tôda a segurança.

Gastamos quase oito horas em fazer o percurso de três léguas; assegurou-me o guia que era impossível chegarmos às primeiras casas antes de entardecer. Assim, resolvi parar em meio da mata, no lugar denominado

---

(6) Já me referi a D. José Caetano da Silva Coutinho, em *Second voyage*, vol. II, 229.

Pinheirinho, onde, segundo parece, os viajantes costumam pernoitar. À direita, elevavam-se os picos inacessíveis cobertos de matas; à esquerda, árvores majestosas e de um verde sombrio ostentavam sua ramaria; mais abaixo, despenhava-se uma torrente cujo fragor se ouvia ao longe.

Foi só descarregarem a minha bagagem, começou a chover, o que me levou a pensar nos danos que poderiam advir para as minhas coleções; Manoel e meu condutor, porém, logo dissiparam os meus temores, graças às providências que tomaram, pondo as malas em cima de paus compridos e colocando sôbre uma armação feita de varas atadas umas às outras com tiras de casca de bambu, os couros de bois que serviam na viagem para abrigar a carga dos animais. Arrumaram minha cama em cima das malas, puseram ao meu lado tôda a bagagem miúda e ainda houve bastante lugar para acomodar Laruotte e José.

Estiara durante a noite, mas o tempo amanhecera encoberto e choveu quase o dia inteiro.

Continuamos a descer a serra até o lugar denominado Pôrto, e, conquanto o declive já não seja tão pronunciado, nem por isso o caminho é menos horroroso.

Chegando ao Pôrto, encontrei-me noutro clima: o ar era pesado, fazendo ali infinitamente mais calor que nos arredores de Curitiba e nos Campos Gerais. Não me achava mais no planalto, nem me achava mais na serra, mas bem perto do litoral, onde a temperatura dos trópicos se estende muito para o sul. Sendo outro o clima, também outra era a vegetação; repentinamhente tornei a ver as plantas que se cultivam nas regiões mais quentes do Brasil. Em vez dos pessegueiros que circundam as casas do distrito de Curitiba, são as bananeiras que estendem suas enormes fôlhas sôbre as do Pôrto, e encontrei crianças carregando canas-de-açúcar. Se, pois, o clima de Curitiba é bastante temperado, conquanto essa cidade esteja situada em paralelo pouco mais ao sul que o do Pôrto; se as plantas européias ali se aclimatam fàcilmente;

se as geadas aniquilam as bananeiras, os cafeeiros e a cana-de-açúcar, não é de duvidar seja a altitude da região a sua causa principal(7). Acredito, entretanto, que a distância do equador também muito influi na temperatura da região que se estende de Itu a Curitiba, porque, quanto mais nos aproximamos dessa última cidade, ou, melhor, caminhamos para o sul, tanto mais o clima se vai tornando frio. Como já deixei dito, os cafeeiros não vão muito além de Sorocaba; Itapetininga é mais ou menos o limite da cana-de-açúcar; Itapeva o das bananeiras; enfim, a Serra das Furnas o dos algodoeiros e dos ananases. Se sòmente a altitude influísse ali sôbre o clima, as plantas tropicais que crescem no alto da Serra das Furnas deveriam, com mais forte razão, crescer nas terras que lhe ficam abaixo, pois existe nesse local, uma depressão do solo, e, no entanto, ocorre o contrário.

Encontram-se no Pôrto as primeiras casas; por ali passa o rio Cubatão, que eu já havia visto quando descia a Serra, onde êle tem a sua nascente. Outrora, para se ir a Paranaguá, embarcava-se no Pôrto; ao tempo de minha viagem, porém, devido às cachoeiras existentes entre êsse povoado e a vila de Morretes, ora cidade, era nessa última localidade que se tomavam as embarcações. O Pôrto perdera a sua primitiva finalidade, mas conservou, pelo tempo adiante, o nome que lhe deram.

Deixando-se êsse povoado e olhando-se para trás, desfruta-se encantador panorama. Avistam-se as montanhas cobertas pelas matas que se acabam de atravessar; ao seu pé, ficam os casebres do povoado cercados de árvores copadas; e, após estas, o rio Cubatão que é bastante largo e desliza ràpidamente em seu leito pedregoso.

---

(7) Segundo o capitão King citado por D. P. MÜLLER (*Ensaio estatístico*, 7), a cidade de Curitiba está situada a 183 braças (402m6) acima do nível do mar.

No Pôrto tem comêço a planície paludosa denominada *Vargem*, como tôdas as que se lhe assemelham, e que inspiram aos almocreves o mesmo receio que têm em atravessar a Serra. De feito, essa planície coberta de mata é constituída de um lôdo pegajoso em que os animais atolam profundamente e de onde são retirados a muito custo. O caminho, em sua maior extensão, é bastante largo e margeia o rio; mas, em certos lugares, êle serpeia por entre as árvores pouco separadas umas das outras, e contra as quais a todo o instante esbarra a carga dos animais.

Parei na vila de Morretes, edificada em sítio agradável, na margem do rio Cubatão. O capitão-mor de Curitiba dera, antecipadamente, ao comandante da vila conhecimento de minha chegada e êste me preparara uma casa. Após haver-me instalado, recebi sua visita e, momentos depois, enviou-me um miliciano que êle queria que ficasse de sentinela à minha porta; eu, porém, o despedi, como já havia feito com o miliciano de Curitiba.

A princípio, Morretes era um povoado dependente do distrito da cidadezinha de Antonina, distante cêrca de duas léguas(8). Quando passei por ali, fazia mais ou menos oito anos que a haviam elevado a sede de paróquia, a qual, segundo me disse o vigário, se compunha de cêrca de mil comungantes. Os habitantes desta região, em sua maior parte mestiços de índios, brancos e mulatos, eram muito inclinados à prática do crime de homicídio; mas algum tempo antes de minha viagem, haviam sido tomadas severas medidas, de modo que os assassínios se tornaram menos freqüentes. A Assembléia Legislativa

---

(8) A cidade de Antonina que, no fim do último século, ainda dependia do distrito de Paranaguá, fica situada bem perto da embocadura de um rio que se lança no interior da baía de Paranaguá. Em 1822, a sua população era de 2 917 almas, e, em 1838, de 5 923. É mais saudável que Paranaguá; a sua lavoura é, principalmente, de arroz e mandioca (CASAL, *Corogr. Bras.*, I, 277; — PIZARRO, *Mem. Hist.*, VII, 312 (S.-H.), ou 8.º vol., t. I, 294, da ed. do Inst. Nac. do Livro (N. do T.); — MÜLLER, *Ensaio est., 59;* — MILLIET e MOURA, *Dicionário*, I, 59).

Provincial, por lei de 1.º de março de 1841(9), elevou Morretes à categoria de cidade, tendo em vista o grande aumento de sua população nos últimos anos e constituir um centro de comunicação de suma importância entre o planalto e o Pòrto de Paranaguá.

Morretes acha-se situada à margem do rio Cubatão(10), no ponto em que èste se torna navegável, e compunha-se, em 1820, de umas sessenta casas. A igreja foi construída no centro da vila, em uma colina da qual se desvenda belíssimo panorama: a Serra coberta de florestas sombrias, a região plana que se estende abaixo dela, e o rio Cubatão. O conjunto da paisagem muito se assemelha ao dos arredores do Rio de Janeiro, e nada, absolutamente nada, nos recorda ali o aspecto severo das cercanais de Curitiba ou dos Campos Gerais.

A região entre a Serra de Paranaguá e a cidade do mesmo nome, é plana e úmida; mas, segundo me disseram, parece que a parte da planície em que se acha situada Morretes ainda é mais úmida. Informaram-me os moradores mais notáveis, que ali chove continuamente; o milho embolora nas espigas, antes de amadurecer e as raízes de mandioca apodrecem antes da época de arrancá-las. A cultura do arroz é a mais apropriada a essas terras; entretanto, também plantam café e cana-de-açúcar, mas aproveitam esta última sòmente no fabrico de rapaduras(11)

---

(9) MILLIET e Lopes de MOURA, *Dicionário*, II, 123.

(10) Os autores do útil *Dicionário do Brasil* dizem que o Rio do Cubatão deságua na baía de Paranaguá, sem banhar nenhuma cidade e nenhuma vila (*Dic.*, I, 309), acrescentando que é o Nhundiaquara que passa por Morretes (II, 123). Ignoro se o rio em cuja margem se acha situada essa localidade tinha originàriamente o nome de Nhundiaquara; mas é incontestável que hoje geralmente, o chamam de Rio do Cubatão, e é por êste último nome que êle é designado no *Ensaio estatístico* de D. P. MÜLLER.

(11) Já me referi às *rapaduras* em minhas obras, por diversas vêzes; trata-se de uma espécie de *tablettes, quadradas* e espêssas, feitas do mel grosso do açúcar. Os hispano-americanos dizem *raspaduras*, de raspar, porque, para poder-se comê-las, devem antes ser *raspadas; rapaduras* é, evidentemente, alteração de *raspaduras*.

e aguardente. O algodão que se colhe nos arredores de Morretes é de inferior qualidade, como o de tôda a região extratropical do Brasil.

A navegação do rio Cubatão estava arrendada pelo fisco. As mercadorias transportadas de Paranaguá para Morretes e vice-versa, pagavam $030 (18 c.) por arroba (14 kg 7). Elas eram pesadas em Morretes; desde, porém, que o proprietário o desejasse, podia pagar a taxa de transporte em Paranaguá. Durante muito tempo, apenas dois milicianos estiveram encarregados de proteger a navegação; mas, recentemente, um oficial superior do comando de Paranaguá reforçara essa guarda, a fim de que a ordem fôsse mantida mais seguramente.

No dia seguinte ao de minha chegada a Morretes, choveu durante tôda a manhã e, assim, resolvi adiar a minha partida. Êsse retardamento, entretanto, muito me aborreceu em razão de um lugar-tenente de Paranaguá, a quem ia recomendado, sabendo que eu chegaria dentro em breve, enviara a Morretes, com muitos dias de antecedência, uma canoa tripulada por dois remeiros, e, com a minha demora, estava-o privando de sua embarcação e de seus homens. Pelas duas horas, entretanto, êstes apareceram em minha casa e disseram-me que o tempo permitiria descer o rio algumas léguas. O arrendatário da navegação do rio emprestou-me também uma canoa e eu deixei Morretes.

Não era sòmente por via fluvial que se ia de Morretes a Paranaguá. Podia-se também seguir um caminho que ia de uma a outra localidade; como, porém, êle atravessasse brejais e matas eriçadas de espinhos, difìcilmente se conduziriam por ali animais carregados, de modo que ùnicamente pedestres e tropas de gados dêle se utilizavam.

Até Camiça, numa extensão de duas léguas, o rio Cubatão, em que eu navegava, pode ter a largura dos nossos rios de terceira ou quarta ordem, e atravessa uma

região bastante plana, fazendo enormes curvas. A mata chega até as suas margens; diversas espécies de lianas revestem os troncos das árvores e pendem sôbre a superfície das águas. Entre os grandes vegetais que margeiam o Cubatão, notei numerosas palmeiras e a *Cecropia* (imbaúba), que não me recordo ter visto nos Campos Gerais. Uma planta também muito comum nas margens dêsse rio é a Gramínea gigantesca de fôlhas dispostas em duas ordens, de panícula longa e ondulante, que se encontra freqüentemente nos arredores do Rio de Janeiro e a que dão o nome de *ubá* ou *cana-brava.* Existem nas proximidades do Cubatão muitas plantações de arroz, pertencentes aos proprietários dos pequenos sítios que, de quando em quando, se avistam do rio, quebrando a monotonia da paisagem.

Era permitido a êsses proprietários possuírem canoas; mas não podiam servir-se delas na condução de mercadorias que deviam ir de Paranaguá para Curitiba ou vice-versa. Entretanto, quando êles mesmos tinham muita necessidade de fazer qualquer transporte, nada se lhes opunha, uma vez pagassem aos arrendatários a retribuição a que êstes fariam jus se o transporte fôsse feito em suas embarcações e pela sua gente.

Como já era tarde quando chegamos ao sítio denominado Camiça e o tempo estivesse ameaçador, resolvemos pernoitar nesse lugar. O proprietário ausentara-se e levara consigo a chave da casa; assim, instalei-me num alpendre coberto de fôlhas de palmeiras, e que servia de alojamento aos escravos.

Partimos ao amanhecer, a fim de aproveitar a maré.

Na extensão de cêrca de uma légua, a água ainda é doce, tornando-se salgada à medida que o rio, pouco a pouco, se alarga. A vegetação também é diferente. Daí em diante, só vi, à margem do rio, mangue vermelho, *Avicennias* e alguns outros arbustos que crescem geral-

mente em terrenos baixos e pantanosos, nas proximidades do mar. Uma infinidade de pássaros aquáticos de diversas espécies andavam à cata de alimentos, na lama, em meio do mangue, entre os quais se destacava o guará (*Ibis rubra*), que voa em bandos e cuja plumagem côr de fogo produz no ar encantador efeito.

Pela tarde, a chuva caiu torrencialmente, até chegarmos a Paranaguá. Essas chuvas incessantes eram o meu tormento, pois impediam-me de herborizar e o pouco que eu havia colhido fazia algum tempo, não secava e tudo o que se encontrava em minhas malas se deteriorava.

Após haver descido o rio cêrca de quatro léguas, desde o sítio em que eu embarcara, entrei finalmente na baía de Paranaguá e costeei diversas ilhotas. Passando entre a extremidade ocidental da maior de tôdas, chamada Cotinga, e a terra firme, que ficava à direita, cheguei à embocadura do riacho chamado Rio de Paranaguá, desembarcando pouco depois na cidade do mesmo nome, defronte da qual se achavam fundeadas diversas lanchas e sumacas, embarcações de pequena tonelagem.

CAPÍTULO VIII

A cidade de Paranaguá.

História da cidade de Paranaguá. — A baía do mesmo nome. — Posição da cidade; casas; ruas; igrejas; antigo convento dos jesuítas; escolas; comércio; explorações. — Clima; insalubridade; comedores de terra. — População do distrito de Paranaguá. — Sua milícia; as ordenanças. — Sua produção — Método empregado na exploração das matas. — O marechal comandante de Paranaguá. — Meio de tornar transitável o caminho da Serra. — Costumes pouco agradáveis. — Encontro com um estrangeiro. — Arredores de Paranaguá. — A ilha da Cotinga; um velho alemão. — A capela do Rossio; um passeio encantador. — A sexta-feira santa.

Onde se acha assentada a cidade de Paranaguá foi o primeiro lugar em que se verificou a existência de ouro no Brasil. Antes do ano de 1578[1], alguns aventureiros paulistas encontraram terrenos auríferos nessa região e começaram a explorá-los. Parece, entretanto, que as pesquisas não deram grande resultado, pois, em 1613, tinham como inteiramente nova a descoberta feita por êsse tempo, de minas em Paranaguá, sendo de duvidar que elas houvessem sido exploradas antes e mesmo depois do estabelecimento da então vila dêsse nome. Segundo Gaspar da

---

(1) Pizarro, *Mem. Hist.*, VIII, 311, e II, 114 — (S. — H.) —, ou 8.º vol., t. I, 253, e 2.º vol., 96, da citada edição do Inst. Nac. do Livro — (N. do t.).

Madre de Deus, foi Gabriel de Lara quem lançou os fundamentos da mencionada vila, pouco antes do ano de 1653, e, segundo Pizarro, coube êsse feito a Teodoro Ébano Pereira, oficial da marinha real(2). As minas de

---

(2) PIZARRO, Pedro TAQUES, MÜLLER e MARTIUS consideram Ébano como tendo sido o fundador de Paranaguá, mas estão em desacôrdo sôbre a data em que o fato teria ocorrido; os dois primeiros admitem o ano de 1648 e os outros o de 1640. Se Teodoro Ébano Pereira houvesse fundado Paranaguá em 1648, seria de convir que logo depois se tivesse aventurado a transpor a Serra e, em 1654, viesse a fundar, sem mais delongas, outra vila, a de Curitiba (ver a nota 3 do cap. VI), o que não é muito verossímil. O autor das *Memórias Históricas* dá como fundador de ambas as vilas *Teodoro Ébano Pereira;* segundo MÜLLER, o fundador de Curitiba chamar-se-ia *Heliodoro Ébano Pereira*, e o de Paranaguá, simplesmente *Heliodoro Pereira;* a obra de Pedro TAQUES fala em *Leodoro Ébano Pereira;* finalmente, o rei de Portugal, em carta datada de 1651, diz que recebera amostras extraídas de minas descobertas perto de Paranaguá por *Teotônio do Ébano*. O essencial seria proceder-se a investigações nos arquivos da comarca de Curitiba; talvez se encontrem ali documentos que venham dissipar tôdas as dúvidas — (S. — H.). — Ermelino de LEÃO (*Dic. Hist. e Geogr. do Paraná*, Emprêsa Gráfica Paranaense, Curitiba, 1926, vol. II, fasc. II, 730), e Francisco NEGRÃO (*Genealogia Paranaense*, Impressora Paranaense, Curitiba, 1926, vol. 1.º, 49), como Frei Gaspar da MADRE DE DEUS (*Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*, 3.ª ed., Weiszflog Irmãos, S. Paulo e Rio, 1920, 297/298), atribuem a fundação de Paranaguá a Gabriel de Lara. Quanto à fundação de Curitiba por Heliodoro Ébano, diz Francisco NEGRÃO em nota à *Memória Histórica, etc. da Cidade de Paranaguá e do seu Município*, por Antônio Vieira dos Santos, Tip. da "Livraria Mundial", Curitiba, 1922, 17/18, — que "o Capitão de Canoas de guerra Eleodoro d'Ébano (chamado pelo autor Teodoro de Ébano Pereira), não foi povoador de Paranaguá nem tampouco de Curitiba", acrescentando que, a 4 de março de 1649, quando Eleodoro d'Ébano se apresentou a Gabriel de Lara, com o encargo de examinar as minas descobertas e as que se viessem a descobrir, "já encontrou Paranaguá com predicamento de vila e com as autoridades eleitas a 26 de dezembro de 1648 e empossadas a 9 de janeiro de 1649, em virtude da autorização régia em carta de 29 de julho de 1648". — Com relação a Curitiba, Francisco NEGRÃO dá a entender que fôra Miguel Mateus Leme seu fundador (*Genealogia Paranaense*, vol. citado, 63, 78 e 80), contràriamente ao que afirma Ermelino de LEÃO, apoiado em Pedro TAQUES. — Segundo o mesmo Ermelino de LEÃO, existiram dois Heliodoro Ébano, pai e filho. Foi o primeiro quem fundou não só Curitiba como Iguape e Paranaguá; e, achando o citado historiador paranaense impossível fixar a data em que teria ocorrido o acontecimento, conjetura, entretanto, que poderia êle haver-se dado "em fins do século XVI", pois Ébano sênior viera ao Sul incumbido de procurar terras auríferas e, conforme vários cronistas, "em 1578, as lavras de ouro de Paranaguá floresciam dando pingue remuneração aos mineiros". Teria sido o segundo Heliodoro Ébano quem, pelo ano de 1649, se apresentara a Gabriel de Lara, em Paranaguá, com o encargo de examinar as minas de ouro ali existentes e as que viessem a ser exploradas (Ermelino de LEÃO, *op. cit.*, vol. II, fasc. I, 459, e fasc. III, 825/830) — (N. do t.).

Paranaguá forneceram ouro durante certo tempo, talvez em apreciável quantidade, pois o govêrno chegara a criar ali uma casa de fundição, estabelecimento que, conforme Casal, ainda existia em 1817(3). A êsse tempo, porém, já seria inútil uma casa que se destinasse a fundir ouro, visto que, três anos depois, em 1820, ninguém em Paranáguá me falou em suas minas, e nem Francisco de Paula e Silva Gomes, interessado em enaltecer as riquezas de sua terra, nem Daniel Pedro Müller, a elas fazem qualquer menção.

Começavam em Paranaguá as 40 léguas que constituíam a parte mais meridional da antiga capitania de Santo Amaro. Logo depois de sua fundação, achou-se essa vila envolvida em querelas, hoje tão difíceis de compreender, entre os herdeiros de Pero Lopes de Sousa, donatário da capitania de Santo Amaro, e os de Martim Afonso, donatário da de São Vicente. Após importantíssimo processo, o conde de Monsanto entrara na posse da herança de Pero Lopes, tendo o seu procurador também ocupado São Vicente. Expulso dessa vila, o herdeiro de Martim Afonso erigiu em capitania a vila de Itanhaém, que ainda lhe restava. O marquês de Cascais, representante dos direitos de Pero Lopes, teve então, por sua vez, a idéia de fazer de Paranaguá a sede de uma capitania; mas essa medida, assaz ridícula, não veio a efetivar-se(4).

Quando a Província de São Paulo foi dividida em duas comarcas, a do Norte e a do Sul, escolheram a vila de Paranaguá para sede da última. Porém, como já tive ensejo de dizer, ela conservou essa prerrogativa apenas

---

(3) *Corogr. Bras.*, I, 217.

(4) Parece-me que MILLIET e Lopes de MOURA (*Dic.*, II, 236) discordam inteiramente de Frei Gaspar da MADRE DE DEUS (*Mem. S. Vicente*, 185 — S.-H. —, ou págs. 274, 298 e 334 da citada 3.ª ed. — N. do T.) e de Pedro TAQUES (*História da Capitania de S. Vicente*, in *Rev. Trim.*, 1848), acêrca dêsses fatos. É a êstes últimos, seguros conhecedores da história da capitania de S. Vicente, que eu creio dever seguir aqui.

até 1812; nesse ano, a residência do ouvidor foi transferida para Curitiba, que se tornou a verdadeira sede da Comarca, e para consôlo dos habitantes de Paranaguá, incluíram o nome da vila no da comarca. Chegaram a ter o cuidado de colocá-lo em primeiro lugar, escrevendo-se nos atos oficiais — *Comarca de Paranaguá e Curitiba.*

Ao estabelecer-se o regime constitucional, foram tomadas ainda maiores precauções no sentido de impedir que surgissem rivalidades sempre desagradáveis entre as vilas ou cidades. Prudentemente, resolveram designar as comarcas por simples números; a antiga Comarca de Paranaguá e Curitiba tornou-se a quinta comarca e, ao mesmo tempo, elevaram as duas vilas à categoria de cidade.

Entre o Oceano e a Serra de Paranaguá, que faz parte da Cordilheira Marítima, estende-se uma planície de 12 a 15 léguas de largura, baixa, pantanosa, coberta de mata e atravessada em tòda a sua extensão por grande número de rios que nasecem na Serra e dos quais o Cubatão é o mais caudaloso. Sem dúvida, essa planície era outrora coberta pelas águas do mar, que se retiraram a pouco e pouco, e as terras, que as chuvas arrastaram dos morros, foram-se acumulando e elevando contìnuamente. O ouro, que em outros tempos encontravam em Paranaguá, tinha provàvelmente sua verdadeira jazida na Serra, e ali é que talvez se deveriam hoje proceder a pesquisas.

Os numerosos rios que banham a planície, deságuam numa baía de forma bastante irregular, com muitas enseadas e semeada de ilhas. Tem ela, segundo dizem, 7 léguas de comprimento de leste a oeste, por 3 léguas em sua maior largura(5). Os antigos habitantes deram a

---

(5) CASAL, *Corogr. Bras.*, I, 215.

essa baía a denominação de *Paranaguá*(6), na língua dos índios, significa o *mar pacífico*. Realmente, merece ela êste nome, pois é muito bem abrigada(7). Os portuguêses, unindo palavras que não deviam encontrar-se juntas, diziam *Baía de Paranaguá*, e o nome de Paranaguá foi aplicado à vila que fundaram perto da baía, ao rio ou braço-de-mar que se estende abaixo dela, a tòda a região (distrito de Paranaguá) e às montanhas que a limitam.

Pode entrar-se na baía por três diferentes canais, ou barras, formadas pela terra firme e duas ilhas: a ilha das Peças, ao norte, e a ilha do Mel, ao sul. O melhor canal e o mais freqüentado passa entre as duas ilhas e tem o nome de *Barra Grande*. O outro, devido à sua posição, recebeu o nome de *Barra do Sul*(8), e limita pelo lado oposto à ilha do Mel, com a parte da terra firme denominada *Pontal de Paranaguá*. Navios de grande tonelagem não franqueiam a barra; mas as pequenas embarcações a que os portuguêses dão os nomes de lanchas e sumacas, assim como os bergantins e os pequenos brigues, podem entrar na baía e fundear diante da cidade, que fica situada defronte da extremidade ocidental da ilha da

---

(6) Indubitàvelmente, deve-se escrever *Paranaguá* (vide a nota 5 do cap. V); todos, porém, no país pronunciam *Parnaguá*, e Fr. Gaspar da Madre de Deus, como Pedro Taques (*Memórias*), repetidamente grafa a aludida denominação de acôrdo com essa pronúncia.

(7) Afigura-se-me evidente que o *Rio de Santo Antônio*, referido na preciosa obra do velho Gabriel (Soares) de Sousa, intitulada *Notícias do Brasil* (in *Not. ultram.*, 1.ª parte, 86), é a baía de Paranaguá, como o *Rio Alagado*, também por êle citado, é a baía de Guaratuba, sôbre a qual falarei mais adiante. — (S. — H.) — A obra de Gabriel Soares mencionada por S. — H., é o mesmo *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, cuja 3.ª ed. foi publicada pela Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1938, na série "Brasiliana". — (N. do t.) — Os primeiros navegadores tomaram por embocaduras de rios as grandes porções de mar que êles viam entrar pela terra, e daí, além dos nomes que acabo de citar, os de *Rio de Janeiro* e *Rio do Espírito Santo;* mas logo que se formaram estabelecimentos fixos em Paranaguá e Guaratuba, os novos colonos adotaram os nomes impostos pelos indígenas, e os que os navegantes haviam dado, por assim dizer — de passagem, foram esquecidos.

(8) Manoel Aires de Casal (*Corogr. Bras.*, I, 215) dá o nome de *Ibupetuba* ou *Barra Falsa* à entrada meridional.

Cotinga, a algumas centenas de passos da embocadura do ribeiro chamado *rio de Paranaguá*, e pouco acima do nível dêsse ribeiro(9).

Quando se chega do interior, onde as casas das vilas e cidades são inteiramente feitas de pau-a-pique, e entra-se em Paranaguá, fica-se surpreendido em verificar que tôdas as casas e todos os edifícios públicos são construídos de pedra.

A cidade compõe-se de algumas ruas que se estendem paralelamente ao rio e são cortadas por outras menores. As primeiras são geralmente largas e bem alinhadas; apesar de não terem tido o cuidado de calçá-las, as mesmas não ficam enlameadas, em virtude de o terreno ser arenoso.

As casas parecem, em geral bem conservadas, mas quase tôdas são térreas.

Em Paranaguá não existe praça pública.

Possui três igrejas: duas sem grande importância e a igreja paroquial. Esta, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, é mais larga que a maior parte das que até então eu vira no Brasil.

A casa da câmara é um edifício espaçoso, de um só andar, e faz frente para o rio. Segundo o uso, o pavimento térreo serve de cadeia.

Os jesuítas tinham um convento em Paranaguá. O prédio ainda existe; mas é bem de ver que êsses padres não dispensaram à sua casa ali o mesmo cuidado que tiveram com a maior parte dos edifícios por êles construídos em outros lugares. É um prédio enorme, muito feio e irregular. Por ocasião de minha viagem, servia

---

(9) CASAL, seguido por MILLIET e Lopes de MOURA, situa Paranaguá à margem da própria baía, e PIZARRO à margem de um braço de mar que se comunicaria com a baía (*Corogr. Bras.*, I, 226; — *Dic. Bras.*, II, 236; — *Mem. Hist.*, VII, 311 — S. — H. —, ou 8.º vol., tomo I, 292, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livo — N. do T.). O engano do último dos mencionados autores encontra-se na palavra *braço*, freqüentemente empregada para designar os afluentes menos importantes de um rio.

de residência ao vigário e não cuidavam de sua conservação. Müller informa-nos(10) que, mais recentemente, repararam uma parte para ali instalar um quartel, e diz Milliet que agora nêle se acha a alfandega([11]).

Em 1847, havia em Paranaguá dois professôres e uma professôra do ensino primário, que administravam a instrução a 136 alunos os primeiros, e a 29 a segunda([12]). Já antes de 1820, tinha-se estabelecido na vila um professor de latim, que agora é também obrigado a ensinar o francês([13]).

Segundo Müller, fundou-se em Paranaguá uma sociedade dita patriótica e protetora; mais tarde, porém, tiveram o bom senso de transformá-la em *casa de misericórdia*, denominação que evoca idéias mais enternecedoras que aquela que haviam adotado anteriormente. Não querendo ficar abaixo de suas congêneres de São Paulo e Santos, a casa de misericórdia de Paranaguá, reconhecida pelo govêrno provincial, já se dedicava, em 1838, ao tratamento dos marítimos doentes e em socorrer os indigentes, por meio de esmolas([14]).

Existem em Paranaguá muitas vendas e lojas bem sortidas. Os negociantes fornecem-se no Rio de Janeiro das mercadorias de que necessitam, e exportam para essa cidade, bem como para o Sul, arroz, cal de cascas de mariscos, grande quantidade de tábuas, principalmente de peroba e canela preta, erva-mate, cordas feitas com uma espécie de liana chamada cipó-imbé, ou com fôlhas de Bromeliáceas, e, finalmente, diversas miudezas. Indu-

---

(10) *Ensaio estatístico*, 58.

(11) *Dicionário*, II, 237. — Lê-se também na mesma obra, que Paranaguá possui atualmente um teatro.

(12) *Discurso recitado pelo marechal de campo Manoel da Fonseca Lima e Silva, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial*

(13) L. c.

(14) *Ensaio estatístico*, tab. 19.

bitàvelmente, o comércio de Paranaguá se tornará mais tarde importante quando o caminho da Serra fôr melhorado e a agricultura se tornar mais florescente nos Campos Gerais. A despeito da dificuldade sempre existente de transportes, e de não estimular-se devidamente o desenvolvimento da região, tem havido ali, desde o começo do século, sensível progresso. De 1805 a 1807, a exportação de Paranaguá, de produtos não sòmente do distrito da cidade, mas ainda de outras zonas da comarca de Curitiba, havia sido avaliada(15) em 51:482$530, e sòmente no ano financeiro de 1835 a 1836, elevou-se a 197:900$470(16).

Por ocasião de minha viagem, calculava-se que cêrca de cinqüenta pequenos navios freqüentavam anualmente o pôrto de Paranaguá; em 1836, o número de barcos ali entrados elevara-se a cento e trinta e quatro(17), contando-se entre êles um dinamarquês, um francês, um português, um inglês, um montevideano e um chileno. É muito possível que, no comêço do século, Paranaguá mantivesse relações comerciais apenas com outros portos do Brasil e, quando muito, com o Rio da Prata; em 1836, saíram dali navios não sòmente para êsses portos, mas ainda para o Chile e a costa da África(18). Entre as embarcações que, em 1829, freqüentaram o pôrto de Paranaguá, havia uma dúzia que pertencia aos habitantes da região; certo, êste número não estacionou, mas não saberei dizer a quanto se eleva atualmente.

Os gêneros de exportação são hoje mais ou menos os mesmos do comêço do século; é de notar, no entanto, que então saíam de Paranaguá trigo em grão e farinha

---

(15) PIZARRO, *Mem. hist.*, VIII, 276 — (S. — H.) —, ou 8.º vol., t. I, 257, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livro — (N. do t.).

(16) MÜLLER, *Ensaio est.*, tab. 12.

(17) MÜLLER, *Ensaio est.*, tab. 17.

(18) MÜLLER, *Ensaio est.*, tab. 17.

de trigo, e hoje não é exportado por ali nenhum dêsses produtos(19). Talvez não seja difícil explicar-se essa mudança. Nos anos posteriores a 1800, o preço excessivamente baixo do gado teria forçado os proprietários de terras do distrito de Curitiba a procurar outros recursos fora da pecuária. Então, as leis portuguêsas e a guerra tornavam difícil a entrada do trigo estrangeiro no Brasil; os curitibanos cultivaram o trigo intensivamente e diz-se até que chegaram a instalar elevado número de moinhos nas proximidades de São José dos Pinhais(20). Mas, logo que a Província do Rio Grande do Sul deixou de enviar gado para o Rio de Janeiro, o de Curitiba começou a ser muito procurado, tendo o seu valor quadruplicado. Quando o trigo estrangeiro de ótima qualidade pôde chegar sem dificuldades e vender-se por preço razoável, os curitibanos, que haviam deixado degenerar a qualidade de seu trigo(21), procuraram naturalmente aumentar os seus rebanhos e abandonaram a cultura do trigo, que lhes dava mais trabalho e menor compensação.

Ignoro a que soma se eleva cada um dos artigos exportados por Paranaguá, em 1805 e em 1820; mas informa-nos D. P. Müller que, em 1835, foram exportadas, como já tive ocasião de dizer, 84 602 arrôbas de erva-mate no valor de 192:204$000, além de 27 950 alqueires de arroz (111 800 litros), no valor de 6:149$000; madeira de construção no valor de 3:591$320; carne no valor de 8:504$000; cal no valor de 1:607$600. Nenhum dos outros artigos, tecidos de algodão, fumo em corda, feijão, farinha de mandioca, atingiu a somas tão elevadas.

---

(19) Pizarro, *Mem. hist.*, VIII, 276 — (S. — H.) —, ou 8.º vol., t. I, 257, da cit. ed. do Inst. Nac. do Livro — (N. do t.). — Müller, *Ensaio*, tab. 12.

(20) Casal, *Corogr. Bras.*, I, 229.

(21) Müller registra como tendo sido sòmente de 10 alqueires a quantidade de trigo colhida em 1837 no distrito de Curitiba, nada dizendo sôbre a produção dos distritos de Castro e da Lapa (*Ensaio est.*, tab. 3).

Demais, conquanto o valor das exportações, em 1836, tenha sido considerável, foi êle ultrapassado em ...... 168:047$899 pelo das importações, que consistiram quase inteiramente de mercadorias européias. Todavia, não devemos esquecer-nos que as exportações da comarca de Curitiba não se restringem aos gêneros que saem por Paranaguá. Essa comarca exporta por terra para as regiões mais setentrionais, bovinos, eqüinos, tecidos e pelegos, e, se pudéssemos avaliar tudo o que sai de seu território, verificaríamos, certamente, que ela fornece para fora muito mais do que recebe.

Voltemos à descrição de Paranaguá, interrompida por estas considerações gerais.

Certamente, é esta cidadezinha uma das mais belas por mim visitadas desde que me achava no Brasil; mas faz ali tanto calor como no Rio de Janeiro; os vapôres que se levantam dos brejos próximos tornam o ar extremamente insalubre, e a água potável fornecida por uma das fontes afastada das casas algumas centenas de passos, é péssima. Quando se vem dos Campos Gerais, o calor que se sente aqui parece insuportável, e após ter-se respirado o ar puro dos belos campos do distrito de Curitiba, dificilmente a gente se habitua ao cheiro de vasa que paira nessa parte do litoral. Fica-se surpreendido, logo que se chega a Paranaguá, com o aspecto doentio e a côr amarelada da gente do povo e das crianças. Os negociantes, que constituem a primeira classe da sociedade, alimentam-se melhor que os menos remediados e sofrem menos as conseqüências da insalubridade do clima; mas parece que não escapam à influência do calor, pois os vemos indolentemente debruçados sôbre o balcão de seus estabelecimentos, esperando que apareça algum freguês.

Aqui e em Guaratuba, pequeno pôrto a que me referirei mais adiante, encontram-se muitas pessoas que têm o vício de comer terra; os que são atingidos por essa espécie

de doença, tornam-se amarelos, suas vísceras ficam obstruídas e acabam morrendo. Por isso, quando alguém compra escravos, tem o cuidado de se informar se êles comem terra. Êsse gòsto depravado transforma-se freqüentemente em desejo que não conhece limites; têm-se visto negros, açaimados pelos seus senhores, rolarem pelo chão a fim de aspirar-lhe o pó. Os comedores de terra preferem a que é tirada dos ninhos de cupim, e há pessoas que mandam os escravos procurar fragmentos de cupinzeiros, preparando com êles delicioso manjar... Êsses homens também apreciam pedaços de louças de barro, principalmente das procedentes da Bahia. Sobretudo os rapazes são ávidos por essas louças e chegam a quebrá-las para terem o prazer de as comer(22). O vigário de Guaratuba fazia dêsse gôsto extravagante de seus paroquianos um caso de consciência, e não sem razão, pois aquêles que se entregam a êsse vício vão-se envenenando voluntàriamente. Êle mesmo contou-me que nunca confessava um escravo ou qualquer outra pessoa sem perguntar-lhe, primeiramente, se não comia terra, pedaços de louças de barro ou de ninhos de cupim, e um pilôto estrangeiro, que o procurara pela Páscoa, ficara deveras surpreendido ao ouvir as mesmas habituais perguntas.

Até os últimos tempos, o distrito de Paranaguá limitava ao norte, com o de Cananéia; ao sul, com Guaratuba; a leste, com o mar; e a oeste, com os distritos de Curitiba e Antonina. Agora que as terras de Morretes foram separadas das de Antonina, naturalmente dever-se-á incluí-las nos limites ocidentais do distrito de Paranaguá, cuja extensão é de cêrca de 20 léguas, de norte a sul, e de 6, de oeste a leste. A sua população era, em

(22) Ver o *Aperçu de mon voyage au Brésil* e a *Introduction à l'histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*, XLIV.

1820, de 5 000 almas, mais ou menos([23]), e, segundo D.P. Müller, em 1838 elevava-se a 8.891.

Enquanto nos distritos de Curitiba e Castro os homens são realmente brancos, existe na cidade de Paranaguá grande número de indivíduos que parecem brancos à primeira vista, mas devem a sua origem a uma mistura de índios com portuguêses. Êsses mestiços distinguem-se talvez mais fàcilmente ainda que os de Itapeva e Itapetininga, dos homens que, certamente, não pertencem à nossa raça, e são designados pelo nome de *caboclos* em outras partes da Província de São Paulo, e que é um diminutivo de *caboco*, apelido injurioso aplicado aos indígenas em diversas Províncias do Brasil. É de acreditar que a origem dos mestiços de Paranaguá remonte à época em que os paulistas chegaram pela primeira vez a esta parte do litoral; êsses aventureiros não levavam mulheres nos seus bandos, e os índios da costa, de boa vontade, travavam relações com êles. Os antepassados dos curitibanos, ao contrário, foram para ali com suas famílias; sem dúvida, não havia índios na região em que se estabeleceram, ou, então, os antigos habitantes teriam fugido à aproximação dos novos povoadores.

Os quadros seguintes, conquanto de números aproximativos, dar-nos-ão, sem a menor dúvida, uma idéia do movimento da população no distrito de Paranaguá, e nos sugerirão algumas considerações interessantes. Lembrarei que nas épocas a que nos vamos reportar, a extensão territorial do distrito era a mesma.

O aumento da população tomado em seu conjunto, foi, mais ou menos, no mesmo espaço de tempo, maior em Paranaguá que em Curitiba. No primeiro dêsses dis-

---

(23) Segundo Spix e Martius, como veremos mais adiante, a população do distrito, em 1815, era de 5 801 almas, e segundo Pizarro, a população da paróquia, em 1822, era de 5 677 almas; seria uma diferença bem singular se os dois números fôssem exatos e as áreas da paróquia e do distrito fôssem absolutamente iguais.

1815		*1838*	
1 858 brancos	3 825	2 436 brancos	4 898
1 967 brancas		2 462 brancas	
249 mulatos livres .	541	1 162 mulatos livres ..	2 309
292 mulatas livres .		1 147 mulatas livres ..	
174 negros livres ..	362	20 negros livres ...	45
188 negras livres ..		25 negras livres ...	
Indivíduos livres .	4 728	Indivíduos livres .	7 252
357 negros	684	636 negros	1 281
327 negras		645 negras	
177 mulatos	389	158 mulatos	358
212 mulatas		200 mulatas	
Escravos	1 073	Escravos	1 639
Total (24)	5 801	*Total* (25)	8 891

tritos foi êle de 1 para 1,53, e no segundo, de 1 para 1,46; mas existe uma diferença infinitamente maior na maneira como o aumento se dividiu entre as diversas castas. Efetivamente, em Curitiba foi, entre os brancos, de 1 para 1,50 e entre os mulatos, de 1 para 1,35 ao passo que em Paranaguá os brancos aumentaram na proporção de 1 para 1,28 e os mulatos na de 1 para 4,26. A diferença que assinalo aqui, singular na aparência, tem duas causas: primeiramente, é que há menos libertinagem em Curitiba que em Paranaguá, pôrto de mar e região muito quente, onde o número de homens casados é de menos de um têrço, devendo ser, por conseguinte, nesta última cidade, as uniões ilegítimas de brancos com mulatas muito mais freqüentes que na primeira; ocorre ainda que os mulatos, operários, marinheiros, pescadores, não emigram para Curitiba, de difícil acesso e onde não existem as condições de vida que lhes convenham, ao passo que não encontram

---

(24) SPIX, MART., *Reise*, I, 238.

(25) MÜLLER, *Ens. cont. do apêndice a*, tab. 5.

dificuldades em se transportarem para Paranaguá, onde podem exercer suas profissões com mais vantagem, o que não aconteceria até nos pequenos portos da costa, depois de Santos. Também é fácil explicar porque o número de negros escravos se tornou, em vinte e três anos, menos considerável no distrito de Curitiba que no de Paranaguá: no planalto criam-se reses e não há tanta necessidade de escravos como no litoral, onde se cultiva a terra; os brancos não se envergonham de trabalhar e temem menos o trabalho porque ali não é tão quente como no litoral. Por outro lado, como Paranaguá se tornou o centro do comércio de tôda a região, deve essa cidade ser mais rica que Curitiba; ora, nas regiões em que se admite a escravatura, o aumento do número de escravos está necessàriamente, na razão direta dessa riqueza.

Já tive oportunidade de dizer que a milícia da comarca de Curitiba era constituída de dois regimentos: um de cavalaria composto de proprietários de cavalos, que viviam serra acima, e outro de infantaria que compreendia os habitantes do litoral. Era o distrito de Paranaguá que, naturalmente, devia fornecer o maior contingente de milicianos a pé. Um governador militar comandava todo o regimento, cujos homens eram chamados, alternadamente, para o serviço da praça; êstes, entretanto, não podiam ser requisitados para servirem como remadores. Os soldados das ordenanças, milícia inferior composta de diferentes espécies de mestiços, eram os únicos obrigados a fazer o serviço das embarcações empregadas no serviço real; por isso, os verdadeiros milicianos tinham o cuidado de usar em seus chapéus o pequeno tope vermelho e azul, que era o seu distintivo.

Na conformidade do que eu disse precedentemente, é claro que o distrito de Paranaguá deve ser, em tôda a sua extensão, coberto de matas, baixo e alagadiço, como nos arredores da cidade. As bananeiras são comuns e

saboreiam-se ali excelentes ananases e boas laranjas; a cana-de-açúcar é cultivada com êxito; o cafeeiro produz frutos, mas de inferior qualidade, porque esta planta só se dá bem nos pendores dos morros e das serras; o algodão que cresce admiràvelmente em terreno sêco e revolvido, é de qualidade ainda inferior à do café. De tôdas as árvores frutíferas da Europa, sòmente os pessegueiros dão frutos, ao passo que as macieiras, as ameixeiras, os abricoteiros, etc., produzem com abundância na parte correspondente do planalto.

Como já declarei, a madeira preparada era, para Paranaguá, importante artigo de exportação. As árvores de que extraem as tábuas, são derrubadas como na Província do Espírito Santo([26]). Escolhem-nas em meio das matas e abatem-nas na altura de 6 a 10 decímetros do solo. Assim, elas não tornam a brotar, sendo, evidentemente, destruídas as espécies mais úteis. Certo, não desejarei que, por causa de algumas árvores, se dêem ao trabalho de derrubar tôda uma floresta, cuja madeira não tenha utilidade; mas, pelo menos, deviam, como na Europa, cortar cerce as árvores que se queiram reduzir a tábuas, e, ao mesmo tempo, limpar o terreno em tôrno, a fim de que as lianas e outros vegetais não impeçam o desenvolvimento dos novos rebentos. Se êste livro cair nas mãos de algum proprietário de terras brasileiro, naturalmente achará graça de meus conselhos... Entretanto, seus netos apenas encontrarão alguns velhos móveis feitos das madeiras preciosas que poderiam enriquecê-los.

Quando cheguei a Paranaguá, fizeram-me desembarcar defronte da casa do capitão-mor, que veio ao meu encontro. Recebeu-me friamente e logo me levou para a casa que me havia destinado e a qual, pelo menos,

---

(26) Ver minha obra *Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil*, II, 88 — (S.-H.) —, ou a cit. trad. — (N. do T.).

possuía tôdas as comodidades que um viajante poderia desejar.

Após haver mudado de roupa, fui visitar um marechal de-campo que, na ocasião em que temiam um ataque dos espanhóis, tinham enviado para Paranaguá, a fim de defender a costa. Era um homem idoso, alegre e civilizado, que parecia desejar sinceramente o bem de sua terra. Logo que chegou a Paranaguá, tratou de remediar as falhas que apresentava o policiamento, infelizmente muito numerosas em todo o distrito; assegurou a subsistência dos habitantes da cidade, dando ordens para que viesse gado dos Campos Gerais, e mandou desmatar os arredores das cidades de Morretes e Paranaguá, tornando-as menos insalubres; e tomou ainda medidas contra os facínoras e manteve a ordem por tôda parte, não havendo quem não lhe regateasse elogios.

Conversamos demoradamente acêrca do caminho da Serra. Parece que êle tivera a intenção de realizar ali alguns melhoramentos; mas acabava de receber ordem de seguir para Santos, e, naturalmente, os seus projetos logo cairão no esquecimento. Entretanto, êsse caminho não reclamava nenhum dos grandes trabalhos necessários para tornar transitáveis as estradas das montanhas européias. Em tôda a parte da Serra que tivemos de transpor, não existem precipícios, torrentes a atravessar e avalanches a temer. No lugar denominado Cadeado ou Encadeado, seria, é bem verdade, indispensável suavizar a descida, fazendo o caminho descrever algumas curvas; além disso, sòmente seria necessário alargar alguns trechos, pavimentar outros, tapar alguns buracos e cortar os ramos das árvores que, interceptando os raios solares, impedem que a terra seque. Seria ainda preciso construir, de distância em distância, ranchos em que os viajantes, em caso de necessidade, pudessem abrigar-se, e, para que os mal intencionados não os destruíssem, destacar-se-iam ali sol-

dados que seriam rendidos em épocas fixas. Quanto à vargem ou planície pantanosa, seria muito fácil torná-la transitável: bastaria transportar para ali seixos do rio Cubatão, que corre à pequena distância.

Após minha visita ao marechal, fui às casas do governador da cidade, do capitão-mor e da pessoa a quem eu havia sido recomendado. Em Curitiba, os principais moradores cumularam-me de gentilezas, dispensaram-me mil atenções. Aqui, as minhas quatro visitas foram-me retribuídas e nada mais, e, não querendo recorrer a cada instante ao capitão-mor, não encontrei ninguém que me favorecesse junto aos operários que, como já tive ocasião de dizer, pouca importância dão ao estrangeiro que não tenha quem o proteja. De alguns anos para cá, vem-se lamentando a pouca hospitalidade que ora se encontra no litoral brasileiro(27), e eu mesmo verifiquei isso na Província do Rio de Janeiro; mas pode-se dizer, para desculpar os habitantes da costa, que, a cada passo, vendo estrangeiros, e quase sempre gente do mar, que prima pela grosseria, hão de ter muito pouca disposição para entreter relações com viajantes que não sejam colonos do interior. Devo acrescentar que portuguêses mal educados, marinheiros e outros, vão, a todo momento, estabelecer-se entre a população branca dos pequenos portos e certamente, conservarão no seio dela a falta de polidez e os costumes pouco agradáveis que os caracterizam.

Entretanto, recebi em Paranaguá muitas provas de urbanidade de um homem com quem me encontrara na rua e que falava francês; êle, porém, como eu, não pertencia ao país. Era patrão de um pequeno barco espanhol que ia sair para Montevidéu, com carregamento de erva-mate. Êsse homem levou-me a casa de alguns operários e apresentou-me ao prático-mor da barra, que era muito

---

(27) Mawe, *Travels*, 61, 89. Eschw., *Brasilien*, II, 72.

educado e conversava muito bem. Em meio aos habitantes do Brasil, que tão pouco se assemelham aos povos da Europa, tôda diferença de nacionalidade desaparece entre os europeus. O que aproxima os homens de outras nações num país em que igualmente são estrangeiros, é também, devemos convir, o prazer que sentem de poder falar dêsse país, com tôda liberdade, e de expender seus juízos, quase sempre malévolos, freqüentemente injustos.

Aproveitei minha estada em Paranaguá para herborizar nos seus arredores, onde os mosquitos são muito comuns e o ar se acha impregnado do desagradável cheiro de maresia. O terreno é coberto de capoeira, em meio das quais abunda, principalmente, uma espécie da família das Tremandáceas. Vi grande número de ervas e subarbustos que também crescem nos terrenos úmidos do Rio de Janeiro, entre outras uma espécie pertencente à família das Melastomáceas. Essa semelhança de vegetação de nenhuma maneira nos deve surpreender, não sòmente porque as plantas aquáticas ou de lugares pantanosos podem ser encontradas a grandes distâncias e freqüentemente constituem um traço de união entre floras diferentes, mas muito mais ainda porque o clima de Paranaguá tem grande analogia com o da capital do Brasil. Isto confirmaria, se fôsse necessário, a lei que determina que na costa, geralmente, exista maior uniformidade de temperatura e de vegetação que no interior.

Num pequeno passeio que fiz pela baía, desembarquei na ilha da Cotinga, nome guarani que significa *semelhante ao quati*(28). A ilha, estreita, montanhosa, com cêrca

---

(28) Para Ermelino de Leão (*Dic. Hist. e Geogr. do Paraná*, vol. I, fasc. III), *Cotinga* ou *Cutinga* provém de *cu-tinga*, a ponta branca, e segundo Teodoro Sampaio (*O Tupi na Geografia Nacional*), origina-se de *cû-tinga*, a língua branca, "alusão ao pano triangular que serve de vela às embarcações". — Teria sido na ilha da Cotinga que Gabriel de Lara primeiramente lançara os fundamentos de Paranaguá (Francisco Negrão, *Genealogia Paranaense*, 49). Ermelino de Leão dá, dubitativamente, como

de 1/2 légua de comprimento(29), possui boa água. Ela começa na parte mais recuada da baía, achando-se separada da terra firme, ao sul, por um canal de pouca largura. Subi a um dos pontos mais elevados da ilha e dali divisei parte da baía, a Serra de Paranaguá e as terras alagadiças através das quais correm os rios e riachos que descem das montanhas para o mar. Existem na ilha alguns sítios. Um dêles pertencia a um alemão, velho e paupérrimo, estabelecido nessa região havia muitos anos e que tinha sido muito atormentado por algumas faltas contra a disciplina e os bons costumes. Conquanto bastem alguns anos para que muita gente esqueça mais ou menos sua língua materna, o velho da ilha da Cotinga falava o alemão com uma facilidade que me causou grande surprêsa, pois jamais tivera êle ocasião de pronunciar uma única palavra em sua língua, durante o tempo em que se achava ali. Aventurei-me a perguntar-lhe o que o levara a procurar um país tão distante do seu, "Faltas, extravagâncias", respondeu com amargura. Eu tocara em sua corda sensível e não lhe perguntei mais nada.

Não podia deixar Paranaguá sem dar um passeio pela única estrada que, na vizinhança dessa cidade (1820), não era pantanosa e coberta de água. O seu leito era de areia quase pura e ia até uma pequena capela chamada Capela do Rossio, onde todos os anos se celebra uma festa que atrai grande número de fiéis. Essa estrada encantadora e muito freqüentada pelos habitantes de Paranaguá, lembra algumas dos arredores do Rio de Janeiro. O caminho serpenteia, à maneira das alamêdas de

---

fundador dêsse povoado o régulo Domingos Peneda ou Caneda, cujo nome vem mencionado em um manuscrito existente no Museu Britânico. Gabriel de Lara, "reconhecendo que a ilha da Cutinga não oferecia condições propícias para a ereção de uma vila, tratou de fundar nova povoação na ribanceira do rio Taquaré (Itiberê)" (*op. cit.*, vol. I, fasc. III, e vol. II, fasc. II). — N. do t.

(29) Casal, reproduzido por Milliet, dá maior extensão à ilha da Cotinga (*Corogr. Bras.*, I, 215). É possível que o meu cálculo, feito em rápido passeio, esteja abaixo da realidade.

um jardim inglês, através de um bosque de agradável verdor, cheio de sombra e frescura. De distância em distância, encontram-se pequenos sítios rodeados de bananeiras, cafeeiros, pés de ananases e pequenas roças de mandioca. A capela dedicada à Virgem, foi construída em lugar solitário, a alguns passos do rio Cubatão. Diante da porta alçaram uma cruz sôbre degraus de pedra, e algumas palmeiras elevam-se, desordenadamente, à beira da água. Do outro lado do rio, alteiam-se diversos morros e divisa-se ao longe a Serra de Paranaguá, cuja sumidade está quase sempre coroada de nuvens. Não se pode imaginar quanto as palmeiras plantadas perto da capela enchem de encanto essa linda paisagem. Não sòmente há na forma da palmeira alguma coisa de elegante e de majestoso que se impõe, como uma infinidade de recordações religiosas se prendem a êsse belo vegetal e fazem dêle, por assim dizer, uma árvore sagrada.

Passei em Paranaguá a sexta-feira santa (31 de março), que é considerado nesta região o maior dia de guarda. Tôdas as casas de negócios fecharam, o que não ocorre aos domingos nem em qualquer outro dia santo. Seria ocioso dizer que os operários não trabalharam nesse dia, pois nesse ponto são êles muito escrupulosos, e quando se lhes pede a obra com muita antecedência encomendada, desculpam-se alegando sempre qualquer dia santificado. À noite, assisti a uma procissão em que o povo caminhava promíscua e lentamente, acompanhando uma cruz enorme entre duas lanternas que lançavam uma luz mortiça. A multidão rezava em voz surda e, de distância em distância, parava, ajoelhava-se e beijava o chão. Essa procissão tinha alguma coisa de lúgubre, muito apropriada à solenidade, e isso deve ser ressaltado porque em nenhuma parte existe, como nessa região, tão pouco sentimento de decôro por tudo que diga respeito ao culto público e às cerimônias religiosas.

No sábado da aleluia pela manhã, vi bonecos pendurados em quase tôdas as ruas da cidade; deviam representar Judas Iscariote. Logo que rompeu a aleluia, os Judas foram dependurados, arrastados pelas crianças através das ruas, batidos a cacête e postos em frangalhos. Essa farsa popular foi levada de Portugal para o Brasil. Na semana santa de 1816, estando eu em Lisboa, observei que ali, no sábado da aleluia, também penduravam Judas e depois os estraçalhavam.

Nas Províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e em grande parte da Província de São Paulo, viaja-se empregando-se muares na condução de cargas; mas no litoral não se servem dêsses animais, e em Paranaguá começaram as inconcebíveis dificuldades por que passei até a vila da Laguna, com o transporte de minha bagagem e minhas coleções(30).

---

(30) Ver minha *Introduction à l'histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay.*

CAPÍTULO IX

Viagem de Paranaguá a Guaratuba. — A vila de Guaratuba e seu distrito.

Maneira incômoda de viajar. — O autor embarca na baía de Paranaguá e desembarca no Pontal de Paranaguá. — Viagem noturna em carros de bois. — Enseada de Caiobá. — O autor transporta-se a cavalo até o canal da Barra do Sul, atravessa de canoa o canal e chega a Guaratuba. — Descrição da baía. — Posição da vila de Guaratuba; casas; igreja; bela paisagem; pôrto; comércio; história — Os limites do distrito de Guaratuba; sua população; costumes; produção. — Partida. — Viagem em carros de bois, à beira-mar; vegetação. — Os moradores da praia. — O rio Saí-Mirim. — Reflexões acêrca do desejo manifestado pela comarca de Curitiba, de separar-se da Província de São Paulo.

Para ir de Paranaguá ao pequeno pòrto de Guaratuba, seria necessáro, primeiramente, que eu tivesse canoas e remeiros para me conduzirem ao extremo da baía; e, após desembarcar no Pontal de Paranaguá, encontrasse carros de bois que, seguindo a orla marítima, me transportassem, juntamente com a bagagem, até a enseada de Caiobá; e, finalmente, como é perigoso, segundo me disseram, atravessar de canoa a baía, seria ainda necessário tivesse certeza de encontrar em Caiobá quem, por um caminho de difícil acesso, conduzisse às costas minha bagagem até Guaratuba. Num lugar em que os meios de comunicação não são fáceis, a preguiça é excessiva e a inexatidão

extrema, ser-me-ia impossível obter perfeita coincidência entre êsses diversos meios de transporte se não tivesse recorrido à autoridade local. Logo ao chegar a Paranaguá, pedi ao capitão-mor que conseguisse os meios necessários para continuar minha viagem, declarando-lhe, ao mesmo tempo, que eu pagaria aos homens que fôssem requisitados para o meu serviço.

Parti de Paranaguá a 3 de abril, com duas canoas, sendo uma tripulada por dois e a outra por três remeiros(1). Deixando o rio de Paranaguá, entramos no canal que se estende mais ou menos para o sul da baía e limita por um lado com a terra firme e por outro, com uma série de ilhas. Logo a cidade desaparece de nossas vistas e divisamos ao longe a Serra coroada de nuvens, correndo céleres, alternadamente deixavam ver e ocultavam as altas cumeadas.

As canoas sulcavam as águas velozmente; deixamos para trás a parte montanhosa da ilha da Cotinga e costeamos a extremidade mais próxima do Oceano, que é baixa e coberta de mangue. Depois dessa ilha, vem a ilha Rasa(2), plana, como indica o seu nome. A ilha do Mel, que vem após a ilha Rasa, avança até a entrada da baía. Foi na extremidade dessa ilha que construíram o fortim que defende a barra. À medida que se prossegue, o canal alarga-se. Como a ilha Rasa e a ilha do Mel, a terra firme é orlada de mangues; mas, espaçadamente,

---

(1) Itinerário aproximativo da cidade de Paranaguá à divisa com a Província de Santa Catarina :

	Léguas
De Paranaguá ao Pontal de Paranaguá, na baía	4
Do P. de P. a Guaratuba, seguindo pela praia	13
De G. à divisa com Santa Catarina, seguindo pela praia	2 1/3
	19 1/3

(2) Sabe-se que na entrada da baía do Rio de Janeiro existe uma ilha com o mesmo nome. Milliet e Lopes de Moura mencionam uma terceira *Ilha Rasa*, na baía de Angra dos Reis, Província do Rio de Janeiro.

avistam-se nesta última, à pouca distância da margem, pequenos sítios com casas cobertas de telhas e diante das quais se acham muitas canoas.

A língua de terra denominada Pontal de Paranaguá, a que já me referi, foi o local onde desembarquei. Veio receber-me um cabo-de-esquadra da milícia, que comandava o destacamento acantonado nas proximidades. Tinha êle ordem de tomar as medidas necessárias, a fim de que os carros de bois que deviam transportar-me, e à minha gente, bem como tôda a bagagem, chegassem à hora convencionada, e tudo foi cumprido à risca. Os carros pertenciam a proprietários dos arredores; eram grandes, puxados por quatro bois e cobertos com trançados de bambu sôbre os quais colocaram fôlhas de bananeira prêsas por uma espécie de rêde feita de cipó.

O Pontal era despido de vegetação e não existia ali nenhuma casa; só víamos areia. Logo que desembarcamos, fizemos fogo na praia, a fim de cozinhar feijão e arroz, que, com água e farinha, deviam compor a nossa ceia. Embarcaram as malas nas canoas e já fazia muito tempo que o sol se ocultara quando nos pusemos a caminho. Costuma-se viajar à noite nessa praia porque os bois andam mais depressa quando não vêem a claridade do dia.

Meti-me com Laruotte em um dos carros, José e Firmino seguiram noutro, e Manoel no terceiro. Laruotte estendera a coberta e meu poncho sôbre uma esteira; deitei-me e logo adormeci ao bramido do mar. Todavia, eu despertava a cada instante e via, ao luar, que seguíamos por uma praia de areia branca, vindo as ondas, contìnuamente, bater nas rodas dos carros. Os bois corriam incessantemente e ao despontar do dia chegávamos à embocadura do rio chamado Matozinho. Ali, devíamos esperar que a maré baixasse, a fim de podermos atravessar o rio, e após havermos feito cêrca de uma légua, sempre pela praia, chegamos a Caiobá, nome proveniente do

guarani *cairoga*, casa dos macacos(3). De Matozinho a êste lugar, o terreno situado depois da praia é coberto de espêsso matagal composto de arbustos em que predomina uma Tremandrácea, e é de acreditar que vegetação semelhante orle grande parte da margem litorânea que havíamos percorrido durante a noite.

Existe em Caiobá uma enseada semicircular denominada Baía de Caiobá. Nesse lugar o terreno não é baixo e pantanoso como em Paranaguá; altos morros cobertos de florestas estendem-se até o mar e impedem que os carros de bois continuem a seguir pela costa: o caminho ali existente dá passagem apenas aos peões ou aos que viajam a cavalo.

Geralmente, os que vão de Paranaguá a Guaratuba viajam de canoa, atravessando a enseada e passando pelo canal que, situado ao sul de Guaratuba, constitui a entrada da baía dêsse nome. Falaram-me do perigo que havia em atravessar a enseada e, por isso, conforme já declarei, pedi ao capitão-mor de Paranaguá providenciasse fôsse minha bagagem transportada por terra. Encontrei em Caiobá cêrca de dezesseis homens que me esperavam, comandados por um sargento de milícia. O aspecto do mar, perfeitamente tranqüilo, encheu-me de confiança e mandei levar por terra apenas as malas mais importantes, sendo as outras embarcadas em uma canoa grande.

Montei a cavalo e costeei parte dos contornos semicirculares da baía, acompanhado do sargento e de Laruotte. Chegando à margem do canal que forma a entrada da barra de Guaratuba, denominado Canal da Baía do Sul, porque é essa a sua posição em relação à enseada de Caiobá, foi preciso embarcar em canoa, uma vez que a vila de Guaratuba fica situada do outro lado do canal, na entrada da baía que tem o nome da mencionada vila.

---

(3) *Caióva,* no original. — Segundo Ermelino de LEÃO (*Dic.*, I, fasc. III, 362), *Caiobá* provém de *caí,* mico, e *ubá,* fruto. — (N. do t.).

À minha chegada, o sargento que me acompanhava conduziu-me à casa que fôra preparada para receber-me, onde pouco depois me visitaram o vigário, o capitão-mor do distrito e o sargento-mor do regimento de milícias.

Não podendo colhêr plantas em caminho, como quando viajava montado em minha mula, resolvi parar de distância em distância, e, para começar, passei dois dias em Guaratuba. Certamente eram êles mais que necessários para conhecer essa pobre vila, embora dedicando a maior parte do tempo à história natural.

A baía de Guaratuba, que havia sido denominada *Rio Alagado* pelos antigos navegadores, e a que os habitantes da região ainda hoje dão o nome de *rio*, afigurou-se-me ter forma elíptica; ela estende-se, mais ou menos, de nordeste para sudoeste e pode ter, segundo me disseram, cêrca de 2 ½ léguas de comprimento e comunica-se com a enseada de Caiobá e, por conseguinte, com o alto mar pelo estreito canal chamado Canal da Barra do Sul que, situado ao norte em relação à baía, fica ao sul da enseada. De norte a sul, pelo lado de oeste, isto é, da terra firme, ela é circundada de morros cobertos de matas, que são ramificações da Serra de Paranaguá e pertencem, portanto, à cadeia marítima.

A língua de terra que separa da baía o mar alto, é muito estreita na extremidade, isto é, do lado do Canal da Barra, alargando-se, porém, pouco a pouco, até atingir ao sul cêrca de 3 léguas entre a baía e o Oceano. Aquém de sua extremidade elevam-se dois morros, únicos acidentes que ela apresenta. Um trecho do lado da baía é orlado de *Avicennia* (Mangue amarelo) e de *Rhizophora Mangle* (mangue vermelho), sendo a parte situada atrás coberta de mato. Mais para o sul, o terreno eleva-se pouco acima do nível do mar e o mato avança até a margem da baía.

Numerosos rios e riachos descem dos morros e lançam-se na baía de Guaratuba. O rio São João e os rios

Cubatão Grande e Cubatão Pequeno são os mais consideráveis.

Muitas ilhas e ilhotas emergem da baía, mas o terreno da maior parte é pantanoso e coberto de mangue ou ùnicamente de duas Gramíneas, confundidas na região sob o nome de *paratuva* (por *piritiba*, guarani, lugar dos piris). Algumas, entretanto, tais como as do Rato(4) e da Pescaria, poderão ser cultivadas. As mais importantes são a dos Papagaios, assim denominada por ser ali muito comum essa espécie de pássaros, e a dos Guarás, nome dos pássaros de plumagem de um vermelho brilhante (*Ibis rubra* dos naturalistas) e que são os mais belos ornamentos desta região do Brasil.

Não é sòmente ao sul da Província de São Paulo que existem êsses lindos pássaros; encontram-se êles também em Paranaguá, Santos e Santa Catarina, acreditando-se, todavia, que só põem ovos na ilha que tem o seu nome. De agôsto a novembro os guarás reunem-se em grandes bandos; fazem ninhos sem arte em galhos de mangues, e multiplicar-se-iam prodigiosamente se o vento não derribasse parte dos ninhos, se os pássaros de prêsa não devorassem grande quantidade de ovos e se os habitantes da região também não os retirassem para sua alimentação. Quando os espantam na época da postura, os guarás abandonam os seus ovos; não obstante, demonstram grande apêgo aos filhos. Já tive ensejo de dizer(5) que êsses pássaros haviam desaparecido não sòmente do Rio de Janeiro, onde, no tempo de Marcgraff, eram muito comuns, mas ainda de uma das cidades da Província de Espírito Santo, cujo nome é devido aos aludidos pássaros — *Guarapari.* Assegura o príncipe de Neuwied que não viu um só dêles em tôda a sua viagem pelo litoral, a

---

(4) Também na baía de Angra dos Reis existe uma ilha denominada *do Rato* (MILLIET e Lopes de MOURA, *Dic.*, II, 383).

(5) *Voyage dans le district des Diamants et sur le littoral du Brésil*, II — (S. — H.) —, ou a cit trad., II — (N. do t.).

começar do Rio de Janeiro(6); e como não se cumpre mais, ou pouco se cumpre, antiga Ordenação que proibia a matança de guarás(7) é de recear que também os tenham exterminado na Província de São Paulo. Vãmente procurá-los-ão nos tristes lodaçais que êles embelezavam e faziam o viajante, absorto em admirá-los, não sentir o mau cheiro que impregna o ambiente. Dêles, só restarão as descrições existentes em alguns livros e o seu nome dado aos lugares em que habitavam. Assim é que hoje não se encontra mais a inhuma (*Palamedea cornuta*) nos diversos lugares em que, sem dúvida, ela outrora abundava, visto terem o mesmo nome do pássaro(8). E quantas plantas que eram o ornamento das selvas, também desaparecerão, não sòmente nos incêndios dos campos e das matas virgens, mas ainda sob a mão destruidora dos impiedosos desbravadores de sertões!

Descrevi minuciosamente a baía de Guaratuba. Para dar idéia de seu conjunto, pode dizer-se que ela tem, guardadas as devidas proporções, admirável semelhança com a baía do Rio de Janeiro. A vista que ela oferece é, não resta dúvida, mais selvagem e mais monótona que a desta última, pois os morros que a cercam são cobertos de mata e não se vê ali nenhuma habitação; mas, por outro lado, a paisagem conserva ainda essa calma e, se posso exprimir-me assim, essa majestade virgem que só existe nos lugares ermos.

Não é sòmente uma ilhota da baía que deve o seu nome aos guarás: a denominação da própria vila de Guaratuba tem a mesma origem, pois compõe-se das palavras guaranis *guará* e *tiba*, que significa *o sítio dos guarás*.

---

(6) *Beiträge*, IV, 692.

(7) CASAL, *Corogr. Bras.*, I, 215.

(8) *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro, etc.*, I, 63 — (S. — H.) —, ou a cit. trad., I, 60. — (N. do t.).

Esta vila foi edificada no interior de uma pequena enseada, à entrada da baía, do lado do sueste, e, portanto, na extremidade da língua de terra que separa do Oceano a mesma baía. Ela é circundada de árvores e de tabuleiros de relva, e é denominada, a nordeste, por um morro coberto de mata virgem(9).

Possui apenas umas quarenta casas (1820); cêrca de quinze acham-se situadas em semicírculo à margem da enseada, e as outras atrás das primeiras, em tòrno de uma praça coberta de capim, em cuja extremidade foi edificada a igreja. As mais antigas são pobres casebres construídos de pau-a-pique e encontram-se em mau estado de conservação; mas pouco tempo antes de minha viagem, haviam construído algumas casas de pedra, e que eram bem bonitas.

---

(9) Diz PIZARRO que Guaratuba fôra fundada sôbre a margem do rio Saí (*Mem. hist.*, VIII, 312 — S. — H. —, ou 8.º, 294, da cit. ed. do I.N.L. — N. do t.). Fica a embocadura dêsse rio a 5 ou 6 léguas de Guaratuba, e, em 1820, não existia nem mesmo um povoado à sua margem. Entretanto, o êrro que assinalo aqui poderá ter a sua justificação em um fato histórico que, de modo algum, eu abono e que citarei mais tarde. Casal não incorreu no mesmo êrro de Pizarro, mas é impossível compreender a frase através da qual êle quis indicar a posição de Guaratuba. Diz o citado autor que essa vila fica "situada junto a um morro, sôbre a margem direita do braço meridional do Rio Guaratuba", e, em outro lugar, acrescenta: "Cinco léguas ao norte do rio Saí Grande, limite da Província, está a bôca do caudaloso e rápido Guaratuba, encostada ao lado meridional do Morro Caioaba" (*Corogr. Bras.*, I, 226, 215). Confesso que não adivinho o que possa ser o braço meridional do rio Guaratuba nem a sua margem direita. Dizendo *rio ou baía de Guaratuba*, MILLIET e Lopes de MOURA estão mais ou menos de acôrdo com as referências de Casal (*Dic.*, I, 429). Na carta da costa do Brasil, traçada por Givry e Roussin, e na carta do barão de Antonina, sendo aquela, na parte do litoral, provàvelmente uma cópia desta última, as águas de Guaratuba vêm representadas como um rio de pouca extensão, que receberia em sua nascente vários pequenos afluentes e se dirigiria de oeste para leste; como, porém, as grandes embarcações não penetram nessas águas, é claro que os dois sábios franceses não puderam estudá-las. A carta inédita da demarcação procedida pelo engenheiro Francisco João Roccio, conquanto não seja de irrepreensível exatidão, não menciona um rio, mas uma baía. Deve-se, realmente admitir essa designação ou preferir a de rio? Rio é um curso de água contínuo desde a nascente até a foz; baía é um pequeno golfo em grande parte formado pelas águas do mar e cuja abertura (*Dict acad.*) é mais estreita que o centro. A porção de água que se comunica com a baía de Caiobá pela estreita abertura chamada

A igreja, também de pedra, está pobremente ornamentada, mas é muito limpa e clara, e foi dedicada a S. Luís, rei de França.

Da frente da vila avistam-se uma parte da baía, algumas ilhas e os morros cobertos de mata, que a circundam. Dentre êstes, é dos mais importantes o de Araraquara(10), que, situado à entrada da barra, do lado do norte, fica quase defronte da vila. Outros mais altos destacam-se, ao longe, no interior da baía.

Embarcações de 80 a 100 palmos de comprimento (17m,60 a 22 metros) podem entrar na baía de Guaratuba, mas não ancoram defronte da vila. Existe em frente desta um canal muito estreito e da parte de lá encontra-se uma das mencionadas ilhas pantanosas inteiramente cobertas das Gramíneas chamadas *paratuva*. É do outro lado dessa ilha, que é muito pequena e de forma alongada,

---

Canal da Barra do Sul, não é extremidade de um só curso de água; ela é formada pelo avanço do mar terra a dentro, a que se misturam as águas dos rios S. João, Cubatão Grande, Cubatão Pequeno, etc.; logo, deve dar-se a esta espécie de reservatório comum o nome de baía, como o deram às águas de Paranaguá ou às do Rio de Janeiro. Pela mesma razão, deve chamar-se *baía do Espírito Santo* ao vasto reservatório cũja entrada limita ao sul com o morro do Moreno e ao norte com a ponta do Piraé. Efetivamente, não existe curso de água que, desde a sua nascente, tenha o nome de Espírito Santo; dão essa denominação a um *pequeno golfo cuja entrada é mais estreita que o centro* e em que deságuam simultâneamente, como diz Moura, numerosos rios. Na verdade, os descobridores dessa baía deram-lhe a designação de *rio*, mas fizeram o mesmo com as do Rio de Janeiro e Paranaguá, porque as tomaram por embocaduras de grandes rios, e, por hábito, continuou-se a dizer *Rio do Espírito Santo, Rio de Janeiro*. Acrescentarei que na própria região não me compreendiam quando eu dizia *a baía do Espírito Santo*. Já há muito tempo, Casal descrevera essa baía dando-lhe o verdadeiro nome, e, se uma vez êle disse *o Espírito Santo,* isso teria sido por um resto de hábito antigo. Roussin, em seu *Pilote du Brésil,* ora emprega a palavra *rio,* ora a palavra *baía;* mas, em sua carta, onde necessàriamente fôra preciso optar, só se encontra esta última. Enfim, Milliet e Lopes de Moura, em seu recentíssimo *Dicionário,* começam o artigo *Espírito Santo* com estas palavras: *baía da Província do Espírito Santo,* e, talvez em vinte lugares de sua importante obra, aplicam essa mesma expressão ao mencionado pequeno golfo (Cf. Neuwied, *Brasilien,* 49)

(10) Esta palavra, que se encontra em várias partes da Província de São Paulo, significa *o refúgio das araras* (ver o cap. III desta obra — (S. — H.) —, ou da citada tradução — *Viagem à Província de São Paulo* — N. do t.).

que as embarcações vão fundear. É de crer, aliás, que ela logo desapareça, pois, segundo me disseram, as águas, cada ano que passa, levam-lhe uma parte.

A região é muito pobre e quase despovoada, existindo, conseqüentemente, pouca lavoura, razão por que o pôrto de Guaratuba não é muito freqüentado; todavia, de quando em quando, vão ali embarcações receber um pouco de farinha e algumas tábuas, indo completar o carregamento em outros portos.

Disseram-me os moradores da região, em 1820, que a fundação de Guaratuba datava de apenas uns cinqüenta anos, e que cêrca de dez anos mais tarde o reduzido conglomerado de casas até então construídas, fôra elevado à categoria de vila pelo governador da Província, a quem haviam descrito o lugar, não como era a êsse tempo, mas tal como deveria tornar-se um dia(11).

Na costa, é Guaratuba a vila mais meridional da Província de São Paulo. Conforme já declarei, essa pobre vila depende da comarca de Curitiba e, no antigo govêrno, apenas possuía juízes ordinários. O seu distrito, que se

---

(11) Diz Pizarro (*Mem. hist.*, VIII, 312 S. — H. —, ou 8.º, t. I, 294, da ed. do I.N.L. — N. do t.) que a vila de Guaratuba foi *fundada* em 1771, pelo governador Luís Antônio de Sousa Botelho, sôbre a margem do rio Saí. Segundo Müller (*Ens.*, 57), o ano de 1771 teria sido o em que Guaratuba fôra elevada à categoria de vila, remontando a data de sua fundação a 1766. É também o ano de 1771 que Spix e Martius dão como o em que Guaratuba fôra elevada à categoria de vila (*Reise*, I, 238). Quanto a Milliet e Lopes de Moura, entram em mais extensas minúcias: "Os começos de Guaratuba — dizem êles — datam de 1656, logo que o marquês de Cascais fundara a capitania de Paranaguá. Alguns indivíduos de S. Vicente, que se tinham fixado na margem do rio Saí, entre o rio de S. Francisco e o rio Guaratuba, cuidaram de construir uma capela a Nossa Senhora do Bom Socorro, para servir-lhes de igreja paroquial. — D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, governador da Província de S. Paulo, fundou, em 1771, uma vila sôbre a margem meridional do rio Guaratuba, com o nome de Vila Nova de S. Luís. Construiu-se ali uma igreja dedicada a S. Luís e que se tornou paroquial, a fim de substituir a capela do Bom Socorro, das margens do Saí." (*Dic.* I, 432). — Os autores do *Dicionário do Brasil* não nos dizem de onde tiraram essa narração bastante obscura, que, em muitos pontos, contradiz o que se encontra em outros autores, não sabendo nós, por conseguinte, que valor devemos atribuir-lhe. O que ela nos apresenta claramente é que existiu outrora um estabelecimento na margem do Saí, e êste fato seria, de alguma sorte, confirmado pelo

constitui de uma única paróquia, tem quinze milhas de extensão de leste a oeste, e outro tanto de norte a sul, à beira-mar. Começa ao norte, no lugar denominado Curral, defronte da ilha do mesmo nome, distante oito milhas da vila de Guaratuba, e limita ao sul com o rio Saí-Mirim que o separa do distrito de São Francisco, dependente da Província de Santa Catarina(12). Computava-se a sua população, no ano de 1820, em 900 almas, mais ou menos, das quais 600 eram comungantes(13).

Os habitantes, em sua maioria, descendem de portuguêses e de índias. São preguiçosos, muito pobres e vivem quase ùnicamente de peixe sêco e farinha de mandioca. Consiste o seu vestuário, comumente, em umas calças de tecido de algodão, camisa usada à maneira de

---

engano de Pizarro, situando a vila de Guaratuba sôbre a margem do mencionado rio. — (S. — H.). — Segundo Antônio Vieira dos Santos, o início do povoamento de Guaratuba data de 1656, acrescentando Ermelino de Leão (*Dic. Hist. e Geogr. do Paraná*, vol. II, fasc. III, 807/808) que sòmente na administração do Morgado de Mateus "teve incremento a povoção, que foi ereta em 1768 e elevada a vila a 27 de abril de 1771, pelo tenente-coronel Afonso Botelho de São Paio e Sousa". — (N. do t.).

(12) Durante o tempo que viajei pelo interior, observei que as distâncias eram avaliadas por léguas de 18 graus, medida que se estabelece geralmente por aproximação e que se alonga e nunca se encurta. Foi no litoral que, pela primeira vez, ouvi fazerem referência a milhas. A légua equivale a 3 milhas.

(13) Eu não registrei em minhas notas de quem colhi êsses números; mas é impossível que não tenha sido do vigário ou do capitão-mor, e acho que sejam mais ou menos exatos, pois não havia razão para que um ou outro fôsse induzido a enganar-me, ao passo que sempre existe algum interêsse em exagerar ou ficar abaixo da verdade nos dados que fazem constar dos quadros oficiais. Dizem os ilustres sábios Spix e Martius que, em 1815, havia no distrito de Guaratuba 663 indivíduos (*Reise*, I, 258). Pizarro reduz êsse número a 533 para o ano de 1822 (*Men.*, VIII, 313 — S.-H. —, ou 8.º, t. I, 294, da cit. ed. do I.N.L., sendo de observar que houve um lapso de revisão, pois lemos ali 733 em vez de 533 — N. do t.), e Müller dá para o ano de 1838 a população de 1 062 almas (*Ens. cont.*, tab. 3). Evidentemente, não se pode ter confiança nesses números, sobretudo nos dois primeiros e muito menos nas minúcias do quadro fornecido a Spix e Martius durante a sua permanência em São Paulo. Vê-se, com efeito, nesse quadro que, juntamente com 62 brancos e 46 negras, havia ali 430 mulatos ou mulatas escravos; de onde teriam vindo tantos mulatos ? As tabelas de D. P. Müller contradizem inteiramente êsses números e não têm os mesmos sinais de inverossimilhança, pois não registram nenhum mulato ou mulata escravos, e sòmente 8 escravos negros, o que concorda perfeitamente com a extrema pobreza do lugar.

blusa, por cima das calças, e chapéu de copa arredondada e aba muito estreita. Passando grande parte do tempo no mar, conduzem suas canoas com extraordinária destreza. Tive ocasião de apreciar da margem da baía de Caiobá, a agilidade com que êles se lançavam nas canoas no momento em que estas eram levantadas pelas ondas.

Faz muito menos calor em Guaratuba que em Paranaguá, e como a região é mais alta e menos pantanosa, é ela também mais saudável. Entretanto, vê-se ali, como em Paranaguá, muita gente extremamente descorada, sendo provável se encontre uma das principais causas dêsse mal, no uso que habitualmente fazem de alimentos pouco nutritivos. Segundo disse mais acima, tão comum como em Paranaguá, e também com as mesmas dolorosas conseqüências, é nesse lugar o vício de comer terra.

Existem perto de Guaratuba terrenos quase ùnicamente constituídos de terra preta, a que se acham misturadas em abundância cascas de ostras e de uma espécie miúda de moluscos. Êsses terrenos denominados sambaquis[14] pelos moradores do lugar, são muito férteis. Fabrica-se cal com as cascas de ostras extraídas dos sambaquis, sendo elas separadas da terra por meia de peneiras de taquara; mas, até à época de minha viagem, essa cal era apenas empregada no local, não sendo ainda mandada para fora.

Os arredores de Guaratuba produzem milho, mandioca, e arroz que dá cem por um[15]; a terra é fértil e coberta da matas excelentes; mas, para tirar proveito dessa região, é necessário pô-la em comunicação, através

(14) *Cambaqui,* no original — (N. do t.). — É difícil não se acreditar que essa palavra não provenha de *caa,* mata, montanha, *embacui,* coisa queimada. Teriam os índios tido idéia de comparar êsses terrenos, devido à sua côr escura, a florestas queimadas ? — (S.-H.). — Segundo Teodoro SAMPAIO, *sambaqui,* corr. de *tambá-qui,* significa "a jazida de ostras, depósito de ostras". — (N. do t.).

(15) Diz D. P. MÜLLER que atualmente cultivam ali um pouco de cana-de-açúcar e que foram encontrados terrenos auríferos (*Ensaio estatístico,* 57).

de boas estradas, com Curitiba e Vila Nova do Príncipe. Enquanto a deixarem ao abandono e assim insulada, como se não fizesse parte da pátria comum, ela continuará pobre e quase deserta(16).

Ao chegar a Guaratuba, pedi ao sargento-mor que mandasse preparar três carros para continuar a minha viagem, e pouco tempo depois, enviei por seu intermédio ao ajudante da vila de São Francisco, uma carta de recomendação que eu trazia para êle, e mandei pedir-lhe que me preparasse uma casa.

A 7 de abril, pela manhã, os três carros que eu solicitara, estavam à minha porta, e partimos.

Atravessamos a língua de terra em que se acha situada a vila de Guaratuba, e encontramo-nos à margem do Oceano, no interior de uma enseada semicircular de cêrca de 1/2 légua de arco. A praia que a margeia tem o nome de Brajetuba; na sua extremidade mais avançada para o mar, do lado do norte, existe um morro coberto de mata, chamado Morro de Brajetuba, denominação tirada da praia que vai terminar à sua fralda. Basta dizer que o morro de Caiobá, constituindo a extremidade setentrional da praia de Brajetuba, deve formar, pela mesma razão, a ponta meridional da enseada de Caiobá, que precede a que contorna a enseada da Brajetuba.

Após haver passado por trás do morro do mesmo nome, encontrei-me noutra praia, no comêço da qual apanham um peixe chamado *biraguaia*(17), que segundo os meus condutores, mede 3 a 4 pés de comprimento e

(16) Há alguns anos, um gentil-homem sueco, querendo estabelecer no Brasil uma colônia de camponeses de seu país, veio consultar-me sôbre que região deveria dar preferência; indiquei-lhe as terras situadas acima da Guaratuba. Conversamos muitas vêzes acêrca do assunto, mas ignoro se êle pôs em execução o seu projeto. É, precisamente, ao lado da região que eu designara, que ficam situadas as terras doadas à princesa de Joinville.

(17) Talvez de *pirá*, peixe, e *guai*, pintura. — (S.-H.). — Segundo Lucas Boiteux (*Notas para a História Catarinense*, Tip. a Vapor da Livraria Moderna, Florianópolis, 1912, pág. 102), *miraguaia*, nome pelo qual o referido peixe é conhecido no litoral de Santa Catarina, provém de *piráguaia, peixe manso*. — (N. do t.).

imita o ruído de um tambor(18). Essa praia, em quase tôda a sua extensão, é muito consistente e oferece caminho còmodo aos carros e aos pedestres. Nela não havia *fucus*, os quais se encontravam apenas nos rochedos; mas vi grande número de moluscos vesiculosos, côr-de-rosa, que estouravam ruidosamente quando eram esmagados sob os nossos pés.

Além da faixa batida pelas ondas, vê-se um reduzido número de plantas esparsas na areia, principalmente uma Calicerácea, uma Gramínea e uma Convolvulácea, muito comuns no litoral das Províncias do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Acima do espaço arenoso em que crescem essas plantas, encontra-se uma espêssa mata constituída de arbustos de um verde escuro que, aumentando, pouco a pouco, de vigor e de altura, à medida que o terreno se afasta do mar, formam uma espécie de rampa. Eu já tinha visto perto de Macaé, e em outras partes da costa setentrional, semelhante efeito de vegetação. Entre os arbustos ali existentes predomina a Mirtácea chamada *Hapagüela* (que se agarra à goela, *Myrcia pubescens*, DC.), porque o seu fruto, negro e de quatro lóbulos, é, segundo dizem, muito adstringente(19). Ao seu lado, crescem também, mais ou menos abundantemente, um Feto, uma grande Aróidea e uma Melastomácea. Mais para o interior, é mata virgem.

A espaços, um caminho que vinha terminar na praia, uma canoa e varais para secar rêdes de pesca, anunciavam

---

(18) Sabe-se que êsse peixe é o único que produz ruídos. O que digo aqui destina-se a provar que não há exagêro nas narrativas dos viajantes, quando dizem que o *drum* emite sons atroantes (ver Duges, *Physiologie comparée,* III, 478).

(19) Com respeito a essa planta, informa-nos o botânico catarinense, P. Raulino Reitz, em resposta à carta que lhe endereçamos: "A planta de que me pede informação e que Saint-Hilaire chama de *Myrcia pubescens* DC., é um guamirim com frutos adstringentes, que habita o nosso litoral. Mas creio que o nome popular não foi grafado corretamente por Saint-Hilaire, ou por um *lapsus auditui* ou por um *lapsus calami.* O nome deve ser *rapa-goela,* que é usado popularmente para denominar as frutas adstringentes. Acredito que Saint-Hilaire interpretou como *h* o *r* gutural do nosso caboclo, escrevendo *hapagüela,*" — N. do t.).

a vizinhança de um sítio que, quase sempre oculto pelos arbustos, não se avistava da beira do mar. Fui até um dêles e apenas encontrei uma choça simplesmente cercada de varas juntas umas às outras, por entre as quais passavam o vento e a chuva. Algumas vasilhas de barro e algumas esteiras constituíam o seu mobiliário, e os que a habitavam achavam-se mal vestidos. É muito possível que os outros sítios da vizinhança não estejam em melhores condições. Não creio, entretanto, que os pobres moradores dêsses miseráveis casebres sejam tão infelizes como poderíamos supor. Sem dúvida, descendentes dos antigos mamelucos, devem êles ser imprevidentes; pensam mais na hora presente que no dia de amanhã. O clima é quente; o mar fornece-lhes abundante alimentação. O mundo lhes é tão estranho como êles o são ao mundo, e cairiam no estado vizinho ao do animal selvagem se, de quando em vez, não fôssem à igreja, não se ligassem pela prece à sociedade cristã, e, antes de embarcarem em suas canoas, não invocassem a Virgem, a fim de obterem, por sua intercessão, uma pesca abundante.

O tempo estava esplêndido e o céu era de um azul magnífico; o vento fresco que vinha de leste impedia sentíssemos o ardor do sol; o mar bramia e suas vagas chegavam até os nossos pés.

Durante algum tempo, víamos apenas o morro de *Cabaraquara* (o buraco do cavalo, das palavras da língua geral *cabaru*, cavalo, e *quara*, buraco); mas, ao chegarmos ao rio Saí-Mirim, divisamos todos os que circundam a baía de Guaratuba. Ali, os condutores mostraram-me, ao longe, um desfiladeiro por onde passa o caminho que vai da vila de Morretes à baía de Guaratuba, mas pelo qual só transitam tropas de gado.

O rio Saí-Mirim é estreito, todavia, não é vadeável. Minha bagagem foi tirada dos carros e transportada em canoas para a outra margem, não sendo, porém, desatrela-

dos os bois que atravessaram o rio a nado, levando a reboque os carros vazios. O Saí-Mirim corre a 7 milhas de Guaratuba, e, segundo me asseguraram, serve de limite ao distrito de Curitiba e à Província de São Paulo. Na margem direita, encontrei-me à entrada do distrito de São Francisco, pertencente à Província de Santa Catarina[20].

Ali, só me restava saudar essa terra de Curitiba, de futuro promissor, que eu via pela última vez e onde fui acolhido tão benèvolamente.

Ficaria incompleto o que escrevi acêrca dessa bela comarca se deixasse de referir-me à aspiração que os seus habitantes vêm manifestando, repetidamente, desde 1822, qual a de ver sua terra separada da Província de São Paulo, a fim de formar uma Província de segunda ordem. Fizeram êles, em 1840, o pedido de maneira tôda especial. O ministério, respondendo às autoridades locais, dirigiu-lhes diversas perguntas que, indubitàvelmente, provavam não ter o govêrno de então grandes conhecimentos dessa parte do Brasil. O caso ficou nisso; os curitibanos, porém, não esmoreceram, renovando o pedido em 1843. Começou-se a discuti-lo na Assembléia Geral dos deputados do Império e até o presente (1851) nada foi decidido[21].

---

(20) Dá-se o nome de *saí* a muitas espécies de pássaros; *Saí-Mirim* também pode derivar das palavras *saí e mirim*, os olhos pequenos. — (S.-H.). — Na opinião de Teodoro Sampaio, *saí* provem de *ça-y*, a água do ôlho, a lágrima, e pode "proceder de *çá-i*, os olhos esbugalhados, para exprimir o olhador, ou mirador". Saint-Hilaire foi mal informado com relação ao nome do rio que atravessara na divisa com o distrito de S. Francisco, em Santa Catarina. Êsse rio, que atualmente divide no litoral os Estados do Paraná e Santa Catarina, é o Saí-Guaçu; o Saí-Mirim corre mais abaixo. O A. invertera-lhes a posição, conforme se vê da parte de sua obra relativa a Santa Catarina (*Viagem à Província de Santa Catarina*, na série "Brasiliana" da Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1936, pág. 69), quando diz: "Saindo de Guaratuba, na Província de S. Paulo, atravessei o Saí-Mirim e entrei no distrito de S. Francisco, pertencente à Província de Santa Catarina. A pouca distância do Saí-Mirim encontra-se outro rio que os meus guias, parece, consideravam um simples braço do primeiro e que se denomina Saí Grande, não sendo, aliás, mais largo nem de mais difícil travessia que aquêle." — (N. do T.).

(21) MILLIET e LOPES DE MOURA, *Dic. Bras.*, I, 317. — Francisco de Paula e Silva GOMES, *in* SIGAUD, *Anuário*, 1817.

Muitos dos motivos alegados pelos curitibanos, poderiam ser também alegados pelos habitantes das regiões mais afastadas de cada Província, se, por sua vez, desejassem constituir governos à parte. Minas Novas teria o direito de pleitear sua separação, alegando a fecundidade de suas terras, a excelência de seu algodão e a facilidade que ela tem de transportá-lo pelo rio Jequitinhonha; as comarcas mais setentrionais de Goiás queixar-se-iam da enorme distância que as separa da atual capital da Província; Campos dos Goitacazes fariam valer suas riquezas, seus numerosos engenhos de açúcar, seu rio, as terras dos arredores inteiramente amanhadas, etc. Mas devemos dizer que são relativamente pequenas as diferenças existentes entre as diversas partes das Províncias que acabo de citar; em Ouro Prêto fàcilmente se poderá fazer idéia justa das necessidades de Minas Novas; não é necessário grande esfôrço para imaginar-se no Rio de Janeiro o que são os engenhos de açúcar de Campos, suas terras cuidadosamente cultivadas, e seus numerosos escravos. Além de Itararé, ao contrário, começa um mundo nôvo para os que vêm do norte da Província de São Paulo. O campo tem outro aspecto; os produtos da terra não são mais os mesmos; há nas origens raciais notável diferença: os habitantes do norte de São Paulo são, em grande parte, descendentes de portuguêses e de índias; a maioria dos curitibanos pertence inteiramente à raça caucásica; enfim, a quinta comarca talvez tenha menos analogia com as outras que a Dinamarca com o Languedoc, salvo as diferenças de religião e de linguagem. Homens afastados 110 léguas de uma região que não conhecem e se enganariam rotundamente se a julgassem por semelhanças encontradas nas em que vivem, poderiam administrá-la convenientemente? Creio que não haverá quem responda que sim.

Confesso, entretanto, que eu hesitaria se tivesse de pronunciar-me sôbre essa grave questão. E o motivo que

me deixaria indeciso seria, sem a menor dúvida, o mesmo que impede a Assembléia Geral de manifestar-se. De certo tempo a esta parte, cada vila, cada aldeia brasileira, quer tornar-se sede de distrito, cada cidade sede de comarca. Se seguirem o mesmo caminho com relação às Províncias, se separarem Curitiba de São Paulo, muitas comarcas quererão gozar do mesmo privilégio e os laços já tão fracos que existem entre as diferentes regiões do Brasil, não tardarão a enfraquecer-se ainda mais. Conquanto a pretensão dos curitibanos seja justa, talvez fôsse digno de seu patriotismo adiá-la por algum tempo. "Não visitei sòmente o Brasil — disse eu certa vez —, estive também nas margens do Prata e do Uruguai. Ainda recentemente eram estas umas das mais belas regiões da América Meridional. Seus habitantes desuniram-se, cada vila, cada aldeia pretendia *formar a sua pátria à parte;* chefes ignóbeis armados surgiram de todos os recantos; a população foi dispersada ou aniquilada; as estâncias foram destruídas; grandes extensões de terras que podiam constituir Províncias, agora cobrem-se de cardos, e onde pastavam inúmeras reses, vêem-se apenas cães sem dono, veados, avestruzes e ferozes jaguares(22)."

---

(22) Êsses períodos são transcritos do *Resumo histórico das revoluções do Brasil,* com que termino minha *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil.* Nesse trabalho faço inteira justiça ao imperador D. Pedro I, cuja reputação aumentará com o decorrer dos anos; mas, ao mesmo tempo, não oculto as suas faltas. Durante a sua estada em Paris, êle assim falou a um de meus amigos: "Diga ao Sr. Aug. de Saint-Hilaire que êle disse a verdade." Êste rasgo de nobreza muito honra a memória do ilustre soberano e, por isso mesmo, não devo deixar de torná-lo conhecido.

IV – A *Viagem às províncias de S. Pa* *e de Sta. Catarina* é a 4.ª parte do plano SAINT-HILAIRE, publicada em Paris, 18 Foi traduzida, a parte referente a S. Pa (incompletamente), por Leopoldo PERE e publicada por Monteiro Lobato & C S. Paulo, 1922, sob o título: *S. Paulo* *tempos coloniais*. A tradução completa parte paulista foi feita por Rubens Bo de MORAIS e é o vol. II da Biblioteca H tórica Brasileira (S. Paulo, 1940). A pa referente a Santa Catarina, traduzida Carlos da Costa PEREIRA, faz parte de coleção: n.º 58, 1936. O mesmo tradu completa agora a tradução do original fr cês com o presente volume, referente comarca de Curitiba (que constitui o at Estado do Paraná), outrora pertencente S. Paulo. O mesmo fizera anteriorme David CARNEIRO (Curitiba, 1931 – 2.ª 1938).

Deve-se acrescentar a essas quatro v gens, publicadas em vida do autor, a *Viag* *ao Rio Grande do Sul*, aparecida pòstun mente (Orléans, 1887). Foi traduzida Leonam de Azeredo PENA (1.ª ed., R 1935) e incluída também nesta coleção (ed., n.º 167 – 1939). Completa-se esta t dução com a chamada *Segunda viagem* *Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Pau* tradução de Afonso de E. TAUNAY (n.º da coleção – 1932) que são os capítu finais da última viagem.

Mencione-se, para completar esta re ção da *Saint-Hilaireana* brasileira, a trad ção feita por José Matoso Maia FORTE c trechos das várias viagens, relativos à Pr víncia Fluminense.

Estamos agora habilitados a erigir o m numento a que se referia Tobias MONTEI Tôdas as peças estão aparelhadas. É o c pretendemos fazer, com o apoio, que n faltará, do público interessado e culto.

A. J. L.

BRASILIANA

Direção de

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

★

Últimos volumes publicados:

286 — R. MAGALHÃES JR.: *Três Panfletários do Segundo Reinado.*

287 — CLADO RIBEIRO DE LESSA: *Viagem de África em o Reino de Dahomé.*

288 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: *O Brasil e o Colonialismo Europeu.*

289 — CLOVIS CALDEIRA: *Mutirão* (formas de ajuda mútua no meio rural).

290 — CHARLES WAGLEY: *Uma Comunidade Amazônica* (estudo do homem nos trópicos). Tradução de Clotilde da Silva Costa.

291 — J. CRUZ COSTA: *O Positivismo na República* — notas sôbre a história do positivismo no Brasil.

292 — ANÍSIO JOBIM: *O Amazonas — sua história.*

293 — JOÃO DORNAS FILHO: *O ouro das Gerais e a civilização da Capitania.*

294 — MIGUEL DO RIO-BRANCO: *Correspondência entre D. Pedro II e o Barão do Rio Branco.*

295 — ALUÍSIO NAPOLEÃO: *Santos-Dumont e a conquista do ar.*

296 — MILTON SANTOS: *Zona do Cacau.*

297 — JOSÉ ANTÔNIO SOARES DE SOUZA: *Honório Hermeto no Rio da Prata.*

298 — CAIO DE FREITAS: *George Canning e o Brasil* (em dois volumes).

299 — MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA: *O Marquês de Pombal e o Brasil.*

300 — ALCEU MAYNARD DE ARAÚJO: *Medicina Rústica* (prêmio "Brasiliana", 1959).

301 — MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA: *O Intendente Câmara.*

302 — EDISON CARNEIRO: *O Quilombo dos Palmares.*

303 — ESTEVÃO PINTO: *Muxarabis e Balcões — e outros ensaios.*

304 — RODRIGO SOARES JÚNIOR: *Jorge Tibiriçá e sua época* (em dois volumes).

305 — F. FERNANDES e R. BASTIDE: *Brancos e negros em São Paulo* (2.ª edição).

306 — JOSÉ A. TEIXEIRA: *Folclore Goiano* (2.ª edição).

307 — OCTAVIO IANNI e F. H. CARDOSO: *Côr e mobilidade social em Florianópolis.*

308 — JOÃO CAMILLO DE OLIVEIRA TÔRRES: *A formação do federalismo no Brasil.*

309 — NELSON LAGE MASCARENHAS: *Um jornalista do Império* (Firmino Rodrigues Silva).

310 — OSWALDO R. CABRAL: *João Maria — Interpretação da Campanha do Contestado.*

311 — PAULO CAVALCANTI: *Eça de Queiroz, agitador no Brasil.*

312 — C. R. BOXER: *Os holandeses no Brasil.* (1624-1654). Tradução de Olivério de Oliveira Pinto.

313 — ROGER BASTIDE: *O candomblé da Bahia.* Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

314 — J. F. ALMEIDA PRADO: *São Vicente e as capitanias do sul do Brasil* (as origens).

315 — AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE: *Viagem à Comarca de Curitiba* (1820).

316 — FRANCIS HUXLEY: *Selvagens amáveis* (um antropologista entre os índios Urubus).

317 — JOSÉ FERREIRA CARRATO: *As Minas Gerais e os primórdios do Caraça.*

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SEDE: Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo 2, SP